

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU  
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

ANTÔNIO CÉSAR MARTINS LOPES

**RACIONALIDADE FORMAL-ABSTRATA E IRRACIONALISMO: MÍDIA  
IMPRESSA E DROGADIÇÃO, UMA DAS EXPRESSÕES DA *QUESTÃO*  
SOCIAL EM GOIÁS**

Goiânia

2016

ANTÔNIO CÉSAR MARTINS LOPES

**RACIONALIDADE FORMAL-ABSTRATA E IRRACIONALISMO: MÍDIA  
IMPRESSA E DROGADIÇÃO, UMA DAS EXPRESSÕES DA *QUESTÃO*  
SOCIAL EM GOIÁS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do curso de mestrado em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) como requisito parcial para qualificação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Darci Roldão de Carvalho Sousa

GOIÂNIA

2016

L864r Lopes, Antônio César Martins  
Racionalidade formal-abstrata e irracionalismo [manuscrito]  
: mídia impressa e drogadição, uma das expressões da questão  
social em Goiás / Antônio César Martins Lopes.-- 2016.  
156 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação STRICTO  
SENSU em Serviço Social, Goiânia, 2016

Inclui referências

1. Mídia social. 2. Drogas - Abuso - Goiás (Estado).  
3. Drogas - Aspectos sociais - Goiás (Estado). 4.  
Tráfico de drogas - Goiás (Estado). I.Sousa, Darci  
Roldão de Carvalho. II.Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás. III. Título.

CDU: 364.692:615.2:615.015.6(043)

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Serviço Social defendida em 6 de maio de 2016, avaliada e aprovada pela banca examinadora.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Darci Roldão de Carvalho Sousa  
(Presidenta)

---

Profa. Dra. Lúcia Maria Moraes  
(PUC-Goiás / membro)

---

Profa. Dra. Omari Ludovico Martins  
(Universidade Federal de Goiás (UFG) / membro)

---

Profa. Dra. Maísa Miralva da Silva  
(PUC-Goiás / suplente)

*E o mundo não é um laboratório de anatomia  
nem os homens são cadáveres que devam ser  
estudados passivamente*

*Freire, 1977*

À vida,

Por aquilo que nos proporciona no decorrer da efêmera experiência  
terrena.

Com uma das mãos (plagiando mãe) nos dá, com a outra, retira (tal  
qual pai), tatuando verdades e ilusões em corações e mentes  
atorreados na luta desigual e diária, tabuleiro das batalhas concretas.

É pela atitude ética que o trabalhador constrói a militância, forma  
opinião, atua enquanto agente de mudanças.

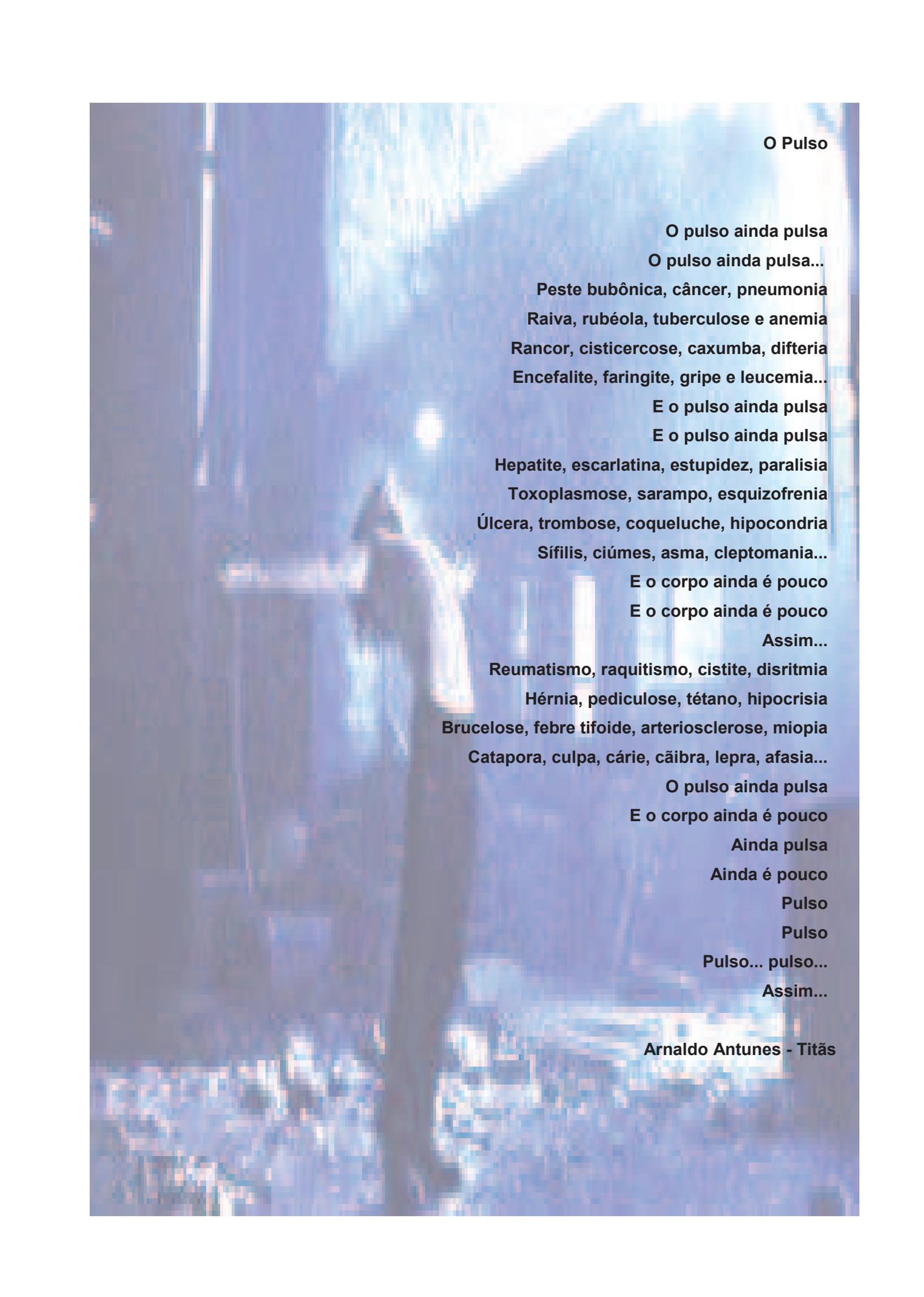
A luta incansável em busca da emancipação humana urge por  
identidade, compromisso e educação de qualidade.

O exercício livre da profissão é mote no enfrentamento e desvelo da  
falácia pública conivente com a promoção da política de conveniência,  
alimento do pote de egos sem fundo, ouro de tolos e alquimia vazia em  
moral delegada aos restos da burguesia, gênese do ser social sem  
face e sobranço cujo estômago, magro, arrota a si mesmo crucificado  
em números e gráficos retratos da decadência (des) humana.

Ao manipular possibilidades, direitos e amearhar qualidade de vida a  
trabalhadores alienados o sistema capitalista de projeto neoliberal  
expõe na janela societária a convulsão social consequência imediata  
da exploração incessante da classe vulnerável, fenômeno social e  
político determinado pela acumulação incessante do capital, ferramenta  
moderna do estruturalismo e miséria da razão.

Desde o passado, e, na janela do futuro, uma multidão de homens  
'relegados e encaminhados' destina-se a sangue ou óleo do *status quo*.

Antônio C. M. Lopes, 2016



O Pulso

O pulso ainda pulsa

O pulso ainda pulsa...

Peste bubônica, câncer, pneumonia

Raiva, rubéola, tuberculose e anemia

Rancor, cisticercose, caxumba, difteria

Encefalite, faringite, gripe e leucemia...

E o pulso ainda pulsa

E o pulso ainda pulsa

Hepatite, escarlatina, estupidez, paralisia

Toxoplasmose, sarampo, esquizofrenia

Úlcera, trombose, coqueluche, hipocondria

Sífilis, ciúmes, asma, cleptomania...

E o corpo ainda é pouco

E o corpo ainda é pouco

Assim...

Reumatismo, raquitismo, cistite, disritmia

Hérnia, pediculose, tétano, hipocrisia

Brucelose, febre tifoide, arteriosclerose, miopia

Catapora, culpa, cárie, cãibra, lepra, afasia...

O pulso ainda pulsa

E o corpo ainda é pouco

Ainda pulsa

Ainda é pouco

Pulso

Pulso

Pulso... pulso...

Assim...

Arnaldo Antunes - Titãs

## Diversão

A vida até parece uma festa,  
Em certas horas isso é o que nos resta.  
Não se esquece o preço que ela cobra,  
Em certas horas isso é o que nos sobra.  
Ficar frágil feito uma criança,  
Só por medo ou por insegurança.  
Ficar bem ou mal acompanhado,  
Não importa se der tudo errado.  
Às vezes qualquer um faz qualquer coisa  
Por sexo, drogas e diversão.  
Tudo isso às vezes só aumenta  
A angústia e a insatisfação.  
Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool  
Atrás de distração.  
Nada disso às vezes diminui  
A dor e a solidão.  
Tudo isso, às vezes tudo é fútil,  
Ficar ébrio atrás de diversão.  
Nada disso, às vezes nada importa,  
Ficar sóbrio não é solução.  
Diversão é solução sim,  
Diversão é solução prá mim.  
Diversão é solução sim,  
Diversão é solução prá mim.  
Diversão é solução sim,  
Diversão é solução prá mim.  
Diversão!  
Diversão!

Arnaldo Antunes / Branco Mello - **Titãs**

## AGRADECIMENTO

À fome

De gente da gente

Do grão da companhia no prato raso, farto em solidão.

De alimento saudável na bandeja que derrama promessas, vazia em dignidades.

Dos direitos universais num mundo desigual e corruptível, de um dono só.

Da sabedoria a apreender, mesmo ao preço da tirania do Estado que vende direitos.

De humildade num universo infestado por hipocrisias, orgulhos e falácias.

De socialismo numa sociedade com dois pesos e muitas medidas.

De valores ao caminhar a trilha da coletividade fincada em signos.

E saudade do pai presente, quando criança e que viajou cedo, na idade adulta.

De mãe viúva, parceira e exemplo, sustento e rumo, mãos e coração.

Dos filhos apartados num suspiro de efêmeras esperanças, fugazes, perdidas.

De mestre quando apanhei e aprendi, contestei e convivi, engajei, estudei e escrevi.

De praticidade e visibilidade quando a hierarquia ignora, submete e relega.

Das cores e raças, idiomas e culturas, sexualidade e ideologias, discursos da razão.

De sangue nos olhos, uma militância mais vermelha, mais anarquista, mais latente.

Da liberdade nas ruas capaz de provocar revoluções políticas, sorrisos e orgasmos.

De netos que já ganhei, da ânsia em ser criança e apreciar no céu pipas, estrelas.

Do mar sob o sol, da semente que germine, da lua cercada de universo.

Da loucura sem a qual não se deve aceitar que a vida é curta, doída e vale a pena.

Da fome, que provoca revolução nos estômagos sem dignidade, fracos e oprimidos.

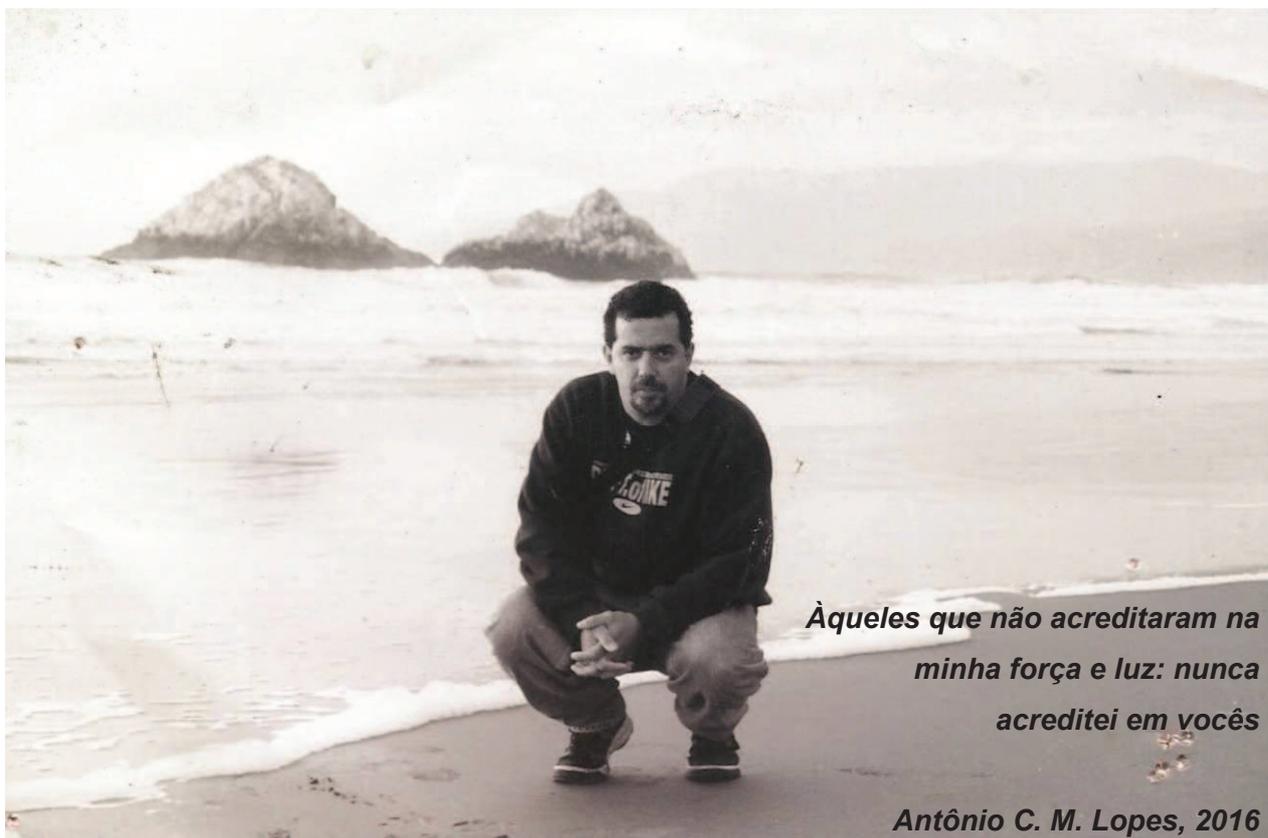
De audácia e coragem que desnudem a covardia da sociedade (des) organizada.

Do espírito cínico e criador que aponte saídas sem intencionar ou leiloar as almas.

Do pulso convicto experiente e forte, apto a transformar corações e mentes.

E do pulso, que ainda pulsa!

Antônio C. M. Lopes, 2016



*Àqueles que não acreditaram na  
minha força e luz: nunca  
acreditei em vocês*

*Antônio C. M. Lopes, 2016*

Para

Minha mãe.

Ela conhece bem todos os meus porquês.

Irmãos Márcia, Adriana, Joselena, Cristiane e Fernando.

Eles acreditaram e salvaram uma nau à deriva.

Filhos Pedro (com Juliana); Mariana (com Túlio) e Marina.

Um dia, o passado vira verdade no espelho.

Filhos postiços Raíssa, Lawra (com Francisco) e Victor.

Netos Ana Júlia, Helena e João.

As mulheres que tive, tenho e aquelas que um dia terei.

*Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muitos bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.*

*Bertolt Brecht*

Gente que trilha meu caminho e acredita, escuta e compartilha, coloca a maior fé naquilo em que acredito. Junto a eles a luta continua, e, o pulso, ainda pulsa! Milla Flor, companheira da realidade feita a pedras, no chão, e de sonhos almeçados entre as estrelas que direcionam o céu; irmãos de força e fé, paciência e luta Giovanny Humberto e Driely, sempre; camaradas Ailma Oliveira, Aldo Arantes, Fábio Tokarski, Honório Rocha, Isaura Lemos, Luiz Carlos Orro, Nivaldo Santos, Tatiana Lemos, Flávio Batista; caricaturista Almir de Andrade; jornalistas Almir Silva, Batista Custódio, Renato Dias, Ulisses Aesse, Welliton Carlos, Elder Dias; editores Antônio Almeida e Waldecy Almeida; gráfico Antônio Pereira; psicólogos e psiquiatras Dalva C. Machado, Esmeralda Estrela, Lourival Belém, Mônica Café, Vera Morselli, Wadson Arantes; Assistentes sociais Ana Paula, Daniela de Matos, Danieli Milhomem, Divina Maria Oliveira, Elaine Moura, Gabriela Batista, Gelva Maristane, Iris Monteiro, José Eduardo Silva, Marcela Tavares, Marcos Vinícius, Núbia Rosendo, Rayana Athaídes; filósofo Arcione Arzara; vereadores Paulo Magalhães e Tatiana Lemos; companheiros e irmãos Cláudio Manrique e Rosane Neiva, José Araújo Jr. e Isleide, Maurício Martins de Faria; irmãos do exílio Fred (*in memoriam*) & Magda Harris, Adjar Rodrigues, Eduardo Sousa, Fábio Martins (*in memoriam*), Marcos Teixeira, Ricardo Reis, Ricardo Guerra, Rob Mazefa, Yanic Fluhmann; professores e colaboradores dos departamentos de graduação e mestrado em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e outras instituições Araguaia Leite, Athos Magno, Carmem Paro, Conceição Padiã, Constantina Guerreiro, Darci Roldão, Eliana Andrade, Germano Silva, Hélio Capel, Josué Vieira, Lúcia Moraes, Lúcia Rincon, Maísa Miralva, Margot, Marly Machado, Neusa Mendonça, Olívia Jácomo, Omari Ludovico, Patrícia Basílio, Sandra Faria, Silvio Costa, Vera Lúcia, Zezé Pereira, em especial às professoras Walderez Loureiro Miguel referência no Serviço Social brasileiro e a saudosa Maria José; secretárias Edna, na graduação, e, Amanda, no mestrado; à Nova Acrópole Filosofia; produtora cultural do mestrado em Direitos Humanos (UFG) Marisa Damas; eternos mestres Habib Badião e Reinaldo Pantaleão. Aos trabalhadores desta trincheira da diversidade trespassada por ideologias e matizes de uma vida aparente. Até aqui, a viagem foi intensa, a vida ensina que somente o idealismo vence temores e dificuldades, males físicos e penas da alma, dores psicológicas e morais. A função terrena de todo viajante é, incansavelmente, espalhar conhecimento e sabedoria a todos e por onde passa.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>13</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I - RAZÃO E DESRAZÃO NA MODERNIDADE.....</b>	<b>20</b>
1.1 A possibilidade da razão humana científica .....	22
1.2 O rompimento burguês com a tradição progressista.....	23
1.3 A perspectiva da totalidade que permeia as questões imediatas e mediatas ..	26
1.4 A reivindicação liberal enquanto transformação econômica e afirmação do capitalismo .....	28
1.5 A sociedade burguesa permeada por uma realidade social de aparência e essência.....	31
1.6 A práxis revolucionária trespassa espectros contraditórios da razão/desrazão ....	35
<b>CAPÍTULO II - A OFENSIVA NEOLIBERAL MUNDIALIZADA .....</b>	<b>37</b>
2.1 Com gênese no século XVI, o capitalismo cumulativo trespassa a economia globalizada e alcança o liberalismo do século XIX .....	39
2.2 A hegemonia da ordem neoliberal sob a batuta da classe burguesa.....	42
2.3 Mundializado, o capitalismo produz/reproduz a especulação financeira e as desigualdades.....	48
2.4 O capitalismo imperialista neoliberal no Brasil de Collor: marajás x descamisados .....	50
2.5.1 Antecedentes históricos .....	54
2.5.1.1 Políticos .....	54
2.5.1.2 Questão de saúde x <i>marketing</i> da mídia.....	56
<b>CAPÍTULO III - A TRAJETÓRIA DA DROGADIÇÃO COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL E A MÍDIA IMPRESSA EM GOIÁS .....</b>	<b>63</b>
3.1 A sociedade moderna e a relação de conflito e violência: o tráfico de drogas como mecanismo de acumulação do capital .....	64

3.2 A conjuntura do capitalismo globalizado engendra a problemática da drogadição e trespassa direitos constitucionais.....	67
3.2.1 A estratégia internacional de expansão do capital afeta a política econômica e social de construção do "Brasil Grande".....	73
3.2.2 As protoformas das configurações pré-capitalistas e interrogantes do trabalho social.....	76
3.3 O nascimento das empresas de notícias.....	78
3.4 A proliferação de jornais e o aumento das tiragens passam pelo prelo da liberdade de imprensa.....	83
3.5 A mídia brasileira e o alarme proibicionista.....	85
3.6 As relações entre poder, política e violência, hegemonia que habita a mídia ..	91
3.7 O capital mundial demanda novas técnicas da informação e determina ações de conflito.....	93
3.8 Jornal <i>Diário da Manhã</i> : referencial histórico na construção da imprensa em Goiás.....	95
3.9 A redescrição da expressão social mídia e drogas, publicada nas páginas do jornal <i>Diário da Manhã</i> .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>127</b>
Anexo 1.....	128
Anexo 2.....	130
Anexo 3.....	135

## RESUMO

Esta exposição de pesquisa bibliográfica e documental tem por objeto **Racionalidade formal-abstrata e irracionalismo: mídia impressa e drogadição, umas das expressões da *questão social* em Goiás**. Trata-se de um trabalho cujo período histórico temporal abarca os anos de 2013 a 2015, e busca descobrir as razões econômicas, políticas e socioculturais determinadas pela trajetória capitalista contemporânea, impulsionadora desta relação dialética de conflito relacionado à saúde. O interesse por investigar este objeto nasceu do questionamento do pesquisador quanto à realidade sócio-histórica e econômica que envolve os mais diferenciados mercados relacionados à questão das substâncias legalizadas e também aquelas ainda mantidas sob a jurisdição da ilegalidade e sua correlação com a mídia impressa. Estas, enquanto expressões diversas da *questão social* abarcam as mais diferentes ideologias, mercados, heranças culturais e discussões ligadas ao espectro coletivo o qual engendra a realidade conjuntural das drogas interpretada como problema de saúde. Enquanto trabalhador na comunicação social e assistente social, o autor dá à investigação um mote ou retrato social da prática cotidiana da crítica e/ou propaganda relacionadas ao mercado consumidor, o que a mídia impressa publica e problematiza referente à dependência química, em Goiás, realidade que abrange o resto do mundo globalizado.

**Palavras-chave:** Mídia, drogas, razão/desrazão, capital.

## ABSTRACT

This exhibition of bibliographical and documentary research is formal-abstract Rationality object and irrationalism: Print and drug addiction, one of the expressions of the social question in Goiás This is a work whose temporal historical period covers the years 2013-2015, and seeks to discover the economic, political and sociocultural determined by contemporary capitalist path, driving this dialectical relationship of health related conflict. The interest in investigating this object was born questioning the researcher as to the socio-historical and economic reality that involves the most different markets related to the issue of legalized substances and also those still held under the jurisdiction of illegality and its correlation with the print media. These, as different expressions of social issues encompass the most diverse ideologies, markets, cultural heritages and discussions related to collective spectrum which engenders cyclical reality of drugs interpreted as a health problem. While working in the media and social worker, the author gives the research a motto or social portrait of everyday criticism practice and / or advertising relating to the consumer market, the print media publishes and discusses related to drug addiction, in Goiás, reality covering the rest of the globalized world.

**Keywords:** media, drugs, reason / unreason, capital

## INTRODUÇÃO

A presente exposição tem por objeto **Racionalidade formal-abstrata e irracionalismo: mídia impressa e drogadição, umas das expressões da *questão social* em Goiás**. Trata-se de um estudo que busca descobrir, sob as dimensões econômicas, políticas e socioculturais as determinações históricas da relação mídia impressa e drogadição como uma das expressões da *questão social* resultante na contemporaneidade das mazelas da ordem burguesa, retratada nas múltiplas e diversificadas crises periódicas do capitalismo. De acordo com Hobsbawm (2007), a tragédia histórica das Décadas de Crise foi a de que a produção agora dispensava, visivelmente, trabalhadores mais rapidamente do que a economia de mercado gerava novos empregos para eles, estratégia capitalista, neoliberal, fundamentada no exército de reserva enquanto pilar da política de baixos salários e disponibilidade de mão de obra, os sobrantes. O aperto financeiro dos governos, - maiores empregadores – acentuado pela conjuntura global, acelera este processo após a década de 1980. Segundo o autor, a teologia do mercado livre, em favor da transferência de emprego, com foco na maximização dos lucros, principalmente das empresas privadas.

Esta exposição norteia-se pela matriz dialética crítica que busca como a drogadição é explicitada na mídia impressa, em Goiás, com recorte entre 2013 e 2015, por trazer como fato midiático e histórico importante à questão do uso de drogas ou novas substâncias – as conclusões do Relatório Mundial sobre Drogas 2013. Estas apresentam lições importantes para a próxima revisão de alto nível dos compromissos que países reafirmaram, em 2009, com relação às medidas de controle de substâncias, dispostas na Declaração Política e Plano de Ação em Cooperação Internacional para uma estratégia integrada e balanceada no enfrentamento do problema mundial das drogas. Com considerável aumento em sua produção devido às novas tecnologias que originam substâncias psicoativas, a nível mundial.

Este objeto é analisado inserido no processo dinâmico da realidade social na relação imediatividade e mediaticidade, em meio à “flexibilização” do capitalismo tardio, levando ‘a-classe-que-só-vive-do-trabalho’ à defensiva e penalizando duramente a esmagadora maioria da sociedade” (NETTO, 1996, p. 102), uma relação histórica onde se inserem a mídia, instituições de saúde e a drogadição,

envoltos por mediações dinâmicas, e sob o espectro das contradições das relações sociais em uma coletividade onde, segundo Marx, in (NETTO, 2005) “o homem é o mundo dos homens, o Estado, a sociedade” (p.145).

Homens estes que estão inscritos na articulação *marketing* e drogadição como elemento de fomento ao mercado consumidor de drogas lícitas e ilícitas, as quais são consideradas mercadoria engendrada na coletividade goiana – como sociedade capitalista da periferia – onde os antagonismos de classe expressam-se no coletivo não igualitário, imersos em um padrão de acumulação de capital, que domina as relações sociais com hegemonia. “O crescente alargamento da distância entre o mundo rico e o mundo pobre (e provavelmente dentro do mundo rico, entre os seus ricos e os seus pobres); a ascensão do racismo e da xenofobia; e a crise ecológica do globo, que nos afetará a todos” (HOBBSAWM, 1992, p. 104).

O uso de drogas, hoje, chamadas substâncias psicoativas (SPA) é entendido pelo senso comum como transgressão, desvio, disfunção à ordem vigente quer seja por razões sociais, culturais, religiosas ou moralistas, recreativas devido à curiosidade ou forma de enfrentamento dos problemas pelas famílias, ou ainda necessidade de inserção na vida social. Essa expressão da droga, aguçada na banalização de valores e fetichismo presentes na sociedade moderna e consumista, segundo Guimarães (2007), afasta o trabalhador do debate e atividade política, transforma hábitos sociais e culturais sob a influência da TV, exacerba o individualismo, fomenta o consumo exacerbado, reforça o culto ao corpo enquanto moda, empobrece a ação intelectual e deprecia a cultura que não seja pop, deixa de ter algum valor ou fazer sentido (p. 69-70).

O interesse por investigar este objeto nasceu do questionamento do pesquisador quanto à realidade social e econômica das determinações históricas e econômicas que envolvem o mercado capitalista relacionado às drogas legalizadas ou ainda mantidas pela jurisdição na ilegalidade.

Ao trazer a discussão para a região de Goiânia / Goiás, da drogadição expressa na mídia, explicada nesta exposição como umas das expressões da *questão social* relacionada, principalmente, à precarização do trabalho na cidade desfigurada pela concentração urbana enquanto consequência da desmobilização dos assentamentos agrícolas de trabalhadores expulsos do campo pela força do capital – braço do sistema com poder de desmobilizar e instalar os sobrantes, ou

integrantes do exército de reserva, às margens da urbe planejada – expressão social imediata da gestão de perfil neoliberal que fomenta a vulnerabilidade social.

Sobre esta expressão de violência e estigma social, cultural e político, conivente e conveniente, denuncia Belém (2011) que, para satisfazer grupos parlamentares – reacionários – o Sistema Único de Saúde (SUS), através do governo federal, financia comunidades terapêuticas, em sua grande maioria, orientadas na religiosidade moralista, hoje, esteio das práticas de sequestro, resgate e cárcere privado do usuário de drogas, preso em clínicas ditas médicas as quais alimentam do mercado das toxicomanias, e que desloca, rapidamente, do tráfico para a área de cuidados (p. 3).

Enquanto expressões variadas da *questão social*, as quais abarcam ideologias múltiplas, próprias de matrizes teóricas e metodologias diversas, o uso de drogas pode ser associado às condições objetivas e subjetivas de vida inerentes à condição humana.

Trabalhador na comunicação social e assistente social, o pesquisador dá à análise, como ponto de partida, a realidade social pesquisada e impressa, que diz respeito a uma coletividade subjugada à prática cotidiana do *marketing* com o fomento ao mercado consumidor de drogas, dividido em “duas frentes: os ganchos factuais, que estão sempre no noticiário da emissora, e as matérias especiais, incluindo campanhas” (ANDI, 2003, p. 97), retratada pela mídia impressa, a qual problematiza a drogadição como expressão no Estado de Goiás, abrangendo o Brasil, cuja problemática é engendrada pela lógica sociocultural, econômica e política, em face das mazelas da ordem burguesa que agudiza a questão de saúde mundial.

Assim o alcance dessa exposição dar-se-á na correlação entre a mídia impressa “livre”, que, de acordo com Marx: “A primeira liberdade da imprensa consiste em que ela não seja um ofício” (1999, p. 77), enquanto agente de promoção e publicação das informações ou através do *marketing* via denúncias veladas sobre a drogadição, como uma das expressões da *questão social* ou por meio das pesquisas bibliográfica e documental. Publicações de veículos informativos, em Goiás, são tomadas, aqui, nas suas formas impressas, tais como jornais e revistas, além da empiria realizada em sites e periódicos, boletins e resultados de pesquisas, dentre outros, buscando entender essa relação entre imprensa de *marketing*, como

veículo sensacionalista estruturado na denúncia e, a mesma imprensa, enquanto ferramenta democrática, além do relato histórico da mídia impressa no Estado.

No que refere-se à análise da realidade social, enquanto processo histórico, o estudo da liberdade de imprensa em Marx (2006) é veículo de informação e conscientização política da classe operária, no século XIX, onde já denuncia a existência acorrentada dos veículos de informação.

Na literatura pesquisada, evidenciam-se os estudos de Fernandes (1974); Pereira (1977); Foucault (1977-1978); Galeano (1978); Netto (1981); Freire (1984); Basaglia (1985); DaMatta (1986); Hobsbawm (1992); Chasin (1997); Lukács (1997); Yamamoto (2000); ANDI (2003); Vivarta (2005); Marx (2006); Guimarães (2007); Tiba (2007); Niel & Silveira (2008); Nietzsche (2008); Thompson (2008); Silva (2008); Perillo & Issy (2009); Coutinho (2010); Frigotto (2010); Rodrigues (2010); Belém (2011); Maciel (2012); Viana (2012); Arbex (2013); Gomes (2010-2013), dentre outros autores, em seus diversos matizes.

A discussão da mídia e da drogadição como objeto de análise, com a contribuição e fundamentação da dialética crítica, com um todo, deve passar pela compreensão e avaliação da importância da imprensa na vida social contemporânea, tratando de dissecar a hegemonia burguesa na construção dinâmica e histórica da sociedade, sua interconexão com a comunicação enquanto ferramenta além de suas implicações e expansão na realidade, no mundo atual, o qual pode ou não estar saturado pela informação nas suas mais variadas formas.

A notícia destinada às manchetes midiáticas passa pela exploração e tráfico, guerras e lavagem de dinheiro, hegemonia de poder e acumulação de capital como expressões do mundo contemporâneo. Essa realidade retrata uma sociedade modernizada e eletrônica, - atrelada à informação impressa, televisada ou através do alcance das ondas do rádio - a qual abarca grande parte das classes sociais, estando elas de posse do jornal do dia ou mesmo aquelas fadadas a estampar as páginas policiais, realidade e expressão social que remonta aos primórdios da coletividade.

Esta exposição está organizada em três capítulos. O primeiro deles procura discutir e trazer à tona as nuances do sistema capitalista, conhecidas como as expressões sociais que preconizam o sistema de exploração dos sujeitos trabalhadores, o proletariado, as quais, de acordo com a teoria e no exercício da prática tornam-se atores sociais promotores da luta pela sobrevivência, diária e

desigual, que denuncia sua condição política enquanto a miséria da razão. O segundo capítulo trata de desvelar o fato político da mundialização a qual é trespassada pelo viés da economia de perfil neoliberal, na qual, mesmo em crise, o Estado continua existindo. Já o sujeito trabalhador alienado – ‘disponibilizado’ pelo sistema capitalista à logística do lucro obtido nas fileiras do exército de reserva – enquanto sujeito que passa a abusar de substâncias lícitas e ilícitas – propaladas pela mídia – devidamente alimentada no valor do capital e avalizada pela ideologia do Estado. E o terceiro, busca desmascarar o mercado lucrativo da violência e correção, que promove o alijamento do ser social de seu direito à discussão – paradigma midiático -, revelando que nenhum crime se presta melhor para demonstrar serviço, engordar estatísticas criminais, simular flagrantes, discriminar certos grupos sociais, desestabilizar desafetos políticos ou pessoais, levantando a falácia moral que desmoraliza e despersonaliza o ser social, quer seja no discurso, quer seja na fala parlamentar ou publicação da imprensa. Expõe ainda as razões econômicas, políticas e socioculturais que impulsionaram a mídia impressa e sua relação de conflito com a discussão da drogadição enquanto questão de saúde pública, portanto, como uma das expressões da *questão social*. Expõe as relações de poder e mercado, engendradas por aquelas pessoais e as coercitivas por parte do Estado, bem como denuncia o fomento à venda e distribuição das drogas lícitas e/ou ilícitas, enquanto mercadorias aliadas ao estigma e julgamento moral por parte de uma coletividade submetida ao *marketing*.

Para atender ao rigor ético/científico da pesquisa este estudo toma a análise de notícias publicadas pela mídia, em Goiás, a revisão bibliográfica e pesquisa documental, realizadas a partir da consulta no jornal *Diário da Manhã*, em Goiânia, e, recortes de revistas e jornais, livros, monografias, dissertações e teses além de artigos extraídos em *links* da *internet*, tendo como eixo de discussão a matriz dialética crítica que busca explicar como a drogadição é explicitada na mídia impressa, em Goiás.

## CAPÍTULO I

### RAZÃO E DESRAZÃO NA MODERNIDADE

*A miséria da razão é a expressão teórica - deformada e deformante - do mundo burocratizado do capitalismo.*

COUTINHO, 2010

Este tópico detém-se no estudo da discussão histórica e antagônica sobre as relações sociais entre a burguesia e o proletariado. Nele, identificam-se duas fases do pensamento humano, a dos renascentistas a Hegel, que prima pela dialética espiritualista, e, outra, definida entre a época de Hegel a Marx/Engels, estruturada no materialismo concreto e que investiga as condições materiais da vida, ou seja, período histórico que constitui a razão nos princípios/categorias – como humanismo, historicismo concreto e a dialética materialista (COUTINHO, 1972) – da radical ruptura ao abandono e decadência das conquistas anteriores a 1848, cuja conjuntura sociopolítica determinou a crise econômica, culminando na Revolução de 1848 quando se consolidou a ordem burguesa e o modo de ser da sociedade articulada ao capital, momento definitivo do rompimento dos burgueses com a promessa da Revolução Francesa (1789-1799) de: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A burguesia, na condição sociopolítica de classe social, a partir de então, torna-se conservadora e concentra poder além da apropriação dos meios de produção e seu gerenciamento através da capacidade que detém em manipular a força de trabalho explorada na obtenção absoluta da mais-valia e acumulação de capital, o qual gera, dia a dia, ainda mais capital.

Este recorte histórico delimita a incongruência da estrutura societária – desigual e hegemônica - em promover qualquer indício de partilha igualitária das riquezas materiais socialmente produzidas em um sistema capitalista estruturado e subordinado aos “desejos” dos burgos e fetiche, inalcançável, por parte da classe trabalhadora, ou seja, o proletariado. “As revoluções de 1830 e mais ainda as de 1848 - observa - atestam que a burguesia perdeu lugar frente ao progresso social. Em 1830, começa o processo de decomposição da filosofia burguesa clássica, que termina com a Revolução de 1848” (LUKÁCS, s/d, p. 69).

O pensamento burguês transforma-se numa justificativa teórica do existente. Perde-se a possibilidade de apreender a essência da realidade humana. Essas

revoluções impulsionaram a modernização do modo de produção capitalista ao fomentar a concentração do lucro obtido na exploração da mais-valia. Pelas rédeas do lucro sobre lucro nas mãos do grande capital, Marx (1968) define: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob as circunstâncias de sua escolha e sim aquelas com que se defrontam diretamente ligadas e transmitidas pelo passado” (p. 15).

A filosofia da decadência torna-se imediatista, centrada na aparência e fetiches da realidade. Obrigado a promover novas e originais investigações científicas, o capital leva ao nascimento de novas ciências e fragmentação do trabalho. Esse quadro memorial desvela a conjuntura de crise histórica e social, teórico-cultural que se instaurou naquele período de contradições. Àquele tempo, a realidade denunciava a precarização do trabalho e dos direitos, quando o proletariado emergiu como uma *classe-em-si* e *classe-para-si*, autônoma, segundo Coutinho (1972): “Capaz de resolver em sentido progressista as novas contradições geradas pelo próprio capitalismo triunfante” (p. 8).

Dessa crise, surgiram as duas principais matrizes teóricas da modernidade estampadas na obra marxiana e o par racionalismo analítico/irracionalismo (NETTO), que determinavam o rompimento da burguesia com suas promessas de *égalité*, *liberté* e *fraternité* a todos.

É neste recorte histórico que se desenrola e aprofunda a contradição entre a burguesia e aquela que constituía o Terceiro Estado<sup>1</sup>, a grande massa de revoltosos que participou da Revolução Francesa. Para Coutinho (2000) na visão de Gramsci, o Terceiro Estado ou “sociedade civil” caracteriza-se por uma “arena privilegiada da luta de classe, uma esfera do ser social onde se dá uma intensa luta pela hegemonia” e, precisamente por isso, ela não é o “outro” Estado, mas juntamente com a “sociedade política” ou “Estado-coerção” – um dos seus inelimináveis momentos constitutivos.

Por outro lado, Semerano (1999) define que, “nem tudo o que faz parte da sociedade civil é ‘bom’ (ela pode, por exemplo, ser hegemônica pela direita) e nem tudo que provém do Estado é ‘mau’ (ele pode expressar demandas universalistas que

---

<sup>1</sup> O Terceiro Estado era a força política formada pela camada da população que não fazia parte do clero (Primeiro Estado) nem da nobreza (Segundo Estado) composta pelos pequenos burgueses, camponeses, artesãos e o povo/outros trabalhadores – ou seja, eram os trabalhadores assalariados que formavam a classe social excluída da promessa da revolução burguesa ocorrida, na França, em 1848 - alavancada nos pressupostos e princípios da igualdade, fraternidade e liberdade, da Revolução Francesa de 1789. Fonte: <http://novahistorianet.blogspot.com.br/2009/01/revoluofrancesa-1789-1799.html>, acesso em 02 de abril de 2016.

se originam nas lutas das classes subalternas)”, o que remete à questão histórica de que somente uma concreta análise ontológica da correlação de forças presente em cada momento “pode definir, do ângulo das classes subalternas, a função e as potencialidades positivas ou negativas tanto na sociedade civil como do Estado”.

O proletariado desponta enquanto classe autônoma, minando interesses da burguesia, que passa a se tornar conservadora, agente promotora da economia vulgar<sup>2</sup>, até então, representante dos interesses da totalidade do povo, enquanto sociedade organizada.

Essas são as contradições geradas pelo capitalismo emergente, as quais determinam as possibilidades e estabelecem fatores sociais, históricos e econômicos delimitadores da emancipação humana, reivindicação enquanto direito da coletividade que vive em sociedade. As condições históricas para a constituição da razão dialética de Marx são então estabelecidas, a partir da década de 1840, quando se consolidou a ordem burguesa, evidenciando oportunidades e limites do modo de ser da sociedade do capital.

As propostas e promessas da grande burguesia, a qual visualizava uma nova era - a capitalista - anunciavam possibilidades de modernização da sociedade que, aviltada na distribuição das riquezas socialmente produzidas, luta, a partir de então, denotando à classe trabalhadora o *status* de coletivo embasado em direitos. Na Revolução de 1848, a burguesia fere e trai o progresso social.

A burguesia tinha uma exata noção do fato de que todas as armas que forjara contra o feudalismo voltavam seu gume contra ela, que todos os meios de cultura que criara rebelavam contra sua própria civilização, que os deuses que inventara a tinham abandonado (MARX, 1956, p. 261).

### 1.1 A possibilidade da razão humana científica

As possibilidades ‘do modo de ser’ - desiguais - na sociedade capitalista dão o mote da interlocução dialética de superação com a corrente idealista hegeliana (advinda da atribuição e capacidade do espírito humano) e a possibilidade da razão científica, discutida e desenvolvida por Marx e Engels, enquanto razão dialética materialista das condições materiais da vida.

---

<sup>2</sup> A economia vulgar refere-se, em particular, aos trabalhos que se concentram na análise de fenômenos de superfície como, por exemplo, a oferta e a procura, em detrimento das relações estruturais de valor, ou que produzem uma análise que reluta em investigar as relações econômicas de uma maneira científica desinteressada, com medo de chegar às relações de classe subjacentes às trocas de mercadorias. (BOTOMORE, 2001, p. 120)

A tarefa da burguesia, além da conquista da hegemonia é a negação e limitação do papel da razão no conhecimento e práxis humanos. A partir do recorte histórico em que o marxismo toma para si a bandeira da racionalidade dialética ao nível superior do materialismo, esta ruptura torna-se então a essência do pensamento que denota a decadência continuada e paralela do modo de produção burguês. A categoria da razão, empurrada pela força e poder de manipulação, enquanto estrutura e cerne do sistema capitalista, aparece como conceito apressadamente abandonado pela burguesia, conforme afirma Coutinho (2010):

A práxis aparece agora como uma mera atividade técnica de manipulação; a objetividade se fragmenta numa coleção de 'dados' a serem homogêneos; e, finalmente, a razão reduz-se a um conjunto de regras formais subjetivas, desligadas do conteúdo objetivo daquilo a que se aplicam. Essa 'miséria da razão' transforma em algo irracional todos os momentos significativos da vida humana (p. 43).

O capitalismo representa a enorme revolução econômica, política, social e cultural na história da humanidade, dissolvendo a economia feudal e, ao mesmo tempo, suas relações de produção e formas de divisão do trabalho.

Esta a relação político-social caracterizada pela espiral da hierarquia de poder e cuja estrutura socioeconômica retrata a luta em busca da sobrevivência engendrada pelo sistema capitalista. Essas concentram o que a teoria social marxiana define como exploração do homem pelo próprio homem; do capital pelo próprio capital; da obtenção da mais-valia à custa do suor proletário, enfim, uma relação capitalista desigual que, na contemporaneidade, leva os trabalhadores à exploração crescente, torna obsoleto o ser social que, (des) humanizado, passa a viver sob a condição acirrada da precarização dos seus direitos o que dá sentido e direção a uma vida destinada à miséria da razão.

## **1.2 O rompimento burguês com a tradição progressista**

É neste recorte histórico de precarização da vida dos trabalhadores e ampliação do processo de transformação do modo de produção capitalista que nasce a dialética baseada no devir, no ser social bem mais complexo e articulado, o qual conquista a natureza na racionalidade matemática, responsável pelo florescimento das ciências físicas e caráter racional dos processos histórico-sociais.

“A dialética cósmica se junta à dialética histórica, o Iluminismo francês cede passagem da irrazão feudal à razão liberal, capitalista, estruturada nas possibilidades concorrenciais do mercado regulado na força de acumulação material e poder inerente ao capital” (COUTINHO, 2010). Este recurso retrata uma sociedade ambiciosa e desigual, contraditória, de caráter alienado. Sua capacidade de articulação política é presa e denota o violento quadro social resultado da competição desigual - característica estruturante da sociedade capitalista engendrada pela luta de classes, contrapondo ao discurso sobre a questão do materialismo dialético dissecado por Marx, o qual define: “O reencontro com sua humanidade perdida permitirá ao homem construir a ponte que o levará do reino da necessidade ao reino da liberdade” (MARX, s/d. p. 10).

Conceito e categoria política que remete ao enfrentamento de uma luta desigual, travada no campo da sobrevivência, por atores sociais, trabalhadores contemporâneos submetidos ao jugo do capital, o Humanismo traz o homem enquanto produto de sua própria atividade. Quando alcança um significado concreto destaca o caráter ontológico da realidade defendendo o progresso e melhoramento da espécie humana, a realidade objetiva da capacidade de apreender, subjetiva, superando o saber imediato (intuição) do entendimento (intelecto-analítico) enquanto, segundo Lukács (1978) "assistimos à luta por uma filosofia baseada na racionalidade do mundo". Quanto ao desenvolvimento crítico da tradição progressista, efetivado pelo marxismo, este parte diretamente de Hegel. Categorias como o Humanismo, Historicismo concreto e a Razão Dialética são os únicos instrumentos capazes de fundar, cientificamente, a Ética e a Ontologia do Ser Social.

Por outro lado, a moeda societária retrata uma radicalização extremada, cuja realidade moderna, - imposta pelo sistema capitalista e suas relações contraditórias -, quando investigada, segundo a epistemologia do Estruturalismo, denota o que Rodrigues (2012) assim define:

Ao conceber a realidade social como um conjunto de sistemas simbólicos, ou de formas de comunicação, e a linguística como a ciência básica capaz de esclarecer o modo de ser da realidade social, os estruturalistas transportaram o debate filosófico do plano da Ontologia para o da Epistemologia. Em vez de enfatizarem uma análise do objeto, se concentraram na descrição formal dos processos racionais (p. 163).

A decadência da sociedade em luta pela sobrevivência sob os ditames do sistema capitalista, que visa o lucro, começa exatamente por romper com tais

ideologias. A lógica moral expressa sua necessidade. O conhecimento passa a ser o reconhecimento da razão e, segundo Nobuco, "o conhecimento é válido porque é verdadeiro ou é verdadeiro porque é válido".

Em lugar da razão dialética materialista, a qual afirma a cognoscibilidade/ontologia da essência contraditória do real, aparece um irracionalismo fundado na intuição arbitrária, ou um profundo agnosticismo<sup>3</sup> decorrente da limitação da racionalidade às suas formas puramente intelectivas.

Numa crítica às contradições determinadas na diversidade das correntes filosóficas e suas ideologias, Rodrigues prossegue:

Como os demais pensadores da 'miséria da razão', Foucault substitui a ontologia pela epistemologia. Porém, numa perspectiva ainda mais agnóstica, busca empreender uma epistemologia da epistemologia, ou seja, seu projeto teórico não se propõe a uma análise formal dos limites do conhecimento<sup>4</sup> que acaba dissolvendo todos os nexos com a realidade objetiva (2010, p. 163).

A cientificidade de uma filosofia do social reside no modo pelo qual ela apreende as categorias econômicas. Marx anota a observação de que não se deve formar a concepção da pequena burguesia<sup>5</sup> enquanto classe que visa impor-se na condição de coletivo egoísta. O que a torna ambiciosa é a sua incapacidade de ultrapassar os limites dos seus interesses materiais e posição social.

Sobre este conceito que abrange, e, ao mesmo tempo, extrapola os limites da realidade socioeconômica, concreta, Netto explica:

<sup>3</sup> **Agnosticismo** é a doutrina que reputa inacessível ou incognoscível ao entendimento humano a compreensão dos problemas propostos pela metafísica ou religião (a existência de Deus, o sentido da vida e do universo etc.), na medida em que ultrapassam o método empírico de comprovação científica.

<sup>4</sup> As condições de conhecimento que Foucault obstinou-se ao longo de sua trajetória em desvelar não têm qualquer fundamentação objetiva, seu fundamento é pura epistemologia, como ilustra a introdução de *As palavras e as coisas*: "Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *epistémê* onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade" (FOUCAULT, 2000b, p. XVIII-XIX).

<sup>5</sup> **Pequena burguesia** é um termo (às vezes depreciativo) referindo-se a uma classe social que compreenda camponeses semiautônomos e mercadores de pequena escala cuja posição ideológica econômica é determinada como refletindo a da alta burguesia, com os quais o pequeno burguês deseja se identificar, e cuja moralidade burguesa ele se esforça para imitar. O termo é político-econômico, e refere-se ao materialismo histórico. Ele originalmente denotava um substrato da classe média no século XVIII e início do XIX. No meio do século XIX, o teórico proeminente da sociopolítica econômica, Karl Marx, e outros teóricos marxistas usaram o termo **pequena burguesia** para identificar o estrato socioeconômico da burguesia que compreendia os capitalistas de pequena escala, como os lojistas, e trabalhadores que gerenciam a produção, distribuição e ou troca de bens e ou serviços de posse de seus patrões burgueses. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pequena\\_burguesia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pequena_burguesia), acesso em 02 de abril de 2016.

O pensamento de Marx funda uma teoria social: toda a sua pesquisa está centrada na análise radicalmente crítica da emergência, do desenvolvimento, da consolidação e dos vetores da crise da sociedade burguesa e do ordenamento capitalista. Nesta teoria social, o traço peculiar mais pertinente e decisivo refere-se ao seu cerne histórico-ontológico. De um lado, a história aparece como o próprio constitutivo da reflexão teórica, a tensão entre razão e história resolve-se no seu plano mesmo: a razão se historiciza e a história se torna racional. De outro, esta reflexão teórica não se propõe como matriz ideal, modelo intelectual ou paradigma de explicação do real; ela se instaura como reprodução ideal do movimento real do próprio ser social – instaura-se como reconstrução, no nível da razão, do modo de ser do ser social (1989, p. 92-93).

### 1.3 A perspectiva da totalidade que permeia as questões imediatas e mediatas

Ao proletariado resta a tarefa de indagar enquanto sobrevive aos limites da vida que urge, sem demora, suas contradições, a efemeridade da condição humana e condições subjetivas relacionadas à divisão capitalista do trabalho o qual se torna ferramenta de exploração desse sujeito coletivo. A decadência insere-se no terreno da arena global.

Ao discutir esta concepção política, Netto afirma:

Antes de mais, esta teoria articula-se sobre a perspectiva da totalidade: a sociedade é apreendida como uma totalidade concreta, dinâmica e contraditória, que se constitui de processos que, eles mesmos, possuem uma estrutura de totalidade – de maior ou menor complexidade. A categoria da totalidade, nesta angulação, é simultaneamente a categoria central da realidade histórico-social e a categoria nuclear da sua re-produção teórica (1989, p. 92-93).

Quanto ao fenômeno da manipulação da mais-valia engendrada pelo capitalismo tardio na sociedade burguesa consolidada, esta não é uma relação de poder-saber, tampouco um poder imanente à vontade do saber por ser esta uma relação social conflituosa e dialética.

O que permite à 'manipulação desborda(r) a esfera da produção, penetra(r) a circulação e o consumo e articula(r) uma indução comportamental' que objetiva administrar 'o inteiro cotidiano dos indivíduos'- 'destilando um terrorismo psicossocial (...) [em] todas as manifestações anímicas' e '[convertendo] em limbos programáveis' todas as instâncias, 'a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação de imaginários, a gratuidade do ócio etc.', nas quais outrora o indivíduo podia exercer sua relativa autonomia – é a penetração da organização capitalista em todos os poros da vida social no capitalismo monopolista avançado, 'que universalizou, na imediaticidade da vida social, os processos alienantes e alienados peculiares ao modo de produção capitalista, os que se encontram na base do mistério [o fetiche] da forma mercadoria' (NETTO, 1981, p. 82-83).

É importante decifrar a separação que o capitalismo estabelece entre a força de trabalho manual e aquela dispensada ao trabalho intelectual que impede a noção materialista da práxis e transforma a síntese hegeliana a qual reduzia a prática humana a algo simplesmente espiritual. Ao dimensionar este 'problema espiritual' na realidade concreta da conjuntura econômica e social, no século XX, dá-se conta de mais esta mazela econômica moderna enquanto expressão social do sistema capitalista liberal transformado, ou seja, a forma de exploração monetária agora conhecida enquanto sistema capitalista neoliberal.

Sobre este quadro social, o qual denuncia a realidade econômica, Vieira relata:

Dentro do modismo 'neoliberal, os pobres, e, claro a pobreza, acham-se nessa condição porque estão fora do mercado, não sendo mediados por direitos. A miséria humana na atualidade, conforme a ortodoxia 'neoliberal', não constitui violação de direitos, insensatez de alguns ou cruel dominação, mas sim falta de aptidão pessoal, desventura ou 'exclusão' do mercado (2004, p. 113).

No tocante às expressões sociais, estas foram mundializadas já a partir da revolução das máquinas, na metade do século XIX. Areladas à questão do desemprego estrutural que reporta à história do período pós-Segunda Grande Guerra Mundial, a discussão alcança também o perfil econômico do Oriente. As desigualdades societárias - denotadas por uma coletividade extremamente fechada e conservadora - despontam nas mais variadas formas de violência retratadas em diversas nuances sociopolíticas, ou seja, mazelas estruturantes da *questão social*.

O capitalismo colocou fim à divisão feudal do trabalho na Inglaterra do século XVI, por meio da separação entre homens livres e servos da gleba, ou seja, manipulando a forma de exploração da força de trabalho em troca da sua sobrevivência. A mais-valia resultante da transformação do capital empregado, em lucro cumulativo, resulta ainda em mais capital, e distancia os trabalhadores, cada vez mais, da utopia ideológica ligada à tese umbilicalmente atada às reivindicações da ampliação da liberdade humana que passa pelas vias da socialização dos meios de produção – contrária à hipótese ou proposta logística de dominação, hegemonia e poder estruturadas no capital.

Reduzidos a uma pobreza crescente, conforme aumentava a riqueza da sociedade, os operários passavam a sonhar com uma sociedade sem classes, em que a abolição da propriedade privada 'garantiria' a todos a satisfação das

necessidades a partir do projeto da apropriação coletiva dos meios de produção capitalista, enquanto a fonte da alienação do homem que vive numa sociedade trespassada pela economia calcada na generalização e socialização do trabalho enquanto alguma possibilidade de emancipação do trabalhador numa coletividade dividida em classes exploradas pelo capital.

E essa luta enquanto reivindicação política por maior participação nas decisões da vida em comum – não socializada - se dá no trabalho cotidiano, na venda de seu suor que promove o trabalho, e na participação ativa, mesmo que alienada às decisões que direcionam o destino da classe dos trabalhadores submetidos ao poder do capital, o qual os divide em indivíduos explorados e enquanto classe trabalhadora que vende sua força de trabalho ao modo de produção, expressada e dividida em diferentes categorias (des) articuladas.

#### **1.4 A reivindicação liberal enquanto transformação econômica e afirmação do capitalismo**

A afirmação da nova ordem de desenvolvimento capitalista e constituição da burguesia mercantil se fortalece no fomento do capital comercial, o qual transforma-se em ponto de análise de estudiosos fundados no liberalismo e evolucionismo estruturantes da nova ideologia revolucionária, ainda no século XVIII, da proposta da classe capitalizada que reafirma, no centro do poder, a classe burguesa.

Sobre esta época histórica que projeta direitos ao promovê-los a partir das revoluções liberais, assim descreve Pereira:

O processo de substituição do mercantilismo, da regulamentação e intervenção estatal pelos princípios do espírito liberal culmina com a Revolução Francesa de acordo com os interesses da classe burguesa que refletia a nova ordem capitalista. Daí a Revolução Francesa de 1789, que pregou a igualdade para todos. Assume o liberalismo, a liberdade econômica propícia para o sistema. A reivindicação liberal, portanto, não é algo sem base, é fruto da mudança econômica que traduz a afirmação do capitalismo. Diante das transformações econômicas, sobretudo o industrialismo crescente, a ordem pregada pela filosofia liberal é a que melhor atende a todos os interesses, daí seu aparecimento, no fim do século XVIII, e a sua vitória, no século XIX (PUC, Goiás, 1977, p. 34-35).

A nova organização laborativa com a integração de diferenciados ramos de produção cria um mercado mundial em acelerado, constante e desordenado crescimento, centro da cultura universal, capaz de mover economias ao redor do mundo modernizado.

Reafirmar o poder do capital produtivo e de larga escala, explorar a força de trabalho com o objetivo de obter a mais-valia, dominar os meios de produção e diferentes categorias, divididas em classes sociais distintas, neste caso, o proletariado, além de manipulação do sujeito, resulta nas mais variadas expressões sociais da *questão social* ligada ao resultado final deste processo e meio de produção em massa - conhecido na ciência econômica enquanto lucro.

Alargando o leque desta análise para um maior entendimento socioeconômico e histórico - dentro da própria história - torna-se essencial provocar a discussão do que possa significar a contradição entre dois mundos: um destinado ao centro capitalista, enquanto conceito de hegemonia e dominação entre os povos. O outro retrata a periferia subordinada aos processos da acumulação progressiva quando o capital provoca e gera mais capital.

Essas contradições societárias traduzem o coletivo capitalista espalhado pelo mundo, e, historicamente, apresentam-se emolduradas numa descrição literária concreta, de recorte contemporâneo e jornalístico relacionado ao Brasil, assim descritas por Galeano:

Às suas costas, também torcida, sua choça de madeira e lata, e mais além outras choças semelhantes do mesmo subúrbio de São Paulo; frente a ela, num caldeirão cor de carvão, fervia a água para o café. Levantou uma latinha até seus lábios; antes de beber, sacudiu a cabeça e fechou os olhos. Disse: “*O Brasil é nosso.*” No centro da mesma cidade e neste mesmo momento, pensou exatamente o mesmo, porém em outro idioma, o diretor executivo da Union Carbide, enquanto levantava uma taça de cristal para celebrar a conquista de outra fábrica brasileira de plásticos por parte de sua empresa. Um dos dois estava equivocado. (1978, p. 233)

Enquanto as relações sociais são inseridas por uma conjuntura de contradições que se presencia entre centro e periferia - as quais, trespassadas, se opõem no mundo globalizado, por sua vez, caracterizam-se pela desigualdade entre as classes, as quais enfrentam mazelas como a violência - resultado das facetas camaleônicas de um capitalismo monopolista sobre a realidade enquanto resultado das conquistas e subordinação de uma parte do mundo e seu povo por outra, enquanto expressão social incrustada em um habitat moderno. Assim esclarece Marx:

Centro capitalista' são os países onde está concentrado o capital e 'periferia capitalista' aqueles onde o capital, comparativamente, é mais escasso. Ao analisarmos a relação centro/periferia estaremos nos restringindo, aqui, à relação entre determinados países da Europa e os latino-americanos. As

descobertas por parte de países europeus, como Portugal e Espanha, de novas terras no mundo permitiram que esses países se apoderassem de grandes riquezas nas regiões descobertas, o que contribuiu, de forma essencial, para a liquidação do feudalismo e para a afirmação do capitalismo mercantil (1964, p. 345).

Tese reforçada por Furtado, que afirma: “Levaram, ainda, à integração e à subordinação das regiões descobertas ao centro europeu. As atuais regiões latino-americanas passaram a girar na órbita de interesses situada fora delas” (1974, p. 6-8).

A nova realidade social, histórica e econômica, mundial contemporânea, traz em seu bojo o imensurável poder de transformar culturas seculares como Índia, China e Rússia em históricos espaços para a reestruturação do capital. Estas ilhas de exploração do povo e das riquezas ali encontradas passam a ter destinos bem definidos. Voltadas à superprodução de *commodities*<sup>6</sup> para exportação passam a consumir, internamente, mercadorias resultadas do modo de produção - em série e capitalista - enquanto política de dominação continuada, expansionista e modernizada.

Importante para a ontologia do ser social, (MARX e LUKÁCS) segundo a qual sua abordagem busca a gênese e o sentido do conhecimento no ato complexo que funda o próprio ser social e sua realidade enquanto objeto, afunila-se aqui a possibilidade da relação dialética assumida pelas novas categorias de causalidade e teleologia, cujo desenvolvimento não poderia ocorrer sem um exame de outra objetividade social posta pela sociedade burguesa.

Esta concepção ontológica inaugura diferente maneira de se explicar a realidade estrutural complexa. O ser social e histórico é agente da polêmica, a qual divide os pensadores de uma época, na qual Marx (s/d, p. 87) afirma que “toda ciência seria supérflua, se a aparência exterior e a essência das coisas coincidissem diretamente”. Para Hegel (s/d, p. 102) o fato traz a nova razão, da 'identidade da identidade e da não identidade', impondo antinomias e limites àqueles que insistem no uso das velhas categorias.

O revolucionário ano de 1848 explica o momento definitivo do rompimento da burguesia com as promessas da Revolução Francesa (1789) de Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Esta classe social burguesa, a partir de então, torna-se conservadora e concentra seu poder para além da apropriação dos meios de

---

<sup>6</sup> **Commodities** são produtos sem os quais as pessoas não vivem, negociados, diariamente, numa escala global, e por serem de importância fundamental e mundial, seu preço é normalmente determinado pelo mercado internacional, e varia de acordo com a oferta e a demanda. Fonte: <https://www.significadosbr.com.br/commodities>, acesso em 02 de abril de 2016.

produção, o gerenciamento do modo de produção com o poder que detém em manipular e controlar a força de trabalho explorada na obtenção da mais-valia para a acumulação de capital, o qual gera, dia após dia, ainda mais capital obtido em cima de capital, ou seja, do trabalho assalariado, segundo Marx (1985).

Esta época histórica e de profundas transformações na construção da estrutura da Era moderna – a roda do mundo – retrata a sociedade contemporânea em construção, delimitada na divisão das riquezas socialmente produzidas enquanto valor material subordinado aos desejos dos burgos e signo<sup>7</sup> engendrado pelo fetiche da batalha intelectualizada e violenta em ‘poder o poder’ inalcançável por parte da classe trabalhadora - o proletariado. De acordo com Lukács: "As revoluções de 1830 e, mais ainda, as de 1848 - observa - atestam que a burguesia perdeu lugar frente ao progresso social. Em 1830, começa o processo de decomposição da filosofia burguesa clássica, que termina com a revolução de 1848" (s/d)

O pensamento burguês transforma-se numa justificativa teórica do existente, a impossibilidade de se chegar à essência da realidade humana decadente, imediatista, de uma realidade erguida no fetiche. Este espectro sociopolítico e econômico exige do capitalismo a descoberta de novas ciências.

### **1.5 A sociedade burguesa permeada por uma realidade social de aparência e essência**

Delimitada na objetividade alienada do consumo compulsivo, a práxis humana tende a se objetivar contra os próprios homens numa reificação da realidade deformada pelos pesquisadores que bebem na fonte irracionalista do pensamento moderno como reação à razão dialética quando o mercado é arena concorrencial sujeita às leis anárquicas do próprio mercado.

As relações entre os homens tornam-se fetiche na forma de relação entre coisas. A vida social transforma-se em objeto 'coisificado', inumano, sem nenhuma subjetividade ou autenticidade rompendo os laços imediatos entre indivíduo e sociedade, cultura e costumes. Com relação à exploração do trabalhador expropriado, encurralado pela fome e desrazão humana, Ramos descreve:

---

<sup>7</sup> Signo: sua razão está no fato de - nos anos 1960 - a sociedade de consumo avançar, a passos largos, o que motivou o pensador anarquista francês Baudrillard (s/d), a se interessar pelo que 'diziam' os objetos uns aos outros, o sistema de signos e a sintaxe que elaboram ao seu redor.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. [...] Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes (1981, p. 91)

Até as práticas mais banais do cotidiano – com origem e consequência na força do dinheiro - tornam-se signos de uma Era, moderna, onde o cifrão denota poder e possibilita a exploração através da guerra pela sobrevivência inconclusa ou por meio “da paz” galgada no fetiche idealizado. Ou ainda enquanto possibilidade e mola propulsora de uma sociedade relegada à força do convencimento - midiática – fracionada nas mais diversas formas de alienação planejada e bem paga, ao suprir, por meio de mercadorias, as novas necessidades, criadas a partir de um mundo globalizado.

Em sua fase madura, o sistema capitalista sonega ao trabalhador a razão cognitiva ao mesmo tempo em que fomenta uma sociedade liberal individualista e moderna a qual se alimenta enquanto parasita da hipocrisia. Dilacerada por novos costumes - estruturados em valores efêmeros - a moral escorre pelo ralo da ética amoral, banaliza o suor enquanto suga o sangue do trabalhador cujas “veias, abertas” (Galeano, 1978), denunciam uma vida sociopolítica montada na histórica renúncia das (in) dignidades (in) alcançáveis pela parcela ativa e escrava deste modo de produção capitalista.

Esse fenômeno social, político, econômico e histórico retrata mazelas sociais os quais denotam uma sociedade desigual, camuflada na promessa da cidadania alcançada pela capacidade de consumo que alimenta uma sociedade banalizada, efêmera, violenta e concreta, cuja racionalidade formal-abstrata e irracionalismo denunciam uma catástrofe social político-econômica, que Coutinho (2010) retrata enquanto “a miséria da razão”.

Esses valores fundamentam a sociedade burguesa e de direitos, com origem na Revolução Francesa de 1789, a qual promoveu a razão no Século das Luzes quando o poder hierárquico tradicional caminha de braços dados às hipocrisias que pululam do leque societário da Era Moderna, ou seja, uma época de direitos, erguida a partir do século XVIII.

Ao tratar sobre o conceito burguês da hipocrisia, que emoldura as mais diversas e flagrantes aparências societárias, DaMatta revela:

Em sendo assim, ele jamais penetrou ou alterou os poderes paternos e conjugais de famílias mais 'liberais', cujo credo político surgia sempre da porta para fora. Essa é uma importante faceta do nosso liberalismo. O fato de que podemos ser todos liberais na rua, mas dentro de casa continuamos mantendo nossa autoridade pelo velho e bom regime das hierarquias fundadas no sexo e na idade (1986, p. 41).

Aparência e essência são momentos constitutivos de uma realidade objetiva. O pensamento torna-se impedido de superar o imediatismo e espontaneidade, a descrição da forma vulgar, alcançar seu cerne. O fetiche concede-lhe uma autonomia e universalidade que não possui.

De acordo com Lukács: "Se alguém enxerga a essência do capitalismo na circulação do dinheiro, o nível de suas concepções é o imediato" (1966, p. 329).

A economia de mercado torna fetiche as relações sociais, traz a divisão capitalista do trabalho, aguça o poder da hierarquia, expõe expressões da *questão social* próprias das mazelas sociais burguesas tensionadas ou resistências a serem pensadas.

Essas vertentes de pensamento ligadas às mais diversas formas de manipulação do ser social imbricam naquilo que os conservadores identificam como fatores essenciais da ditadura totalitária, a qual, segundo Chasin,

... é uma oposição radical ao Estado liberal. A contraposição pode ser facilmente percebida para cinco fatores enunciados [...] a oposição entre lei e força; a oposição entre difusão e concentração do poder; a oposição entre pluralismo partidário e seu contrário; a oposição entre Estado e liberdade; a oposição entre violência e razão (consubstanciada no indivíduo). (1977, p. 122)

Na gênese do pensamento moderno quando a forma de produção dá-se sob a égide do fetiche, as correntes ligadas à 'miséria da razão' situam-se no fenômeno e tendência da economia capitalista no sentido de burocratizar as atividades humanas divididas entre conceitos econômicos, políticos e até aqueles tidos como "fenômenos espirituais". A sociedade moderna torna-se gestora dos mitos, transformando homens em homens sem face, produto final - e em série - de um sistema materialista e dialético enclausurado na sua distinção via desigualdade e violências múltiplas, as quais o remetem ao *Mito da Caverna*, exposto por Platão<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> **O Mito da Caverna**, também conhecido como "Alegoria da Caverna" é uma passagem do *livro A República* do filósofo grego Platão. É mais uma alegoria do que propriamente um mito. É considerada uma das mais importantes alegorias da história da Filosofia. Através desta metáfora é possível conhecer uma importante teoria platônica: como, através do conhecimento, é possível captar a existência do mundo sensível (conhecido através dos sentidos) e do mundo inteligível (conhecido somente através da razão). Fonte: [http://www.suapesquisa.com/platao/mito\\_da\\_caverna.htm](http://www.suapesquisa.com/platao/mito_da_caverna.htm), acessado em 02 de abril de 2016

Sobre esta fórmula de manipulação, ascendência e/ou submissão das mais variadas e diferentes categorias, ou seja, a denominada luta de classes, engendrada por um sistema capitalista, explica Marx (s/d.):

*Nesta sociedade, 'não se sentirá em casa' aquele que não conservar nela com ânimo e consciência. Finalmente, nesta sociedade, só existirão o 'ânimo puro' e a 'consciência pura', a saber, 'o espírito', 'a Crítica' e os seus. A massa dela se verá excluída de uma maneira ou de outra, de tal modo que a 'sociedade de massa' permanecerá à margem da 'sociedade social'. (p. 63)*

Em relação ao poder que a burguesia possui sobre a sociedade, inserida em seu cotidiano, a burocracia aparece no cenário organizacional globalizado - incapaz de prover ou delegar o que solicitam os direitos cidadãos – fato que denota a manipulação das ideias, incluindo as identidades, fenômeno histórico destinado à manutenção da ideologia dominante.

Ao debater este complexo arquétipo político o qual trespassa a vida político-cidadã de seres (não) sociáveis, Vázquez (1968) define que "na prática burocrática, o conteúdo se sacrifica à forma, o real ao ideal, o particular concreto ao universo abstrato" (p. 261).

O feitiço da desigualdade societária - exposto no fetiche das relações sociais (empresas ou Estados) – torna-se, não uma objetivação e um instrumento dos homens, mas 'entidades naturais', as quais determinam a escravidão moderna, à qual se submetem as crenças, culturas, ideologias e as diversas formas abstratas tomadas pelas massas trabalhadoras que, como homens concretos, nem por isso, são dotadas de alguma mínima razão. Homens passam a instrumentos manipuláveis, servidores a serviço da escravidão acorrentada ao lucro, submetidos e imersos no mundo do desenvolvimento das relações monetárias, que acumula e determina a vida, "exclui e controla as unhas, dentes e baixos salários" do sujeito proletário 'precariado"', termo designado pelo economista inglês Guy Standing<sup>9</sup>. É o preceito da burocracia moderna: administração feita com precisão, na maior velocidade possível. Este processo acentua-se no capitalismo cada vez mais monopolista e tecnocrático.

Ao analisar essa lógica de "dominação de classe" imersa no modo de mundialização e globalização do capital, Chasin relata:

<sup>9</sup> Sujeito precariado: segundo Guy Standing, economista inglês, o trabalhador integrante do exército de reserva pós-moderno já ultrapassou a condição de ator social vulnerável, alcançando a humilhante condição socioeconômica de sujeito explorado.

E, na medida que o social é a soma dos indivíduos, o jurídico não pode deixar de ser a aparência que elide a desigualdade concreta. [...]. Donde, em lugar de reproduzir conceitualmente o concreto, evidenciando em cada caso a particularidade decisiva, somos conduzidos, por aquela análise, a nos defrontar com *a razão em geral, a liberdade em geral, o cidadão em geral, o Estado em geral, a violência em geral, etc., etc.* Não há como deixar de observar que tais noções se vinculam a um particular espelhamento de sua base geradora: a economia de mercado, concebida como o lugar natural das relações de troca em geral entre indivíduos igualmente considerados em geral, em outras palavras, o sistema capitalista de produção e sua ideologia (1977, p. 125).

Essa 'miséria da razão' transforma em irracionalismo todas as possibilidades concretas dos momentos significativos da vida real e humana capaz de apropriar-se dos meios de produção e das riquezas socialmente produzidas.

A espontaneidade burocrática liga-se, umbilicalmente, à destruição da 'miséria' humana denunciada no irracionalismo alienado à rigidez de conceitos, além de um agnosticismo positivista ou estruturalista. Alimentado pelo poder de alienação, o qual detém esse irracionalismo, o dilaceramento histórico torna-se aceito enquanto 'condição humana', quando a burocratização da práxis se introduz na vida social, fenômeno histórico que disseca o homem amarrado ao "fetiche da cidadania" e que sequer alcançou, ainda, a condição de sujeito passível de direitos delegados com o fim de se obter ou alcançar algum poder de inclusão. (COUTINHO, 2010)

## **1.6 A práxis revolucionária trespasa espectros contraditórios da razão/desrazão**

Controversa, a divisão da práxis atravessa o cotidiano do trabalho, questiona os movimentos sociais, determina lideranças, sejam estas quais forem, pertençam elas a que classe social for.

Sobre a luta histórica (e desigual) por sobrevivência a qual promove uma práxis revolucionária, pontua Freire:

O que não se pode realizar, na práxis revolucionária, é a divisão absurda entre a práxis da liderança e das massas oprimidas, de forma que a destas fosse a de apenas seguir as determinações da liderança. Esta dicotomia existe, como condição necessária, na situação de dominação, em que a elite dominadora prescreve e os dominados seguem as prescrições. Na práxis revolucionária há uma unidade, em que a liderança – sem que isto signifique diminuição de sua responsabilidade coordenadora e, em certos momentos, diretora – não pode ter nas massas oprimidas o objeto de sua posse. Daí que não sejam possíveis a dominação, a sloganização, o 'depósito', a condução, a prescrição, como constituintes da práxis revolucionária. Precisamente porque o são da dominadora. Para dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo. As massas populares não têm que, autenticamente, 'ad-mirar' o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador (1977, p. 147).

Esta é a razão/irrazão pela qual o modo de exploração opressor não se converte em humanista. O revolucionário necessariamente o é. E se o uso da ciência e da tecnologia é para 'reificar', torna os oprimidos nada mais que sua própria incidência, ou seja, ou tornam-se sujeitos do processo ou continuam reificados. É sobre esta realidade - factual e violenta -, fortalecida na dormência conjuntural do ser social que cabe mais esta denúncia de Freire:

E o mundo não é um laboratório de anatomia nem os homens são cadáveres que devam ser estudados passivamente. O humanista científico revolucionário não pode, em nome da revolução, ter nos oprimidos objetos passivos de sua análise, da qual decorram prescrições que eles devam seguir (1977, p. 156).

Desta maneira a razão do ser, existir e atuar enquanto ser social, político e trabalhador, dotado de necessidades e prioridades – minimizado na sua condição de sujeito – aparece na janela midiática enquanto *cidadania (promessa burguesa)* violentada pela condição insólita de estender as mãos aos preceitos neoliberais das gestões cooptadas, corruptas e corruptíveis.

A coletividade desigual e efêmera, banalizada e violenta, calcada no consumismo exacerbado acua trabalhadores explorados duplamente a partir do chão da fábrica - na planta de produção das mais variadas mercadorias - endividados a partir do acesso às mesmas - já no viés do mercado consumidor que o endivida, a partir de sua 'inclusão social', via o consumo induzido pela mídia e financiado pelo capital estrangeiro representado pelos grandes bancos e empresas capitalistas.

A conjuntura socioeconômica expressa um desemprego estrutural que incorre enquanto causa do exército de reserva o qual destina aos sobrantes políticas públicas dotadas de fundos da economia que determina o grande capital internacional financista (corporações transnacionais) e os direciona aos restos sociais, segundo (Pereira, 2000), a parcela dos mínimos sociais destinada a suprir as necessidades humanas da sociedade expropriada.

Este capítulo procurou discutir e trazer à tona as nuances do sistema capitalista, conhecidas como as expressões sociais que preconizam o sistema de exploração dos sujeitos trabalhadores, ou seja, o proletariado, as quais, de acordo com a teoria, e, no exercício da prática, constituem a *questão social*.

## CAPÍTULO II

### A OFENSIVA NEOLIBERAL MUNDIALIZADA

*A incapacidade de adiar prazeres costuma ser usada pelos críticos conservadores, por exemplo, para o financiamento de prazeres presentes como uma das principais engrenagens do crescimento econômico explicar a persistência do empobrecimento numa sociedade afluyente, embora essa sociedade promova sistematicamente o financiamento de prazeres presentes como uma das principais engrenagens de crescimento econômico.*

HARVEY, 2001

Nas primeiras décadas do século XXI, o fenômeno da mundialização/globalização<sup>10</sup> amalgamado à ofensiva neoliberal, na região sul-americana, em especial, o Brasil, retrata o período posterior à aprovação dos direitos sociais, tais como comer, trabalhar, morar, estudar, consumir, ter lazer dentre outros, o qual se dá a partir do evento da Constituição Federal de 1988.

Agravam-se a condição social e a representação política dos trabalhadores assalariados que, expropriados em suas necessidades sociais, são submetidos à *lógica destrutiva* sob o comando do grande capital, que se rearticula – após desencadear a crise global contemporânea no sistema capitalista, originada na Inglaterra de Thatcher e nos Estados Unidos de Reagan – mundialmente, a partir da quebra do mercado imobiliário norte-americano, no ano de 2008. Os trabalhadores, que vendem a sua força de trabalho ao modo de produção capitalista, - o qual explora sua função produtiva na obtenção da mais-valia - assistem a um aprofundamento do processo de alienação de sua luta pela sobrevivência.

Quanto maiores a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e a energia de seu crescimento, portanto também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é desenvolvida pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza (MARX, 1984, p. 209).

---

<sup>10</sup> Globalizar – tornar global; totalizar. Fonte: *Minidicionário da Língua Portuguesa* (BUENO, 1996, p. 326) Globalização: A reordenação do espaço e tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte de um conjunto mais amplo de processos que transformaram (e ainda estão transformando) o mundo moderno. Estes processos são comumente descritos, hoje, com o ‘globalização’. O termo não é preciso, pois é usado de diversas maneiras na literatura. No sentido mais geral, ele se refere à crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo, um processo que deu origem às formas complexas de interação e interdependência. Definido desta maneira, ‘globalização’ não parece se distinguir muito de expressões como ‘internacionalização’ e ‘transnacionalização’, termos usados indistintamente na literatura. Fonte: (THOMPSON, 2008, p. 135)

A concorrência e competição profissional por *status*, salário e sobrevivência, cotidianas, definem a luta por uma vaga no mercado de trabalho entre trabalhadores. Esta classe enfrenta a reorganização ou os reveses dos processos da industrialização/urbanização capitalista exacerbados, os quais agravam as expressões da *questão operária*<sup>11</sup> que parece reiterada na explosão demográfica em áreas periféricas, com extraordinário aumento da má qualidade de vida estampada, diariamente, em manchetes de jornais que retratam a violência urbana e rural e, nela, a expressão social ligada à drogadição.

Essas expressões da *questão operária* expõem a precarização do homem enquanto ser político, alijado do poder de decisão em um sistema estruturado no modelo do mercado de trabalho moderno, da produção capitalista com perfil neoliberal, que busca superlucros pelo viés do pagamento de baixos salários. E, Marx (1984) afirma: "Quanto maior, finalmente, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial. Essa é a lei absoluta geral da acumulação capitalista" (p. 209).

O projeto de dominação mundial, quadro sociopolítico resultante desse processo, no qual a relação centro-periferia persistiu sob uma nova modalidade, ainda na segunda metade do século XX, traz enquanto consequência imediata um jogo de domínio entre nações onde a movimentação do capital, no tabuleiro de interesses internacionais, fomenta a concentração do poder político que demanda e define o poder de guerra hegemônico.

Nessa proposta de domínio internacional por parte das nações hegemônicas, retrata-se a questão da hierarquia velada exercida pelas 'grandes potências' sobre outros povos, condição expressa na

transformação do Conselho de Segurança das Nações Unidas nas próprias Nações Unidas e pelo definhamento das atribuições e poderes da Assembleia Geral e das agências especializadas, exceto aquelas em que o voto é ponderado, com peso maior para os países centrais, tais como Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, assim como a Organização Mundial do Comércio (OMC), na qual, as decisões não são por voto mas por consenso, entendido na prática, como consenso dos principais "países comerciantes" (GUIMARÃES, 1999, p. 69).

Essa realidade, histórica, desponta nas mais variadas expressões, enquanto *questão operária*, e deságua em uma ação estatal que, ao financiar o *lobby* empresarial, valida a construção do consenso da população ao projeto neoliberal.

<sup>11</sup> Diz-se *questão operária* e não *questão social*, porque o sentido exato da primeira expressão significa, no ponto de vista de Cerqueira Filho (apud NETTO, 2001, p. 17), "o conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da constituição da sociedade capitalista. Assim, [a *questão operária*] está fundamentalmente vinculada ao conflito entre o capital e o trabalho".

## 2.1 Com gênese no século XVI, o capitalismo cumulativo trespassa a economia globalizada e alcança o liberalismo do século XIX

O período histórico que remonta à Renascença ou Renascentismo, o qual compreende aproximadamente fins do século XIV e início do século XVII, desenvolveu as forças econômicas e culturais que fortaleceram a possibilidade estratégica do imperialismo estruturado numa economia de cunho liberal, mundializada. Além de promover a acentuação da hegemonia monetária centrada no eurocentrismo, segundo Baudrillard (s/d) “torna-se espaço político próximo do espaço de intriga, porque sua força é a do jogo, que possui uma semi-urgência própria e não uma ideologia”.

Transformações cabais ocorrem em diferentes áreas da sociedade alicerçada nos moldes do modelo de ideal burguês, logística estratégica e ferramenta de domínio a qual direciona, a partir de então, o mundo moderno. Aliadas à economia política que trespassa conhecimentos ligados a valores humanos e ontológicos tais como a cultura e religião, a Idade Média esbarra no renascer da humanidade, segundo pensadores, e parte da história da grande história, a Renascença.

Chamou-se ‘Renascimento’ em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da Antiguidade clássica que nortearam as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista. O termo foi registrado, pela primeira vez, por Giorgio Vasari, já no século XVI, mas a noção de Renascimento, como hoje o entendemos, surgiu a partir da publicação do livro de Jacob Burckhardt<sup>12</sup> *A Cultura do Renascimento na Itália* (1867)

Fruto das propostas de um mundo modernizado e conceitos estruturais das revoluções Industrial e Cultural, eurocêntricas, as forças liberais renascentistas alcançaram a América Latina, mercado mundial novo - aberto a toda sorte de exploração cabível, à época -, e a partir de então, destinado ao consumo das exportações de produtores europeus responsáveis pela superprodução de uma nova Era, retratada historicamente como a mudança da humanidade rumo à sua própria Renascença.

---

<sup>12</sup> Jacob Burckhardt, neste livro, o autor define o período como uma época de ‘descoberta do mundo e do Homem’. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Renascentismo>, acesso em 17 de setembro de 2015/15h11.)

O que caracteriza esta transição histórica da economia feudalista para o sistema do capitalismo crescente - quando parte da sociedade desperta para a possibilidade real de acumulação a partir da negociação -, é o fomento da circulação de mercadorias através do escambo ou trocas de excedentes da produção por aquelas tidas enquanto únicas, de estação, ou seja, escassas. Até mesmo as sobras ou ainda a utilização dos mais diferenciados referenciais de valores ainda não determinados pelas regras frágeis de uma economia recém-liberta das restrições econômicas inerentes às comunidades ou feudos retratam mudanças estruturais que resultaram nas desigualdades sociais que desenham uma sociedade modernizada e recente.

Aquele tempo da história rústica e de expressão familiar delimita a ruptura com as expressões socioeconômicas remanescentes das estruturas societárias medievais hegemônicas. Este fenômeno sociológico respinga no entendimento intelectual delimitado pela ação política do homem no que refere ao constructo das produções artísticas e filosóficas incluindo aquelas umbilicalmente ligadas ao campo das ciências – novas e inovadoras propostas de um mundo novo aberto ao moderno.

O advento histórico e divisor de águas da Era Antiga para uma Era Moderna, a partir das máquinas a vapor, ferramentas movidas à base da transformação de energia - com o auxílio da mão do homem - destinadas à produção de bens, em massa e em série, dá origem aos alicerces primordiais de um capitalismo cumulativo constituído a partir da gênese do século XVI.

Este período de transformações, arcabouço de insumo e fomento à sociedade regida pelo 'poder de conquista', burguês, torna-se capaz - a partir de então – em transformar também uma economia globalizada. Segundo Evangelista: “O liberalismo serve como bandeira revolucionária à burguesia europeia em ascensão. Novas condições de produção e organização da vida social estavam em contradição com o modo de vida e ética cristão que sustentava a sociedade medieval” (1997, p. 15).

A coletividade formada na Idade Média por meio da burguesia, em ascensão, contrapunha os princípios do primado do indivíduo, sua liberdade, igualdade e direito à propriedade. O bem-estar decorreria de uma ação

individualmente controlada, com os meios de produção sendo explorados livremente pelo indivíduo, diga-se, o proprietário do bem de capital. A partir desta 'noção' socioeconômica supunha-se a superação das injustiças sociais da ordem determinada, ainda na Idade Média, – com claros privilégios destinados à nobreza incluindo o clero.

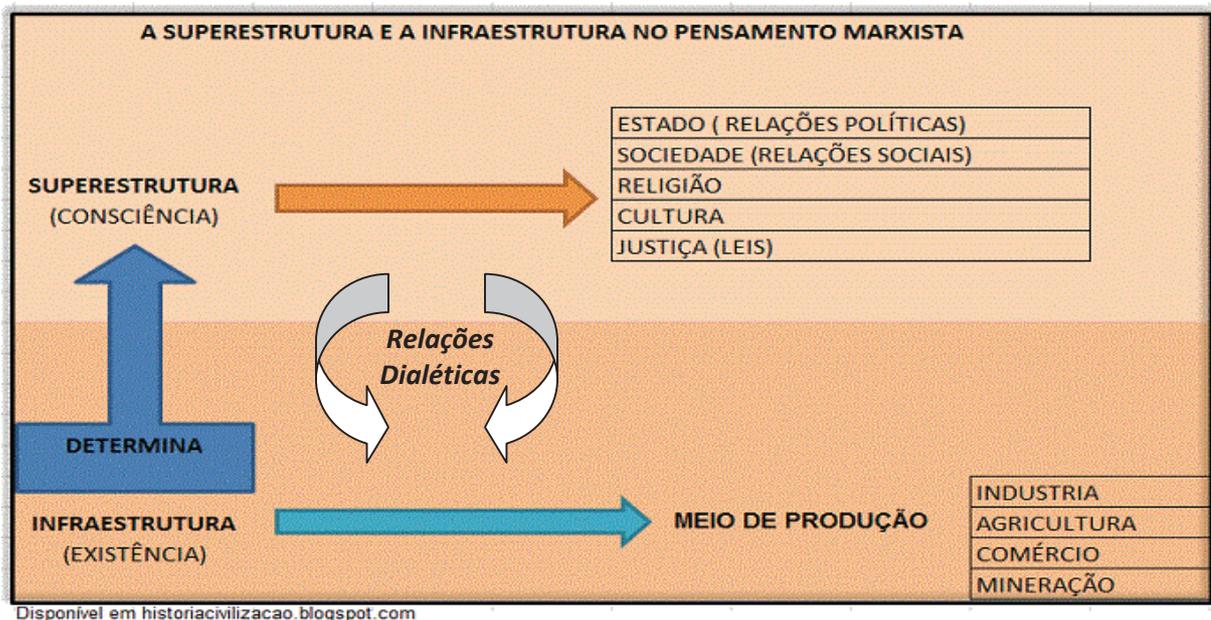
Aumentam as pressões da classe trabalhadora com a ampliação dos direitos de participação política dos não proprietários, que expressariam, não na condição de indivíduos, mas agrupados enquanto 'entes coletivos' (sindicatos, associações, etc.). Suas insatisfações e reivindicações fundamentais no direito do trabalho seriam, a partir de então, tratadas sob a égide de um 'Estado com governo forte'.

Cerca de quatro séculos mais tarde a sociedade capitalista moderna, instalada no século XX, nomina esta circunstância política – necessidade básica ligada aos direitos do trabalhador (cidadão, segundo o estatuto burguês) Estado de Bem-Estar. Este, por sua vez, articula mecanismos de atendimento aos direitos sociais, quando a burguesia, já em 1870, responde pelas vias do Serviço Social administrado pelas vias do modelo político de um Estado o qual alcança o "liberalismo triunfante do século XIX, marcado pelos desdobramentos da contradição inerente aos princípios liberais clássicos, cuja plenitude, como ideologia, é acompanhada, na sua prática, pela produção simultânea da riqueza e da miséria" (EVANGELISTA, 1997, p.16).

Estas são algumas faces da ideologia liberal a qual trespassou e afirmou-se no decorrer dos séculos. Ou seja, algumas das ferramentas burguesas da política pública - destinada a instrumentalizar adequadamente a manutenção de sua hegemonia -, modelo de democracia moderno e que não trazia em seu bojo tantas razões humanitárias e pacifistas, ao contrário, determinaram e delimitaram a elas hierarquia de poder, dividida em estrutura e superestrutura.

De acordo com Marx, (Figura 1), a hierarquia das relações sociais, burguesas, determina a existência, que por sua vez, determina a consciência pelo fato de que "não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, seu ser social é que determina a sua consciência". Do desenvolvimento do aspecto ideal, ao desenvolvimento da consciência, precede o desenvolvimento do aspecto material, o desenvolvimento das condições de sobrevivência: "Primeiramente mudam as condições exteriores, primeiramente muda o aspecto

material, e depois muda, de modo correspondente, a consciência, o aspecto ideal”<sup>13</sup>.



**Figura 1:** A superestrutura e a infraestrutura segundo o pensamento marxista: um conceito não existe sem o outro, e vice-versa, engendrado pelo processo dialético da mediação e contradição da produção e reprodução da vida e das relações sociais.

Fonte: [historiacivilizacao.blogspot.com](http://historiacivilizacao.blogspot.com)

### De acordo com Marx

não é necessária uma grande perspicácia para perceber a conexão que existe entre a doutrina do materialismo... e o socialismo. Se o homem extrai todos os seus conhecimentos, sensações etc., do mundo sensível... é preciso organizar, portanto, o mundo empírico de forma que o homem conheça nele o autenticamente humano e se habitue a conhecer a si mesmo como ser humano... Se o homem não é livre no sentido materialista, isto é, se é livre, não em virtude da força negativa de evitar isto ou aquilo, mas em virtude do poder positivo de fazer valer sua verdadeira individualidade, então não se deve punir o delito castigando o indivíduo, mas destruir as fontes antissociais do delito... Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é preciso humanizar as circunstâncias (vide Ludwig Feuerbach, apêndice K. Marx sobre o materialismo francês do século XVIII (<https://www.marxists.org/portugues/stalin/1907/anarquismo/cap01.htm>, acesso em 24 janeiro. 2016, 13h39).

## 2.2 A hegemonia da ordem neoliberal sob a batuta da classe burguesa

O conceito hegemonia tem representação política, o que exige o exercício da capacidade de reflexão sobre o ser social burguês, bebendo na Ontologia, para

<sup>13</sup> <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1907/anarquismo/cap01.htm>, acesso em 24 jan 2016, 10h31

interpretar a promessa do sistema capitalista ligada à questão da cidadania, enquanto direito, tomando-a no processo histórico com a reafirmação política da classe burguesa, o que requer o desvelar da estrutura dominante.

Esse poder, pelas vias da dominação, a qual subjuga e suprime os sujeitos, ao torná-los vulneráveis ao processo de obtenção do lucro pela burguesia que, transforma o sujeito em óleo do sistema, e, mais ainda, na mercadoria, ao adquirir valor, transforma a política, os mercados, os homens e a própria história. Sob o viés do capitalismo monopolista das grandes empresas transnacionais, a dominação eletrônica é planetária. A teia que constitui a globalização, o modo de produção capitalista desenvolvido a partir da produção em massa e em série – própria do fordismo, transformou-se e alcançou o conhecido toyotismo, ou seja, aquele destinado à indústria que opta por qualidade total, terceirização da força de trabalho e alta produtividade com a intensificação do trabalho.

Desvela-se, neste contexto, histórico e econômico, o véu da morte de uma indústria até então familiar, ou seja, aquela que produzia para satisfazer as necessidades sociais num só lugar, destinada à subsistência. A proposta da planta da indústria modernizada, estruturada na fragmentação, tem como fim obter o lucro a partir da inserção de um organograma essencialmente capitalista. Esta estratégia de fragmentação da produção e salários denuncia o sistema industrial moderno, (des) humano o qual delimita, dita a ordem econômica mundial a partir da fragmentação dos direitos trabalhistas (e também humanos) conquistados historicamente em batalhas travadas na arena polarizada da reivindicação e durante o desenrolar da luta de classes ao longo do tempo.

Este fator histórico aviltado politicamente pelo não acesso à Previdência Social (durante anos um esboço de Direito Constitucional), determinou a saúde como condição de cidadania (promessa burguesa), seja no mundo, lá fora, ou enquanto expressão da *questão social* de um Brasil grande, praticamente inabitado.

A mesma cidadania, tocada a ferro e fogo, delegada por oligarquias de coronéis ligados à exploração do cacau, ao Nordeste, e, do café com leite - fonte de riqueza dos Estados centrais das Minas Gerais e São Paulo, ao Sudeste -, determinou, durante séculos, a condição política no País. Proprietários 'donos' de grandes porções de terras (invadidas, tomadas e vigiadas a bala e esporas), oligarcas ligados aos interesses do grande capital - ditaram as regras de um

acelerado processo de industrialização no País, a partir dos anos 1950, reforçando a hegemonia da região Sudeste, a qual lidera o PIB nacional e a capacidade de gerar empregos no Brasil financiado pelo dinheiro internacional.

Sobre este espectro político-ontológico e econômico, define Silva:

O sentido histórico pelo qual se desenvolveu a noção de cidadania refere-se a situações e momentos de lutas e transformações sociais que tiveram como finalidade a definição de espaços e direitos de grupos emergentes e de classes na sociedade. Tais situações e momentos são conhecidos historicamente como libertários e revolucionários (2001, ano XXII, n. 68, p. 5-6).

A lógica sociopolítica hegemônica, organizada e mundial, ocupou-se em criar sistemas de manipulação com os quais pudesse lidar com as questões cidadãs e atuar em prol da emancipação com participação da população trabalhadora ativa ou na situação resultante do processo capitalista conhecida como a precarização dos direitos do trabalhador enquanto sujeito submetido às regras humilhantes do exército de reserva. Esta expressão da *questão social*, de acordo com o entendimento de senso comum, é retratada na multidão de desempregados, sobrantes vitimados por uma crise pontual e conjuntural.

A Liga das Nações, com sede em Genebra, abriga em sua estrutura a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e as comissões de Saúde e Economia, destinadas a conciliar conflitos entre nações, assegurar a paz, buscando meios de se evitar agressões ao mesmo tempo em que procura fomentar o desenvolvimento das relações internacionais.

Esta estrutura de Estado - modernizado e capitalista - expressa a articulação necessária para o liberalismo, em face ao abalo de suas perspectivas e manutenção da hegemonia da ordem liberal sob a batuta da classe burguesa que busca, a cada dia, maior domínio dos meios de produção, obtenção da mais valia e acúmulo incessante de capital.

Ao tempo em que firma-se na condição de sustentáculo do capitalismo, especulativo e internacional, enfrenta a vertente socialista caracterizada na luta sindical e organizada enquanto bandeira do proletariado que passa a intensificar suas reivindicações por maior participação na distribuição dos lucros enquanto busca alcançar ganhos relacionados a melhores condições de trabalho.

Ao trazer esta discussão histórica, conjuntural e política aos primórdios do século XX, segundo Hobsbawm<sup>14</sup>, o século das revoluções, descobertas e palco de duas grandes guerras mundiais, Evangelista explica:

Esse novo abalo se corporifica, primeiro, na Revolução Bolchevista - que, vitoriosa, em 1917, funda o Estado soviético com base nos princípios marxistas-leninistas - e, depois, na instauração dos Estados fascistas. Estes abrem a trilha para a Segunda Guerra Mundial, em cujos desdobramentos se configura, com clareza, o conflito entre o capitalismo e o socialismo, bem como se forma o liberalismo de terceira fase (1997, p. 20).

O modelo de democracia desenvolvimentista, estruturado no liberalismo de transição, afirma-se na ideia de que, educando os indivíduos, as 'distorções' societárias seriam também 'corrigidas'. Este espectro social determina a existência, conjuntura ou condição de existir do ser, viés político do domínio ideológico-burguês que privilegia a noção do que é, pode ou venha a ser Estado de Bem-Estar Social.

Freire destaca:

Sendo os homens seres em "situação", se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria *situacionalidade*, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, em algo mais que estar em *situacionalidade*, que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão (1977, p. 119).

Esta discussão toma como cerne o canal inteligível da educação, enquanto direito, amalgamado aos serviços sociais estruturados pelo Estado e suas instituições ligadas à inclusão social capazes de promover a articulação e fomento do poder de reflexão cidadã do trabalhador (sujeito/ser social). A luta para alcançar estágios mais conscientes e superiores à condição (des) humanizada - ou miséria da razão - extrapola seu poder de cognição e encerra um outro, ou seja, a capacidade em levar adiante qualquer discussão sociopolítica ligada à sua condição e representação social enquanto ator social (ferramenta) sem o domínio latente da sua consciência, a qual determina a razão/desrazão ou alienação no trabalho.

Todo trabalhador pode e deve lutar por maior emancipação. O discurso hegemônico de uma maior e qualitativa participação ou parceria com a empresa

---

<sup>14</sup> Eric John Ernest Hobsbawm - historiador marxista britânico reconhecido como um importante nome da intelectualidade do século XX. Ao longo de toda a sua vida, Hobsbawm foi membro do Partido Comunista Britânico. *Wikipédia*, acesso em 24 de janeiro de 2016)

acaba por identificar a ideologia determinante enquanto perpetuação, libertação ou emancipação - sob o véu neoliberal - ao qual o proletário submete-se. Sua exploração e situação conjuntural tornam-se fatores preponderantes no entendimento ou alienação com relação à história contemporânea, contada a partir de fatores sociais determinantes históricos da diversidade de expressões da *questão social*.

A Seguridade Social é política pública atrelada aos direitos e trabalha as questões das desigualdades sociais, institucionalizada pela gestão de financiamento tripartite de custeio e abrange as esferas federal, estadual e municipal, no Brasil pós-ditadura militar e civil, durante as duas décadas finais do século XX. Retoma o enfrentamento relacionado às mais variadas expressões da *questão social* e torna os organogramas estatais em pilares de garantia e efetivação dos direitos. Ao elevar a assistência social ao *status* de política pública inclusiva, devidamente assegurada e inserida nos artigos de números 203 e 204 da Constituição de 1988,

a compreensão da assistência social como política pública de seguridade social, em parceria com a saúde e a previdência, formulada na Constituição e desenvolvida na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS, lei federal número 8.742), recomendava a montagem gradativa de um sistema de vigilância da exclusão social, como meio de luta pelo acesso de todos os habitantes a um padrão básico de vida (SPOSATI, 1996, p. 8).

No mundo o liberalismo multifacetado, em sua segunda rearticulação mundial, torna-se pleno a partir do momento em que passa a responder aos conflitos sociais, políticos e econômicos e ao postular, a partir daí, a democracia sucessora da democracia desenvolvimentista, ou seja, a democracia planificada.

Com mais uma transformação do capital conhecida por crise do petróleo, na década de 1973, dá-se, a partir deste marco histórico e econômico, a manipulação do projeto de exploração internacional burguesa por parte do grande capital. No Brasil, daquele momento conjuntural mundial e político, desenvolvem-se novas artimanhas da dominação do capital transnacional destinado ao fomento do modo de produção capitalista, através da exploração da mão de obra, além do fortalecimento da hegemonia tecnológica que reforça a acumulação econômica e as relações entre o movimento global do ciclo autocrático burguês e o Serviço Social pós-ditadura civil e militar de 1964, quando a autocracia burguesa coloca para as práticas profissionais, as modalidades de reprodução e as (auto) representações, urgindo a necessidade da renovação do Serviço Social o que torna explícito o componente de validação e reforço da proposta que, noutro lugar, caracteriza o Serviço Social “tradicional”.

Atado aos ditames do assistencialismo via atendimento de casos – o Serviço Social desponta enquanto profissão humanitária e que lida com a realidade intangível do ser humano, considerado como corpo e espírito, com normas a serem seguidas, no sentido de ‘compreender, ajudar e promover a felicidade e utilidade deste’ à coletividade engendrada pela dinâmica da sociedade contemporânea, presa à teia do consumo, ditado pelo capitalismo tardio, retratado na desigualdade coletiva que dá impulso à vulnerabilidade social generalizada e precarização dos direitos dos trabalhadores. Sobre os métodos de ‘encaminhamento, tratamento e ajustamento’ do ser social, ainda na década de 1970, Hamilton destaca

o objetivo do tratamento no Serviço Social de Casos é estabilizar ou melhorar a situação do cliente quanto à adaptação ou ajustamento social, principalmente no que diz respeito ao equilíbrio entre as forças internas e externas, portanto, como no estudo e no diagnóstico, também no tratamento e método é de natureza psicossocial. A característica distintiva do método do Serviço Social de Casos já foi mencionada anteriormente: a utilização consciente e controlada do relacionamento entre assistente social e cliente; a técnica do processo de entrevista; o conhecimento e habilidade na utilização dos recursos; a técnica no uso e na interpretação das normas e serviços da agência; e a colaboração entre as obras sociais. O tratamento é sempre condicionado pela cultura, pelos costumes e oportunidades existentes na comunidade e ainda pela aptidão e habilidade do assistente social e daqueles que com ele colaboram (1973, p. 278).

Ao dissertar sobre a profissão do Serviço Social, em seus primórdios, definida por meio dos ‘restos’ ou excedentes da riqueza dominante, o destino da plebe em referencial exato, e, ao mesmo tempo, do tamanho inverso da ‘caridade’ de damas ricas da sociedade burguesa abastada, Faleiros destaca

las primeras manifestaciones del Servicio Social como asistencia organizada, se ubican en este marco de referencia ‘objetivista’. La asistencia comprende una prestación de auxilio, financiero o material para socorro de alguna necesidad inmediata, como por ejemplo, de alimentación, vivienda, salud, recreación y otras (1976, 3ª ed., p. 56).

Faleiros prossegue em seu trabalho de pesquisa e investiga o discurso positivista na tentativa de adaptar-se o trabalhador às exigências do capital privado ou estatal. Esta articulação administrativa define, à época, uma atuação (a) política dos assistentes sociais, comprometidos com as boas intenções, sem conhecimento de causa ou consciência política com relação à sua (in) capacitação profissional sequer algum poder de crítica no que se refere à eventual possibilidade de ‘salvação e restauração da humanidade e daqueles mais humanos’.

No tocante ao espectro histórico do Serviço Social ocupado com a felicidade coletiva a ser delegada à população carente e expropriada por voluntaristas munidos de boas intenções e arregimentados pelo Estado prossegue Faleiros (1976)

em 1922, Edwar Devine “define al Servicio Social como “servicio de restauracion y salvación humana”, y en 1923, Henri Spalding lo considera como “la asistencia prestada por trabajadores remunerados o voluntarios en vista del bienestar y de la felicidad del individuo, de la familia y de la colectividad (3ª ed., p. 57).

### **2.3 Mundializado, o capitalismo produz/reproduz a especulação financeira e as desigualdades**

Na condição de explorados, os homens, elemento estruturante do modo de produção em série, que fomenta a desigualdade de classe e submete o trabalhador ao jugo da expropriação, engendrados pela sociedade moderna, e, de massa, parte vulnerável do mundo dialético e desigual, retratam o proletariado, ou seja, a banda responsável direta pela obtenção da mais-valia absoluta por parte do capitalista. Este ator social expõe a face (des) humana vulnerável do sistema econômico capitalista o qual define suas prioridades a partir da assumência da mais-valia relativa em face do desenvolvimento das forças produtivas às quais são submetidos os trabalhadores assalariados. Este o espectro da *economia de trabalho vivo*, em especial aqueles instalados no mercado da América Latina.

De acordo com Galeano

é a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula, até hoje, nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e, por certo, também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores, e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de viveres e mão de obra. (Há quatro séculos, já existiam dezesseis das vinte cidades latino-americanas mais populosas da atualidade) (1978, p.14).

Em sua obra *O Capital*, destinada à história da economia política, Marx, minucioso, analisa o caráter transitório das épocas sociais. Seus estudos tornaram o

fenômeno do marxismo traduzido por Gramsci<sup>15</sup> enquanto “um historicismo absoluto e um humanismo absoluto” (LOWY, 1978, p. 62).

A discussão denuncia e aponta o conceito do humanismo enquanto “ideologia burguesa”, abrange processos interligados à produção da mais-valia na economia, à articulação da sociedade e o controle dos homens destituídos de posses por parte dos homens empoderados a partir da posse do capital.

A desigualdade social extrapola limites da economia, trespassa o cunho social e define a dialética materialista, pois

enquanto o humanismo pré-marxista, que aparece com o desenvolvimento da economia mercantil, é abstrato, “naturalista”, individualista e **burguês**, o de Marx é materialista, sociológico, historicista, revolucionário, **proletário**. Parece-nos que os principais momentos do humanismo em *O Capital* são: a) o desvendamento das **relações entre os homens** atrás das categorias reificadas da economia capitalista; b) a crítica da ‘desumanidade’ do capitalismo; c) o socialismo como possibilidade objetiva de uma sociedade onde a produção é racionalmente controlada pelos homens (LOWY, 1978, p. 63).

As duas revoluções, já mencionadas anteriormente, inscritas nos processos de continuidades e rupturas, traduzem-se na conseqüente ampliação das expressões da *questão social*. Como uma das mazelas ligadas à questão da vulnerabilidade socioeconômica dos trabalhadores, a expressão social da drogadição, - tornada mercadoria - movimenta o insano mercado negro de drogas ilícitas, segundo a parte da sociedade composta pelos moralistas, o mundo dos insanos, indesejados sujeitos que escolheram viver e drogar-se à parte de uma sociedade ‘normal e assustada’, segundo VENTURA (1994) condensada pelas “formas agressivas de conduta: a violência pública, a doméstica e a do Estado. Assaltos, chacinas, sequestros, arrastões, saques, linchamentos, estupros”, manifestações espetaculares de uma nova cultura, ou seja, “a cultura do medo, um subproduto também perigoso” (p. 138).

Não o medo natural, indispensável como legítima defesa da vida e do patrimônio, mas o “medo relativo, histérico, o medo transformado em paranoia e pânico, habitante dos *bunkers*, condomínios fechados, cidadelas medievais” (idem,

<sup>15</sup> Antônio Gramsci, (Ales, 22 de janeiro de 1891 – Roma, 27 de abril de 1937) filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano. Escreveu sobre teoria política, sociologia, antropologia e linguística. Membro-fundador e secretário-geral do Partido Comunista da Itália, deputado pelo distrito do Vêneto, sendo preso pelo regime fascista de Benito Mussolini. Gramsci é reconhecido, principalmente, pela sua teoria de hegemonia cultural que descreve como o Estado utiliza, nas sociedades ocidentais, as instituições culturais para conservar o poder. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio\\_Gramsci](https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci), Acesso em 08 de fevereiro de 2016, às 19h26)

p. 138). Este fenômeno, dramático e rotineiro tem outra face, menos visível: a da violência não contabilizada nas estatísticas e não registrada nas delegacias, cicatrizes expostas na alma coletiva da cidade.

#### **2.4 O capitalismo imperialista neoliberal no Brasil de Collor: marajás x descamisados**

Caracterizado por seu perfil de evento capitalista, este fenômeno atingiu diretamente países periféricos, incluindo o Brasil da década de 1950, quando a propalada expansão alardeada pela propaganda governamental '50 anos em cinco' -, *slogan e marketing* do governo Juscelino Kubitscheck de Oliveira (31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961) delineava a proposta de desenvolvimento social e econômico do País.

Escondida sob o véu do lobby de conchavos – cuja origem remonta aos tempos do Império - encravado na administração pública do País, a exploração financeira com predomínio do capital imperialista norte-americano, favorecia uma política de implantação, expansão e consolidação da planta industrial no Brasil, estabelecida na indústria automobilística com vasto mercado de consumo a ser conquistado pelo modo de produção capitalista pós-Segunda Grande Guerra.

Esta questão denota o domínio imperialista mundial patrocinado na expansão do capital internacional, de recorte histórico engendrado pelos séculos XX e XXI - sendo que o primeiro promoveu duas Grandes Guerras Mundiais e ainda as maiores descobertas científicas -, sob o jugo da supremacia estadunidense, segundo Guimarães: "A Pax Americana, distantemente do que ocorria com a Paz Romana, não se orienta para promover o bem-estar das províncias, mas para delas extrair os maiores benefícios possíveis" (2007, p. 13).

A pretensão propagandista do então presidente da República, Juscelino Kubitscheck, em fazer e "construir cinco décadas em apenas cinco", abriu as portas do País ao capital internacional, sem nacionalidade, por isso chamado transnacional. Este o momento histórico que esboça a origem da gênese do golpe militar e culmina na instalação definitiva da ditadura civil e militar, em 1964, a qual mergulhou o Brasil no período de exceção acompanhado pela crise conjuntural mundial do dinheiro, instalada nos anos 1970, a partir da histórica crise do petróleo de 1973, transformada em dilema de hegemonia, tanto no bloco do poder quanto na

sociedade, com característica e processualidade complexa e questão teórica de regulação definida como a crise do capital.

De acordo com Harvey (1993)

a crise dos anos setenta assinalou a exaustão do padrão capitalista monopolista fundado num regime de acumulação (e seu conexo modo de regulação sociopolítica) 'rígido', que ele designa como 'fordista-keynesiano'; para preservar-se e reproduzir-se, o capitalismo monopolista contemporâneo – que Mandel (1976) caracterizou como capitalismo tardio – quer enfrentar a nova agudização das suas contradições iminentes recorrendo a um outro regime de acumulação, 'flexível', que implica, necessariamente, um correspondente modo de regulação.” (apud, NETTO, 1996, p. 90-91)

Longe de tornar-se um acidente cronológico, a crise do capital monopolista, a partir de então, abre possibilidades a novas alternativas na logística mundial, questão ligada à hegemonia e lucro que envolve expressões econômicas, políticas e culturais. Ao fazer este recorte histórico e trazer à tona a política exercida no Brasil, já na década de 1980, quando os movimentos sociais ganhavam as ruas, através da campanha/reivindicação nacional conhecida na história recente do Brasil como o evento cívico-político das *Diretas Já*, Maciel argumenta:

De um lado, as divisões no bloco do poder se acentuaram, pois a crise do padrão de acumulação dependente-associado durante a etapa final da ditadura militar obrigou a Aliança Democrática (PMDB/PFL) a se comprometer com uma política econômica que combatesse o binômio inflação/recessão e promovesse uma relativa distribuição de renda com a melhoria da massa salarial e com reforma agrária para angariar o apoio popular e conferir legitimidade à sua eleição indireta. No entanto, a edição de um programa desenvolvimentista com um perfil reformista, mais distributivista e menos dependente, chocava-se com o próprio colapso do modelo desenvolvimentista operado pela ditadura militar e com o agravamento da crise econômica, somada à inserção progressiva da economia brasileira no cenário mundial (2012, p. 20).

O excessivo intervencionismo estatal, seja na economia ou nas relações capital e trabalho, dificultava a modernização - tanto de uma como de outra - destas relações de produção capitalista, privilegiando o corporativismo, parasitismo e a corrupção. Como consequência, a distribuição de renda dependente da relação de produção e crescimento econômico muito mais “do que da ampliação dos direitos sociais garantidos pelo Estado” (MACIEL, 2012, p. 316-317).

O capital externo ainda não influenciava o elemento keynesiano de programa, subordinado a uma perspectiva neoliberal moderada. O neoliberalismo extremado não ditava a política do País, uma vez que frações do grande capital

nacional não tinham, ainda, o consenso. A Constituição Federal de 1988, já era então alvo de críticas pela perspectiva neoliberal moderada, devido a elementos nacionalistas e estatizantes, nela inseridos, considerados ‘arcaicos e sob a influência da esquerda’. Já a ala da esquerda, alertava para aspectos jurídicos liberais que ‘dariam’, mais tarde, possibilidades a privatizações do patrimônio nacional. Segundo este bloco de poder, representado na fala de Fernando Henrique Cardoso:

Existe uma parte da esquerda que é, sinceramente, terceiro mundista. Não se trata de solidariedade apenas. É mais do que isso. São aquelas pessoas que pensam o Brasil como um país africano e gostam disso. Achem que o Primeiro Mundo é negativo, é ruim. Identificam país desenvolvido com exploração dos outros. É uma visão de país como autarquia, em que a nacionalidade se constrói na base daquela unidade do tudo contra a exploração estrangeira. Penso que isso é anacrônico. (LEITE, 29.6.1988, apud MACIEL, 2012, p. 317)

É neste período histórico que questões liberais moderadas participam então da migração de setores do bloco no poder, particularmente, do grande capital privado nacional, e das chamadas classes médias, da posição desenvolvimentista reformista para uma posição neoliberal moderada, estruturada em partidos burgueses direcionados a partir de uma organização de supremacia nacional atrelada aos ditames imperialistas do grande capital para a América Latina e ausência de vínculos orgânicos com a massa eleitoral.

#### Segundo Sader

O neoliberalismo na América Latina – como na Europa – é filho da crise fiscal do Estado. Seu surgimento está delimitado pelo esgotamento do Estado de bem-estar social – onde ele chegou a se configurar – e, principalmente, da industrialização substitutiva de importações [...] a ‘crise da dívida’ apenas acentuou os traços dessa crise de direção do processo de acumulação de capital, desdobrada ao longo da ‘década perdida’” (1996, apud Junior, 2000, p. 25).

Essa *vocação hegemônica* tenderia a se consolidar, num futuro próximo, quando o bloco do poder terminasse a travessia rumo ao neoliberalismo. A Constituição de 1988 serviu para legitimar a institucionalidade democrática, e, por outro lado, garantia partidos dependentes do aparelho de Estado promovendo – no reverso da moeda política –, segundo (MACIEL, 2012) “a substituição da institucionalidade autoritária pela institucionalidade democrática” (p. 337). O outro lado do prisma político que reflete na estrutura partidária e na legislação eleitoral era a estrutura sindical. A vitória de Collor, em 1989, assegura o papel político de seu mandato, iniciado em 15 de março de 1990, na construção da hegemonia neoliberal já

na última década do século passado. E neste regime de relações políticas entre partidos anti-autocráticos

a institucionalidade política funciona no sentido de enfraquecer seus vínculos orgânicos com os movimentos sociais das classes subalternas e de estimular uma práxis política típica dos partidos burgueses, solapando a democracia interna, a importância política das bases e a participação direta. Consequentemente, dificulta o processo de mobilização, organização e politização dos trabalhadores e a própria possibilidade de construção de uma contra-hegemonia em ruptura com o politicismo e a autocracia burguesa (MACIEL, 2012, p. 338-339).

O caráter autocrático-burguês do Estado brasileiro foi reformado, mas não abolido, conferindo-lhe uma nova dinâmica e vitalidade. A institucionalidade democrática, criada a partir de 1988, cujo marco legal principal é a chamada "Constituição cidadã", substituiu, a antiga institucionalidade autoritária, imposta a partir de 1964, anulando os aspectos mais radicais do despotismo burguês e combinando-o a formas mais "suaves" de dominação.

Promessa desta proposta, burguesa e liberal, de um governo aliado aos "descamisados e necessitados", alavancado com o discurso de moralização e da caça aos marajás, agentes da corrupção espaiada, Collor de Melo se utilizou habilmente do novo papel assumido pela mídia brasileira, principalmente a televisão, como espaço de exercício da política em lugar do espaço público, polarizando a campanha eleitoral e assumindo a primeira colocação nas pesquisas de intenção de voto, já a partir de abril de 1989.

A partir daí, começou a configurar-se como único capaz de evitar a vitória da esquerda, ganhando a adesão progressiva do campo conservador e beneficiando-se diretamente da ausência de um candidato que unificasse o bloco no poder. Segundo Maciel "com um programa neoliberal extremado, Collor se comprometia a privatizar estatais; reduzir o tamanho do Estado fechando órgãos, cortando gastos e demitindo funcionários públicos; abrir a economia, ainda mais, ao capital externo e deixar a questão salarial para livre negociação entre patrões e empregados" (2012, p. 365).

Faltava então o que Anderson/Camiller (1996) entendem como "o compromisso com a instauração de uma sociedade socialista, ainda presente na social democracia europeia dos anos 1980", no Brasil, e, à época, de acordo com (MACIEL, 2012), "faltava o compromisso com a criação de um Estado do Bem-Estar Social fundado num sólido sistema de direitos e garantias sociais e trabalhistas, e não na primazia do livre mercado enquanto ferramenta da mundialização".

De acordo com Netto: “A globalização, ainda, vem agudizando o padrão de competitividade inter-monopolista e redesenhando o mapa político-econômico do mundo: para assegurar mercados e garantir a realização de superlucros” (1996, p. 91).

Neste ponto a proposta de governo, por parte de Collor, ajustava-se como uma luva neoliberal às coordenadas primordiais, no que se refere à abertura do País ao capital estrangeiro, segundo a economia política, capital transnacional por não conhecer fronteiras, e retornando, sempre, aos países centrais.

## 2.5.1 Antecedentes históricos

### 2.5.1.1 Políticos

Sob o prenúncio da globalização, a ditadura civil e militar forja o *marketing* coletivo. Ao fomentar a precariedade da cidadania, insere no recorte histórico da segunda metade do século XX, delineado pelo poder da política de exceção e manipulação das técnicas modernas de informação. Pesquisas de opinião e publicidade partidária são transformadas em *fetiche* na forma de produtos e alienação da coletividade atrelada às novas técnicas e costumes destinados ao fomento do consumo em larga escala de produtos locais globalizados, a partir da abertura do Brasil ao capital financeiro-especulativo estrangeiro.

A modernização responsável pela individualização da sociedade, alienada aos ditames da diversidade traduzida na moda e cultura, efêmeras, agrega novos rumos à coletividade na qual, segundo Guimarães:

O cidadão é afastado do debate e da atividade política com o auxílio da televisão e da transformação de hábitos sociais e culturais que esta promove e provoca, incluindo, entre eles, o achincalhamento da política e da cidadania, a exacerbação do individualismo consumista, o culto do corpo, o desprezo pelo intelecto e a depreciação da cultura que não seja pop (1999, p. 69-70).

Ao retomar o período histórico que se segue após a sucessão presidencial de Juscelino Kubitscheck, quando “Jânio Quadros renunciou e João Goulart só conseguiu assumir a Presidência sob o regime parlamentarista, evidencia-se, naquele momento, o golpe, que seria desfechado em 31 de março de 1964” (SILVA, 2008, p. 177), em um Brasil "preparado", já a partir da renúncia de Quadros, em 25 de agosto de 1961, para a implantação deste golpe militar pela cúpula das Forças Armadas, lideradas pelo general Mourão Filho. As forças militares e civis golpistas

impõem a farda, repressão que tem como desfecho o exílio do vice-presidente, no Uruguai, em razão da decretação da vacância da Presidência do País, em 2 de abril de 1964, pelo então presidente do Senado Auro de Moura Andrade.

Esta fase histórica do Brasil sob a batuta do período de exceção, que contou com ampla base social, estende-se pelos próximos 25 anos, o arbítrio, a partir do cerceamento do Estado de Direito, das liberdades democráticas, da cassação do *habeas corpus*, da imposição dos Atos Institucionais, aguçada na transformação do capital mundial, conhecida como a crise do petróleo, em 1973, a qual dá início a um novo processo de exploração do trabalho que, exacerba, ainda mais, a precarização dos trabalhadores no tocante às condições de trabalho, formação de mão de obra e acesso aos equipamentos sociais.

Numa análise socioeconômica deste tempo de repressão política, no Brasil, - conhecido pelos historiadores como “anos de chumbo” -, ao situar a discussão sobre as três décadas em que foram realizadas as grandes obras do Brasil Grande, sob a repressão do regime militar, Maciel define:

A emergência do movimento operário e popular, a partir de 1978, com sua reivindicação pela democratização da vida política e social, e as fraturas no bloco no poder das camadas dominantes, possibilitaram uma ampliação significativa na cena política. A formação de um grupo político e intelectual dirigente da burguesia industrial (principalmente paulista) ampliou a luta por uma nova institucionalidade e a disputa pela condução, e pela hegemonia do bloco no poder (2012, p. 12).

Este quadro histórico-político delimita a conjuntura social enquanto realidade que retrata o processo econômico e cultural do Brasil - cerceado em suas liberdades democráticas engendradas pela conjuntura capitalista mundial.

Em sua obra *500 anos de periferia*, ao analisar o fenômeno do mundo moderno e a relação assimétrica entre centro e periferia, o embaixador Samuel Pinheiro relata

os grandes Estados da periferia, e disso não escapa o Brasil, que apresentam enormes disparidades de renda e de prosperidade, de riqueza e de pobreza, de cultura e de barbárie. Apesar disso, em sua história recente, o Brasil, se comparado aos demais Estados periféricos, até recentemente apresentava um grau mais elevado de mobilidade social e espacial (GUIMARÃES, 1999, p. 22).

A substituição da institucionalidade autoritária pela institucionalidade democrática, ocorrida durante o governo Sarney (1985-90) constitui o processo político conhecido por “segunda transição”, que tem suas raízes nas sucessivas

reformas da institucionalidade autoritária que marcaram a transição da ditadura civil e militar à Nova República, a “primeira transição”, herdando grande parte de seus problemas, e, em linhas gerais, sendo a sua continuação.

### 2.5.1.2 Questão de saúde x *marketing* da mídia

A expressão mídia e drogas, engendrada pelo perfil do uso e do usuário, segundo a imprensa, dá forma à problematização do objeto desta análise o que exige reflexão quanto às questões que envolvem a imprensa, enquanto instrumento de informação, que, reificada, reproduz a alienação e a manutenção do sistema capitalista incapaz de possibilitar ou promover a emancipação humana.

As determinações históricas, econômicas, políticas, sociais e culturais geraram e internalizaram na população as diferentes concepções da drogadição – referencial desta pesquisa - enquanto expressão da *questão social* na sociedade contemporânea e, ainda, na sociedade brasileira goiana tensionada por “valores (polêmicos do ponto de vista político e moral) que foram sendo repassados de geração a geração. A ideia repressivo-punitiva passou do combate à coisa chamada ‘droga’ para o ser humano chamado ‘usuário’” (SENAD, 2011, p. 39), parte de uma concepção generalizada quase que equiparada à opinião pública, com o propósito da falsa ideia de se estabelecer uma guerra contra o usuário de drogas, o que fará a sociedade como um todo vencedora.

Quando o assunto em pauta é o uso de drogas ou a figura do usuário, torna-se de fundamental importância analisar o tratamento editorial dado pela imprensa escrita brasileira ao assunto, o que torna importante a questão

do arrendamento das mídias (venda de espaços publicitários em emissoras de Rádio e TV, que são públicas) e com posse de meios de comunicação por políticos, regulamentar as rádios comunitárias e evitar a privatização da internet numa mídia controlada por grupos familiares que formam oligopólios onde a produção de informação e publicidade se misturam, tornando os meios de comunicação importantes atores, potentes e agigantados para a reprodução do sistema capitalista” (CFESS, 2015, <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1206>)

Este fenômeno, expressão social, apresenta-se permeado por questões diversas ligadas à segurança e criminalização, encarceramento e violência, e, por último, enquanto questão de saúde pública. Sem desmerecer os méritos referentes a esta questão, de saúde - já alcançados - e influenciando no diagnóstico dos principais

problemas de cobertura nesta área, segundo a corrente de *marketing* da mídia – questão de segurança pública, reconhece-se uma maior qualificação do profissional que reporta sobre o tema.

No Brasil, existe uma estreita relação com a violência urbana quando o assunto é drogas e mídia – com rescaldo nas ações desencadeadas pelo *status quo* estatal repressivo ou nas mãos do privado benevolente, cada vez mais repressivas, trazendo a reflexão sobre a importância, de acordo com Ventura (1994), do “depoimento de um criminoso, assassino ou traficante, ou as duas coisas”, o que poderia ser revelador, pois “afinal, conhece-se muito pouco sobre esse inimigo da sociedade. O pouco que se sabe costuma vir através da visão suspeita e interessada da polícia” (idem, p. 139). Este fato é realimentado, diariamente, na mídia, como fator social, político e moral preponderante ligado às correntes do medo e da ansiedade, o que impede à sociedade a compreensão contextualizada e científica do problema, fenômeno e mais uma expressão da *questão social*.

Segundo o CFESS (2015),

“é imprescindível o uso de uma linguagem não discriminatória nas produções” incluindo aquelas deliberadas pelos CRESS e CFESS, alcançando ainda “a questão da acessibilidade das produções e, inclusive, indicações para o cumprimento da Lei de Acesso à Informação (Lei número 12.527/2011)” (<http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1206>).

Uma mudança de concepção sobre o assunto por parte da coletividade organizada, em diversos aspectos, passa por múltiplos fatores. Vigiado de perto pelo viés da violência - generalizada e banal – o tema torna-se então impossível de ser administrado pelo sistema da jurisprudência, o que fragiliza os conteúdos de uma discussão democrática impossibilitando a maior contextualização e quaisquer possibilidades de ampliação do debate.

O fato de que as drogas existem na sociedade como parte de uma complexa rede de fatores de ordem biológica, psicológica, social, econômica, política e religiosa deve permear o debate público, de forma a ampliá-lo na busca de caminhos e soluções mais efetivas e justas. O desafio que coloca-se diante da grande imprensa, nesse processo, é dotar a sociedade de informação objetiva e direta, que contribua para sua reflexão” (ANDI/MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005, p. 6).

A postura retrógrada carrega e alimenta traços que alavancam, ainda hoje, o estigma social que predomina em manchetes estampadas nas páginas do jornal *Diário da Manhã* e outros, além das revistas que publicam temas relacionados a essa expressão social abordados em matérias sem preocupação com aquele que deve ser ouvido, rompendo-se assim as barreiras do equívoco e preconceito moral.

Uma observação de cunho histórico e avaliação dessa expressão podem ajudar a compreender os hábitos, atitudes e normas culturais de várias épocas, que fazem a história.

Estas revelam possibilidades da convivência equilibrada da população com variados tipos de drogas, lícitas e ilícitas, inseridas nos mais diversos contextos da sociedade contemporânea e globalizada que jurisdiciona inúmeras expressões coletivas estampadas no alarme midiático tendo a desigualdade enquanto gênese da consequente violência social. Com finalidades terapêuticas, religiosas ou recreativas é difícil pensar uma cultura que não traga, em sua essência, ligações com uma ou mais substâncias usadas em rituais ou outros fatores socioculturais nos seus mais diversos significados.

Usadas para reforçar valores e laços intrínsecos entre os povos, torna-se praticamente impossível identificar alguém que, em seu cotidiano, não tenha desenvolvido o hábito, por exemplo, em tomar – enquanto alimento - um ‘cafezinho’. Definitivamente esta é mais uma premissa ou silogismo do mundo moderno globalizado, midiático, engendrado pela questão das drogas enquanto mercadoria capitalista.

As substâncias disponibilizadas no mercado têm uso regulamentado e permitido, ou não. Contrabandeadas pelo tráfico organizado, são então criminalizadas tomando como referencial de julgamento as leis coercitivas. A partir do momento em que esta expressão social - originada a partir do fenômeno *homem e história* e questão de saúde - é pesquisada por diversas categorias profissionais sob os preceitos das ciências humanas, econômicas e jurídicas, denuncia-se o direito de uso ou sua proibição. Inerente à alma, expressão cultural, dependência química legal ou ainda na ilegalidade, a droga é determinada por cientistas enquanto uma série de produtos capazes de alterar o metabolismo. Não só o funcionamento do Estado como também e, principalmente, o do corpo humano que, segundo a teoria do Serviço Social, abriga e define o ser social.

Neste sentido

de acordo com a classificação dos psicotrópicos, referenciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), substâncias como café, chá, pó de guaraná, tranquilizantes, anabolizantes e tantas outras corriqueiramente consumidas pela população são consideradas drogas, por serem capazes de produzir alterações no Sistema Nervoso Central (SNC) de quem as usa” (ANDI/MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 8).

Associado a uma série de fatores externos internos, o uso da droga apresenta-se ligado ao tipo de substância, quantidade usada, características psicológicas e físicas da pessoa, conjuntura de vida e suas circunstâncias.

No caso intrínseco às drogas ilícitas, as discussões remetem - com maior frequência - às dependências física e psíquica, ao alarmante número ascendente de acidentes, em que a agressão e o suicídio são banalizados. Esse fator histórico - que anda de braços dados com os princípios da Ontologia - denuncia o fragmento da *questão social*, estereótipo de visões românticas ou associadas à violência. Estas questões são frequentemente tratadas com coerção aliada à repressão polícial, que rejeita o problema como a negação da política de saúde pública capaz de se tornar acessível sem o véu repressivo da proibição.

A promessa da salvação do sujeito - que depende e abusa da substância química - pelo canal da “benevolência” de organizações não governamentais (ONG’s) não descreve os estados de magia os quais dão trégua efêmera à concretude da realidade (des) humana. Se de acordo com o pensador e filósofo anarquista francês, Baudrillard “o sociólogo é o bruxo pós-moderno - impedido de enunciar certas verdades intoleráveis”, Artaud (1896-1948) ensina “que não há nada de errado em pensar de forma diferente” o que os aproxima de certa forma, da perspectiva defendida por Michel Foucault<sup>16</sup>.

Coercitivo, o Estado deixa de lado a individualidade do ser social, a possibilidade de se optar livremente pelo estilo de vida e as diferentes formas de prazer. A questão passa a ser de segurança pública, visão proibitiva - com foco na droga e também no sujeito, - tornando inimigos a droga e também o usuário, enquanto “pessoa ruim, violenta, destituída de valores éticos e morais”.

De acordo com Bucher:

mais do que investigar os efeitos fisiológicos da droga, seria mais importante para o estudo da evolução da toxicomania, tentar compreender como o usuário interpreta sua experiência com a droga, sua motivação ao uso repetido e seu estado. O que o usuário de substâncias psicoativas considera importante para satisfazer suas necessidades sociais, culturais, afetivas e cognitivas? Onde a droga se enquadra nessa perspectiva? Essa a pergunta que precisa ser feita (ANDI/MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 8).

<sup>16</sup> Michel Foucault (*Poitiers*, 15 de outubro de 1926 - Paris, 26 de junho de 1984): filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France entre 1970 e 1984. Sua obra inovou no campo da filosofia do conhecimento. Escreveu sobre o saber, o poder e o sujeito, rompendo com as concepções modernas destes termos, motivo que provocou a ira de Baudrillard e que lhe dedicou um livro intitulado *Esquecer Foucault*. Estruturalista, defendeu a ideia de que o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas.

O apelo midiático - cada vez maior e mais dependente dos signos - expressa os fatos pelas vias das mensagens, da fragmentação e da incerteza. Grande parte dos veículos que 'combatem as drogas' traz à tona da discussão - em caráter mundial - diferentes correntes ideológicas além da *política de guerra* contra todo e qualquer padrão referente ao uso de mercadorias ilícitas. Essa realidade, intrínseca aos dias e fatos atuais, fere o direito das pessoas disporem livremente de seu corpo e mente, além do seu estado de consciência, por meio de substâncias se assim o quiserem.

### Segundo Harvey

O caos de signos, de mensagens e significações concorrentes, sugere, no nível da rua, uma condição de fragmentação e incerteza que acentua muitas das facetas da estética pós-moderna. A estética de *Blade Runner*, resultado 'da reciclagem, da fusão de níveis, dos significantes descontínuos, da explosão de fronteiras e da erosão (2001, p. 279).

A política de saúde ligada à Redução de Danos (RD) é abandonada enquanto perspectiva de tratamento da saúde e a expressão social ligada à droga segue enquanto caso de polícia. Daí, o conflito entre proteção e responsabilidade, quando o usuário "maior de idade" passa a se enquadrar nos trâmites da lei enquanto um sujeito de direitos e deveres, incluindo, nesta questão, "escolhas e consequências", as quais não devem colocar em risco os direitos de terceiros.

Com base na questão de planejamento e em relação ao respeito pelos usuários, a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)<sup>17</sup> define:

Os rumos traçados pela política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Outras Drogas, consolidada em março de 2003, deixam bem claro que a opção da saúde pública é o planejamento de programas que contemplem grandes parcelas da população, de forma que a abstinência não seja a única meta viável e possível aos usuários. Os especialistas da área também defendem o desenvolvimento de campanhas de informação voltadas para públicos específicos, entre os quais adolescentes/jovens, cuja fase da vida tem como característica mais comum a busca pela liberdade e por novas descobertas, sensações e experiências, sendo um público potencial para o uso de drogas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 9).

O tema das drogas, portanto, amplo e complexo, recente da necessidade de maior contextualização sobre o assunto, quando, segundo o relatório *Mídia e Drogas*:

<sup>17</sup> ANDI: Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Criada formalmente em 1993, mas atuando de maneira voluntária desde 1990, é uma organização da sociedade civil, sem fins de lucro e apartidária, que articula ações inovadoras em mídia para o desenvolvimento. Suas estratégias estão fundamentadas na promoção e no fortalecimento de um diálogo profissional e ético entre as redações midiáticas, as faculdades de comunicação e de outros campos do conhecimento, os poderes públicos e as entidades relacionadas à agenda do desenvolvimento sustentável e dos direitos humanos. Fonte: <http://www.siglaseabreviaturas.com/andi/>

*o perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira*, em cerca de 32% (trinta dois por cento) dos textos da imprensa, no Brasil, usuários são mostrados como pessoas violentas, e, em 25,5% (vinte e cinco e meio, por cento), enquanto indivíduos com problemas de saúde, assunto que acaba tendo as páginas policiais como destino (2005, p. 63). Parte desta realidade dá-se pelas dificuldades que enfrenta o profissional da imprensa que, além da escassez de fontes, tem a missão de informar uma sociedade amedrontada, da qual ele próprio faz parte, sendo relevante o fato de que “em tempos de manifestações da direita que pedem, inclusive, intervenção militar, e que recebem visibilidade da mídia, é urgente discutir os meios de produção da notícia” (CFESS, 2015) dado o fato de que países vizinhos ao Brasil, espalhados pela “América Latina têm buscado enfrentar oligopólios onde a produção de informação e publicidade misturam-se” (idem). Os meios de comunicação tornam-se atores potentes e agigantados para a reprodução do sistema capitalista.

Já o trabalhador da mídia que lida com o público adolescente mostra - através da publicação jovem - que ainda é possível um tratamento mais correto com relação ao tema e “nesta parcela da imprensa, a principal consequência apresentada pelo uso de drogas é ‘problemas de saúde’, em 53% (cinquenta e três por cento) dos textos. Já a violência praticada por usuários de drogas foi destacada em apenas 10,3% (dez ponto três, por cento)” (ANDI/MINISTÉRIO DA SAÚDE, p. 9).

O jornalista enfrenta o agravamento desta questão de saúde a partir do fato de que a sociedade brasileira não conta com referenciais múltiplos de profissionais de categorias diversificadas que possam dissertar sobre esta expressão social. Profissionais ligados à causa da política de combate às drogas são praticamente as únicas fontes mais conhecidas e consultadas nas matérias publicadas. A função social da mídia na veiculação de notícias, referentes ao comércio dessas substâncias, atua também na criação dos inimigos do sistema, na proliferação da insegurança coletiva enquanto estratégia mercadológica e corrobora, de modo singular, na perpetuação da repressão por parte do Estado como ‘única maneira’ de lidar com o comércio e consumo destas drogas, substâncias ou mercadorias.

Aqueles que procuram trazer novas ideias e posições questionadoras capazes de desconstruir conceitos comuns em vigência relatam que a substância psicotrópica é transformada em droga a partir da interação simbólica com um conjunto de motivações de quem a usa. As relações sociais, culturais, afetivas e cognitivas estabelecem a relação usuário *versus* substância, não necessariamente transformando aquele que faz uso de drogas em dependente. As políticas públicas

carecem da ação do preceito de que o usuário é sujeito de direitos e assumir a realidade social que insere expressiva parcela da sociedade na condição de seres sociais que já experimentaram a droga e que os conceitos sobre o uso de entorpecentes são fruto da produção cultural.

O *calcanhar de aquiles* - capaz de estruturar o ponto de discussão de toda esta questão - deve referenciar-se a partir de uma maior discussão do tema, abordado na mídia, enquanto 'problema para o Estado e fantasma da insegurança que assopra na janela mercadológica destinada à sociedade'.

Em relação a esta questão a ANDI afirma:

Paradoxalmente, existe um mínimo de informações, de amplo conhecimento, acerca da ineficiência das atuais políticas de drogas, que sintetizam nos seguintes enunciados, com apelos morais e/ou pragmáticos: a proibição faz o tráfico (e o dinheiro sujo, desviado para outros empreendimentos sujos); algumas lícitas são mais danosas que as ilícitas; a proibição aproxima o usuário de outros criminosos; nem todo usuário constitui um perigo para a sociedade; nem toda droga proibida cria dependência química, ao passo que algumas permitidas criam-na; desrespeito à dignidade humana, pelo menos no tocante à criminalização da posse para uso; fortunas que se constroem à sombra da proibição; mais danos que benefícios à saúde e à segurança pública; guerra perdida, etc. (2011, p. 11).

A proposta deste segundo capítulo é desvelar a dinâmica do lucro inserida no mercado da violência e correção que promove o alijamento do ser social de seu direito à discussão – enquanto paradigma – publicada, fato sobre o qual “o Serviço Social brasileiro entende a comunicação como um direito que deve estar a serviço da sociedade e não das classes dominantes, que tão somente visam ao lucro e à reprodução de seus interesses” (CFESS, 2015). Nenhum crime se presta melhor para demonstrar serviço, engordar estatísticas criminais, simular flagrantes, discriminar certos grupos sociais, desestabilizar desafetos políticos ou pessoais, levantando a falácia moral que desmoraliza e despersonaliza o ser social, quer seja no discurso policial, na fala parlamentar ou mesmo quando da publicação na imprensa.

## CAPÍTULO III

### A TRAJETÓRIA DA DROGADIÇÃO COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA *QUESTÃO SOCIAL* E A MÍDIA IMPRESSA EM GOIÁS

*A globalização neoliberal lançou as bases de uma era de capitalismo de baixos e decrescentes salários em escala mundial, de progressiva concentração da riqueza, de exclusão universal.*

SILVA, et al. 2010

Este capítulo discute drogadição e mídia impressa, no sentido de alcançar uma reflexão que provoque a crítica e o caminho a seguir. Assim, essa exposição traz manchetes e reportagens publicadas no jornal *Diário da Manhã*<sup>18</sup>, entre os anos de 2013 e 2015, explicadas a partir do seu objeto de análise em matérias divulgadas aos leitores, adultos e infanto-juvenis, letrados ou não, pois, de acordo com Barcellos (1998) “se você não entende o texto, pode muito bem ler as imagens e se reconhecer nos ambientes e, daí, interpretar o conteúdo da história de acordo com o seu contexto”.

As questões econômicas, políticas e socioculturais que impulsionam a relação de conflito mídia impressa e drogadição como uma das expressões da *questão social* - que, nesta exposição, toma por referência empírica a sociedade goiana -, com seus antagonismos de classes retratados cada uma por diferentes interesses. Pesquisa materializada por documentos em pautas veiculadas no jornal *Diário da Manhã*, veículo de informação impressa e diária, o qual, na sua origem, desencadeou processos históricos de oposição na imprensa goiana durante o período de exceção democrática, sofrendo a opressão da liberdade de expressão e imprensa por parte do período da ditadura militar e de seus apoiadores civis que coagiram a resistência de jornais, de jornalistas e da população trabalhadora.

Esta exposição busca retratar no processo histórico, a partir das matérias analisadas, a tomada de outra postura político-ideológica do jornal *Diário da Manhã*

---

<sup>18</sup> Diário da Manhã - Jornal goiano fundado em 1980, oriundo do semanário *Cinco de Março*, fundado pelo casal Batista Custódio e Consuelo Nasser. Devido ao foco de jornalismo opinativo, em 1964, sob uma violenta repressão, o *Cinco de Março* deixou de circular por um tempo e, sob a vigilância contínua, retorna e continua mantendo a sua linha editorial, voltada para denúncias, até o início da década de 80. O jornal *Cinco de Março*, em 1981, com o processo de redemocratização do Brasil, torna-se o *Diário da Manhã*, que completou 57 anos, em 12 de março de 2016. Um dos únicos jornais a dispor de seu conteúdo total e aberto em seu site na *internet*.

em face do mercado manipulado pelo capital de *marketing*, de um lado, como elemento de fomento ao consumo de drogas lícitas e ilícitas e, de outro, como instrumento de propaganda e acumulação de capital. Desvelar o processo de formação *da arte política de informar* a história da coletividade, dinâmica, atriz de sua própria história, ao expressar no seu interior a existência da pluralidade - várias correntes de pensamento nas mais diversificadas matrizes teóricas e metodológicas, enquanto relações dialéticas pautadas no debate posto pelo objeto pesquisado.

### **3.1 A sociedade moderna e a relação de conflito e violência: o tráfico de drogas como mecanismo de acumulação do capital**

O homem contemporâneo, na condição de consumidor de substâncias psicoativas lícitas como o tabaco e o álcool, aceitos e comercializados, e, as ilícitas e outras, como a maconha, o ópio, a cocaína, as anfetaminas, a dietilamida de ácido lisérgico (LSD) e outras – caso de polícia - apresenta-se, atualmente, como uma problemática das mais destacadas, divulgadas e vigiadas pela mídia impressa mundial. Não são todas estas substâncias que alteram o estado de consciência dos homens e sua criminalização surge, a partir do século XX, quando tiveram o consumo proibido já na condição de drogas ilícitas para uso público.

Esta proibição se dá, por mais de 100 anos, e influencia sobremaneira na penalização das classes sociais minoritárias. Disputas econômicas capitalistas e manobra política destas classes, no início dos anos 1900, inserem o proibicionismo enquanto movimento de controle social da pobreza.

Tomando a vertente da informação midiática, dissecada em pesquisa sobre a Europa moderna, quando se refere ao público leitor que interagia, à época, entre si, e, em lugares comuns, Thompson faz a seguinte reflexão:

Sociedades de leitura, clubes, cafés e outros ambientes forneciam lugares onde os indivíduos se encontravam e discutiam o que liam, como Habermas mostrou. A publicidade da palavra impressa se estendeu indo além destes locais específicos nos quais algumas matérias impressas, tais como obras literárias e periódicos políticos, eram discutidas por alguns de seus receptores, e o público leitor não coincidia com os grupos de indivíduos relativamente bem selecionados que se encontravam nestes lugares para discutir o que liam (2008, p. 115).

É fato histórico que, como toda mercadoria destinada ao mercado consumidor, produto do modo de produção capitalista, as drogas movimentaram,

segundo Coggiola (2005) "em 1990, uma renda anual de mais de US\$ 500 bilhões, constituindo o segundo negócio da economia capitalista mundial, depois da indústria militar - US\$ 700 bilhões", pelo avanço do tráfico internacional de substâncias ilícitas<sup>19</sup>, em grande escala.

Há que registrar o uso de drogas, datado de oito mil anos atrás, - quando o ópio era utilizado por habitantes do Mediterrâneo e na região do Egito -, e ainda no Império Romano, enquanto ingredientes de remédios e sedativos: Segundo Magri (2007, p.3) "a *Bíblia*, livro do Cristianismo, registra o consumo de álcool cerca de dois mil anos atrás", durante a Idade Média o uso de plantas, hoje proibidas, era comum como o cânhamo de *cannabis*, usada durante a época das navegações quando cada navio usava cerca de 100 toneladas em velas e cordas.

Os primeiros conflitos mundiais relacionados às substâncias, têm como gênese a guerra do ópio, em 1839, de acordo com D'élia Filho (2007), quando o "imperador chinês Lin Tso-Siu decidiu, provavelmente em nome da saúde pública chinesa, apreender e destruir um carregamento de 1.360 toneladas de ópio, que resultou na histórica declaração de guerra da Inglaterra à China, sob o fundamento do 'livre comércio'". A rainha da Inglaterra considerou uma 'injustiça' contra seus súditos e o Parlamento inglês autorizou o envio de tropas para obter 'reparações', culminando com a guerra, vencida pela Inglaterra, "que obtém, além de uma indenização, a cessão de Hong-Kong, para ali instalar base naval e comercial" (D'ÉLIA FILHO, p.78).

Nos séculos XVIII e XIX as drogas psicoativas passaram a ser usadas com mais frequência nos tratamentos médicos, gerando disputas econômicas as quais sempre permearam os posicionamentos políticos em relação a esta expressão social determinada a partir da ascensão do capitalismo, o desemprego estrutural e sua proibição - pela moral americana -, a partir dos anos 1900. O fato histórico dá origem às primeiras grandes redes de traficantes e organizações que se dedicaram ao mercado ilícito, com destaque social para uma conjuntura na qual, com "a formação da Máfia, a taxa de homicídios foi altíssima e a corrupção tomou conta da polícia. A Depressão de 1929-30 fez com que o governo americano repensasse a quantidade

---

<sup>19</sup> **Drogas Lícitas:** São aquelas comercializadas de forma legal, podendo ou não serem submetidas a algum tipo de restrição, como o álcool, cuja venda é proibida a menores de 18 anos, e alguns medicamentos que só podem ser adquiridos por meio de prescrição médica especial; **Drogas Ilícitas:** São as proibidas por lei;

de impostos que o álcool arrecadava, cerca de 32%, da arrecadação federal” (MAGRI, 2007, p.5).

A proibição de certas substâncias, como o álcool, expôs a população americana ao consumo de bebidas ainda mais nocivas à saúde, devido sua alteração química. Proibida, fugia aos alcances do controle por parte da saúde pública. O lucro que girava em torno da droga foi responsável pela superação da crise de 1929, responsável pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, e a revogação da Lei Seca deu-se, a partir de 1933, quando a crise influiu diretamente na extinção da lei e legalização do álcool, uma tentativa de minimizar os efeitos negativos da proibição e criminalização do álcool, o que gerou outra mazela social:

O impulso econômico para a criminalização da maconha, que era usada, naquela época, de forma muito restrita pela população dos EUA, mas que tinha grande aceitação e consumo junto aos mexicanos que, a partir da quebra da Bolsa de Valores norte-americana, passou a ser mão de obra competitiva, não desejada em razão da crise econômica (D'ELLA FILHO, 2007, p. 84).

A informação destinada às manchetes midiáticas trespassa a exploração e tráfico, guerras, hegemonia de poder e acumulação de capital como expressões de um mundo contemporâneo o qual é permeado pela “lavagem de dinheiro”<sup>20</sup> por parte daqueles que fazem esta operação com os valores obtidos através das atividades ilícitas e criminosas (tais como o tráfico de drogas, corrupção, comércio de armas e prostituição, crimes de colarinho branco, terrorismo, extorsão, fraude fiscal) dissimuladas ou escondidas, que aparecem como resultado de operações comerciais legais e que possam ser absorvidas pelo sistema financeiro, naturalmente.

Este universo informativo retrata uma sociedade modernizada e eletrônica, - atrelada à notícia impressa, televisada ou através do alcance público pelas ondas do rádio - a qual abarca grande parte das classes sociais, estando elas de posse do jornal do dia ou mesmo aquelas fadadas a estampar as páginas policiais. Esta realidade é exposta na análise de 667 Autos de Prisão em Flagrante, realizada na cidade de São Paulo (SP), em 2011, pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo que denuncia a criminalização da pobreza no País. Nas situações de flagrantes, 82% destes se deram em via pública; 62% em patrulhamento da Polícia Militar (PM) e 69% destes resultaram na prisão de uma

---

<sup>20</sup> **Lavagem de dinheiro:** é um processo onde os lucros gerados a partir de atividades ilegais são “purificados” ou ocultados para que possam aparentar ter origem lícita. Fonte: <http://www.significados.com.br/lavagem-de-dinheiro/>

pessoa. A média destas apreensões, medida em quantidade de 66,5 gramas de drogas. Com relação a alguns dados resultados da aplicação da Lei de Drogas no Brasil, de número 11.343, promulgada em 23 de agosto de 2006, em 2011:

O sistema penitenciário brasileiro contava com 47.472 pessoas presas por tráfico no País. Já em 2010, registrou-se 106.491 presos pelo mesmo motivo, número 124% maior. Em São Paulo o cenário não é muito diferente. Em 2006, havia 17.668 presos por tráfico de drogas, enquanto, em 2010, este número saltou para 42.849, referencial 142% superior a 2006. Em geral, a população carcerária no Brasil tem crescido em um ritmo vertiginoso nos últimos anos e o tráfico está relacionado a este fenômeno. Atualmente o Brasil apresenta a quarta maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, Rússia e China, segundo dados da *Internacional Bar Association* (2010) (JESUS, 2011, p. 7).

Neste universo demográfico e urbano, retrato da mazela social relacionada ao êxodo rural, os gráficos apontam que a atuação ostensiva da Polícia Militar (PM) é responsável por 87% das apreensões relativas ao 'tráfico varejista', ou seja, o pequeno traficante - que comercializa as drogas -, nas ruas, é quem acaba por ser preso. São, na grande maioria, jovens na faixa etária de 18 a 29 anos de idade (75,6%) e 54% deles têm entre 18 e 24 anos. Com referência à escolaridade, 61% completou o ensino fundamental seguidos de 19% os quais não terminaram ainda.

Sobre esta realidade que gera mais conflito e violência - expressão social da *questão social* – Silveira (2008) esclarece que “ao examinarmos a história da humanidade constatamos que o homem sempre procurou estados alterados de consciência. São conhecidos registros de uso de drogas nas mais diversas culturas desde a Antiguidade" (p. 7).

### **3.2 A conjuntura do capitalismo globalizado engendra a problemática da drogadição e trespassa direitos constitucionais**

O quadro sociopolítico que retrata o Brasil, democrático e de direito, já a partir da promulgação da atual Constituição do País, em 1988, exige e define novas bases para a relação conflitante Estado x sociedade civil organizada.

Questão de direito e conquista galgada na luta de entidades, cimentada nas reivindicações populares, a saúde pública torna-se responsabilidade de um Estado comprometido, a partir de então, com as camadas de menor poder aquisitivo ou sujeitos que vivem à margem da sociedade dotada com o poder de consumo, que

usufrui de uma função, emprego, um teto e condições básicas de subsistência dentre as quais, a saúde, pilar de uma sociedade civil desenvolvida e saudável.

Neste sentido

a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), número 8.742, de 7 de dezembro de 1993, propõe um conjunto integrado de ações e iniciativas do governo e da sociedade civil para garantir proteção social para quem dela necessitar. A gravidade dos problemas sociais brasileiros exige que o Estado assuma a primazia da responsabilidade em cada esfera de governo e na condução da política. Por outro lado a sociedade civil participa como parceira, de forma complementar na oferta de serviços, programas, projetos e benefícios de Assistência Social. Possui ainda o papel de exercer o controle social sobre a mesma. Vale ressaltar a importância dos fóruns de participação popular, específicos e, ou, de articulação política em todos os níveis de governo, bem como a união dos conselhos e, ou, congêneres no fortalecimento da sociedade civil organizada na consolidação da Política Nacional de Assistência Social (Brasil, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005, p. 46-47).

Particularidades histórico-sociais da colonização do Estado de Goiás, - determinadas por questões ontológicas e geográficas -, determinam a sua representação política a nível nacional enquanto Estado aliado das decisões político-administrativas do País, historicamente atado ao sistema econômico capitalista que se estrutura na atividade agropastoril devidamente vigiada por um poder oligarca. Sua planta industrial encontra-se em implantação e expansão financiada pela política de incentivo à isenção de impostos destinada ao grande capital internacional.

Periférica, a região do Cerrado brasileiro traz, no bojo de sua construção histórica, a tendência a se tornar, desde os tempos do Império, numa área a ser “explorada” com a ferramenta do compadrio delegado pelo poder tradicional com origem nos tempos coloniais. Este aspecto histórico cimta sua condição de Estado subalterno o que lhe retira a possibilidade de maior participação no desenvolvimento do País e - por que não mencionar - do resto do mundo. A condição histórica de terra explorada pelo capitalismo tardio que submete sua produção à exportação para consumo em países centrais - detentores do capital – é fator histórico e econômico arraigado à condição de exploração a que foi submetido o Brasil, já a partir do seu “Descobrimento”, em 22 de abril de 1500, fato político extensivo aos dias de hoje.

Segundo Silva

desde os seus tempos de colônias, as economias dos países periféricos produzem, principalmente, para um mercado cujo eixo está situado fora dos marcos territoriais. Quer dizer que elas nascem e se desenvolvem em função de um espaço econômico que não corresponde ao espaço territorial de seus países. São economias que sempre giraram em torno de interesses da

acumulação capitalista dos países do centro, ou seja, essas economias, em suas dinâmicas, não podem ser entendidas em si mesmas, mas sim como parte de um todo mais amplo: economia periférica + mercado mundial (2008, 3ª ed, p. 31)

O corpo societário de uma região - engendrada pelo sistema de economia, capitalista e globalizado - determina características sociais, econômicas e conjunturais retratadas por desigualdades diversas e extremadas. Numa área caracterizada por acentuada concentração da população no perímetro urbano - mobilizada e influenciada no capitalismo tardio - não planejado - responsável pela migração ou fuga de trabalhadores rurais do campo para as cidades, a luta pela sobrevivência dá-se a partir da realidade do cotidiano forjado na luta de classes concorrencial, fator socioeconômico determinante da exacerbada violência a qual denuncia números alarmantes.

O Brasil, e dessa realidade social não foge o Estado de Goiás, seguem sob o domínio de uma conjuntura econômica capitalista cujos tentáculos - globalizados - determinam a problemática da drogadição (relativa à camada mais pobre da população) não enquanto questão de saúde, mas sob o equivocado e indiferente estigma social que alcança a esfera estatal. A negligência por parte da sociedade organizada torna, ainda hoje, a questão da dependência química um caso de polícia, muitas vezes, submetida e administrada por organizações não governamentais (Ong's) de preceitos caritativos e boa vontade divinos.

Sobre a expressão/mazela social da droga, que trespassa conceitos dos Direitos Humanos (em construção) e da cidadania (promessa do Estado burguês), enquanto conceitos terceirizados pelo projeto neoliberal de um Estado periférico com extremadas anomalias na sua gestão da Saúde Pública, Belém (2012) esclarece

nesse percurso, temos conseguido apresentar a rede SUS às pessoas que precisam de cuidados de toda ordem e às unidades de saúde uma população até então desconhecida, descrita pelos meios de comunicação - com a ajuda de técnicos moralistas - como zumbis, perigosos usuários de crack, para justificar sua internação forçada ou outras admoestações, mais ou menos agressivas. Enfim, o Consultório de Rua (CR) iniciou com forte presença na cidade uma desconstrução dessa imagem e ofereceu cuidados generosos a estes cidadãos que nossa sociedade vem exterminando (p. 67).

Tomando como parâmetro a propaganda do sistema estrutural - ligado à questão de saúde -, especificamente no Estado de Goiás, a expressão social relacionada à drogadição trespassa as políticas públicas a ela correlatas. Entretanto,

para o sistema e a dinâmica internacional de propaganda que trabalha para o poder do grande capital, hegemônico, estes fenômenos, de acordo com Guimarães (1999) “têm sido descritos e interpretados como resultado de um processo benéfico de crescente globalização, interdependência e progresso econômico, de que participam e se beneficiam, material e espiritualmente, cada vez mais de forma mais democrática, todos os indivíduos em todos os países” (p. 19).

Se “a política baseia-se no fato da pluralidade dos homens” (ARENDT), a este respeito, cabe uma crítica pontual à política de gestão pública responsável por extrapolar a propaganda e suprimir importantes direitos ao subjugar sujeitos em situação de rua. A realidade dos dependentes químicos - enfraquecidos física e psicologicamente -, expostos a toda sorte de violência pontual generalizada e ainda ao estigma da sociedade, é tema que diz respeito à expressão social retratada no tema das drogas lícitas e ilícitas além de vital questão de saúde pública.

De acordo com Belém,

com relação local à ineficácia do modelo de saúde pública o qual adota a concepção compartimentalizada da relação normal/patológico, em que a saúde e doença são entendidas como realidades diferentes e opostas, a prática hospitalar, em sua maioria muito conservadora, ainda cria o mito da cura pela desintoxicação, em que esta última confunde-se com o tratamento da dependência em si (2011, p. 53).

Acentuadas, as desigualdades sociais tornam-se a razão inversa do acúmulo de capital, processo ativo e cumulativo resultado do sistema capitalista mundializado. Este modelo econômico – estruturado no capital de raiz eurocêntrica – em sua fase modernizada passa a entender, enxergar e tratar o trabalhador enquanto mercadoria e não carrega o compromisso com o sujeito envolvido nas possibilidades inerentes à sua condição de ator social.

Tornar-se o eixo central da *questão social*, realidade social e política denotada a partir de um complexo conjunto das expressões sociais – entre elas a dependência química – passa a ser interrogação sobre a qual despontam paradigmas os quais vão além dos direitos adquiridos por homens que, antes mesmo de se descobrirem enquanto atores sociais, já se tornaram mercadoria cidadã. Fato histórico resultado do capitalismo cumulativo que fortalece a hegemonia dos países centrais, a desigualdade social alavanca as mais diversificadas expressões sociais determinantes da gradativa miséria humana.

Neste sentido, cabe a reflexão exposta na obra literária *Século XXI: crise de uma civilização. Fim da história ou começo de uma nova história?*:

A globalização neoliberal lançou as bases de uma era do capitalismo entre baixos e decrescentes salários em escala mundial, de progressiva concentração da riqueza, de exclusão universal, mas com uma nova grande depressão também criou a base objetiva de uma ampla rebelião para além das particularidades e, como se pôde observar recentemente, inclusive para além das fronteiras. Durante a década passada, os Foros Sociais Mundiais foram o cenário de encontro de forças sociais críticas do mundo inteiro (SILVA, et. al, 2010, p. 117).

Moderna, a sociedade capitalista, globalizada e neoliberal, torna-se incapaz de ultrapassar as barreiras conjunturais que a impedem de promover a ação política a partir da função dialética do diálogo. Organizações não governamentais (Ong's) do Hemisfério Norte não conseguiram ainda questionar o sistema em suas raízes.

A grande depressão, no início do século XXI, transformou-se em um elemento histórico, econômico e fundamental para decifrar as particularidades e as fronteiras desta expressão social. Ela compreende as drogas lícitas e ilícitas enquanto mercadorias as quais movem o mercado mundial e globalizado e abarca os principais assuntos internos dos mais diversos países representados, cada qual, em grau maior ou menor, dependendo de seu poder estabelecido.

Sobre a questão política da hegemonia - que alicerça o poder de soberania e dominação -, determinando o estado de guerra ou a convivência em tempos de paz, as quais determinam diferentes vertentes das múltiplas expressões da *questão social*, a coletânea *Século XXI: crise de uma civilização – fim da história ou começo de uma nova história?* Relata que

hoje é um poder que influi em todos os assuntos de relevância mundial e nos principais assuntos internos dos países. Seus interesses aparecem por trás de todas as guerras e crises do século XX, do complexo industrial militar, dos conflitos atuais, da política de dominação global, da incontável massa de capital fictício criada, do consumismo, endividamento maciço e deterioração do planeta e, por conseguinte, da crise do século XXI (SILVA, et. al, 2010, p. 127).

Sitiado pelo estado de terror midiático, diário e não declarado, o trabalhador assiste à falácia da (in) segurança enquanto direito de cidadania cobrado via impostos pelo Estado. Uma vez reduzida sua condição de participação e inserção (qualidade de vida) numa sociedade incapaz de promover a distribuição das riquezas socialmente produzidas, o sujeito/ser social vê-se apartado do processo

coletivo pelas vias da coerção e do medo, da sensação incômoda da violência generalizada a qual lhe rouba muito mais que a paz - direito constitucional de todo trabalhador.

A sociedade (des) organizada, alienada, amarrada ao poder de persuasão da mídia, torna-se incapaz de definir o jogo capitalista da propaganda ideológica. O trabalhador espectador torna-se incapaz de diferenciar a notícia factual da manchete fabricada, tendenciosa, tornada espetáculo a serviço do *status quo* vigente que vende sujeitos e produtos, violência e paz, propaganda e serviços.

Este o paradigma social que denuncia o 'bandido' dependente químico, enquanto alardeia e internaliza o medo generalizado no 'cidadão de bem'. Ao trasladar esta discussão para dentro dos limites urbanos da Região Metropolitana da Capital goiana, enquanto mazela/expressão social que a mídia impressa, televisada e difundida nas ondas do rádio expressa, Belém esclarece:

Foi 2011 um longo ano. Ficamos assustados com a sociedade civil aplaudindo as internações forçadas de toxicômanos, descabidas ou criminosas, e nossos governos, nas três esferas, retrocedendo para atender apelos melodramáticos dos meios de comunicação. O governo federal, para satisfazer grupos parlamentares reacionários, forçou o Sistema Único de Saúde (SUS) a financiar as comunidades terapêuticas, mesmo sabendo que em sua esmagadora maioria se orientam por uma religiosidade absurdamente moralista, e é hoje o braço forte das práticas de sequestro – ou 'resgate', nos seus termos – e cárcere privado de usuário de drogas, ao lado de clínicas ditas médicas que estão se apresentando para abocanhar o mercado na área das toxicomanias que vêm se deslocando rapidamente do tráfico para a área de cuidados (2012, p.3).

Conturbada e desigual a realidade social urbana, na Região da Grande Goiânia, contabilizou, somente em janeiro de 2016, 56 mortes violentas de acordo com dados da Segurança Pública do Estado de Goiás. Estes números são dados que denunciam a expansão urbana não planejada incapaz de pensar o ser social enquanto trabalhador carente em necessidades, dotado de prioridades básicas as quais abarcam a saúde, lazer, educação, alimentação, moradia e transporte urbano de qualidade os quais se processam a partir da coletividade movida por uma economia inclusiva a qual proporcione trabalho.

Fatos e manchetes publicados pela imprensa goiana denotam e denunciam a violência na Região Metropolitana da Capital, especialmente na sua periferia. A mídia define como causa da acentuação da insegurança pública urbana a violência exacerbada no aumento do tráfico, venda e consumo de drogas.

As mídias impressa, do rádio e televisada denunciaram, na segunda-feira, 23 de novembro de 2015, vários comerciantes do Residencial Real Conquista, bairro instalado na periferia da Capital, que foram obrigados a manter as portas de seus comércios fechadas, devido a um toque de recolher, fato que também afetou a vida de centenas de trabalhadores, promovido por um grupo, - segundo informações da imprensa - suspeito de ligação com crimes como o tráfico de drogas<sup>21</sup>.

O bairro, situado na região sudoeste de Goiânia, nasceu da “guerra urbana” travada durante a retomada de posse da área de ocupação situada no Parque Oeste Industrial, na Capital, em 16 de fevereiro de 2005, quando cerca de duas mil e quinhentas famílias foram “removidas” pelas forças de segurança estaduais com saldo de dois mortos, 14 feridos e mais de 800 posseiros detidos. Após permanecerem acampados, durante três anos, numa área ao lado, por nome de Setor Grajaú, os trabalhadores foram transferidos para o Residencial Real Conquista, distante 14 quilômetros da área de ocupação inicial, de difícil acesso e que, ainda hoje, não conta com infraestrutura básica ou equipamentos sociais capaz de atender a demanda local.

### **3.2.1 A estratégia internacional de expansão do capital afeta a política econômica e social de construção do "Brasil Grande".**

Esta conjuntura social, atada ao *modus operandi* do mercado, remete à luta ideológica por uma sociedade mais justa e igualitária, - distante da especulação imobiliária urbana -, que, travada nas ruas, e, na academia, seguem como pauta discutida por cientistas sociais.

Celso Furtado, ao analisar a importância de um processo de construção de uma nova sociedade, com democracia e estabilidade política, pondera: “O problema fundamental que se apresenta é, portanto, desenvolver técnicas que permitam alcançar rápidas transformações sociais com os padrões de convivência humana de uma sociedade aberta”. E adverte: “Na medida em que vivemos numa sociedade aberta, a consecução dos supremos objetivos sociais tende a assumir a forma de aproximações sucessivas. Na medida em que vivemos numa sociedade rígida, esses objetivos tenderão a ser alcançados por uma ruptura cataclísmica” (SILVA, 2008, 3ª Ed, p. 178).

<sup>21</sup><http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/11/morte-de-suspeito-provoca-toque-de-recolher-e-fecha-comercio-em-bairro.html>

Mesmo em crise, o Estado continua existindo. Já o sujeito trabalhador alienado, disponibilizado pelo sistema capitalista à estratégia do exército de reserva passa a abusar de substâncias lícitas e ilícitas, propaladas pela mídia, devidamente alimentada no valor do capital e avalizada pela ideologia do Estado.

O ato político da (co) existência carece ou perece pelo poder da força física (efêmera) ou padece nas mãos da força coercitiva do poder do Estado.

São contradições que denunciam outro objeto político por excelência de nosso tempo: o terrorismo que trespassa o político, paradigma que denuncia a omissão dos Direitos Humanos ou o renascimento do Leviatã (ou Estado) pós-moderno, incapacitado em transpor a maquiavélica forma de gestão, desde seus primórdios.

No Brasil a política de saúde pública, embora hegemônica e desigual, tem suas origens na política do Estado assistencialista, getulista, desde o ano de 1930, que intervém no movimento dos trabalhadores a partir de sua estrutura formal policialesca e excludente a tratar as mais variadas expressões da *questão social*<sup>22</sup> “ponto saliente, incontornável e praticamente consensual na agenda contemporânea do Serviço Social brasileiro” (NETTO, 2004, p.41)

Com relação ao quadro histórico-político que se desenrolou, durante mais da metade do século XX, de acordo com Campos:

Embora haja antes do Movimento de Trinta eventos marcantes na *questão social* é bom lembrar que a Primeira República (1889-1930) é reconhecida pelo lema “*Questão social, caso de polícia*”, dada a repressão sobre o movimento de trabalhadores, fundamentado no anarco-sindicalismo. Nesse período, precisamente em 1923, o Congresso aprovou a chamada Lei Elói Chaves, que criava a Caixa de Aposentadoria e Pensões. Essa lei serve de modelo para o sistema de previdência e assistência social brasileira que vigora até os anos 1970. Também é do período o movimento higienista, que tem na medicina social e na intervenção municipal seus pontos principais (2009, p. 95).

Após 1930, o Estado brasileiro transforma-se, ao assumir o processo de modernização da economia e da sociedade, fator histórico e político que fomenta a concentração do poder econômico e que afunila também na concentração da renda e de riqueza da burguesia.

A “revolução burguesa” do capital, em suas diferentes vertentes, - as quais desencadeiam inúmeras consequências sociais da exploração da força de trabalho

---

<sup>22</sup> *Questão social*: tem história recente: seu emprego data de cerca de 170 anos, começou a ser utilizada na terceira década do século XIX (1830) e foi divulgada até a metade daquela centúria por críticos da sociedade e filantropos situados nos mais variados espaços do espectro político. Fonte: (*Temporalis*, 2004, p. 42).

em busca da obtenção da mais-valia -, reafirma a necessidade do movimento de mudança na dominação burguesa e

constitui um tema crucial no estudo sociológico da formação e desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Naturalmente, existe um antes e um depois. De um lado, a economia exportadora prepara, estrutural e dinamicamente, o caminho para essa revolução socioeconômica e política. De outro, existem três alternativas claras para o desenvolvimento econômico ulterior da sociedade brasileira, as quais podem ser identificadas através de três destinos históricos diferentes, contidos ou sugeridos pelas palavras “sub-capitalismo”, “capitalismo avançado” e “socialismo” (FERNANDES, 1974, p. 13).

A estratégia internacional de expansão do mercado capitalista, a partir de novos mercados, situados em países da periferia, ampliada a partir do domínio das tecnologias de ponta e militar, afeta também a política econômica e social de construção do "Brasil Grande". Iniciada no governo Vargas (1951-54) com a volta do País ao projeto do trabalhismo nacionalista, essa estratégia foi continuada, expandida e financiada com investimentos de capital externo dos Estados Unidos, no governo Juscelino Kubitschek (1956-61), que “com sua acelerada abertura para o capital externo, endividamento e inflação, provocou repercussões nos governos posteriores, que ainda tiveram que arcar com dificuldades específicas” (SILVA, 2008, p. 177) quando do impulso e implantação da base industrial pesada, na metade da década de 1950.

Esse o patamar do desenvolvimento no pós-Segunda Guerra Mundial que, em termos do padrão estrutural e dos dinamismos societários fundamentais engendrados por uma sociedade de classes - desigual e violenta -, passa a fomentar a produção de bens de capital com o conseqüente e constante crescimento do capital internacional, o que faz ampliar o poder de barganha da burguesia.

Tende a se submeter a uma nova configuração, sem que tivesse tomado plena consciência do que está ocorrendo. Uma única evidência atesta, concretamente, a mutação estrutural, que ainda não se refletiu profundamente na história: o comportamento da burguesia brasileira, de 1930 a 1964, e finalmente a necessidade correlata de consolidar o poder burguês de forma ditatorial e autocrática. Para que as coisas tomassem outro rumo (e a alteração em questão fosse mais viável e mais rápida), seria necessário que a ordem econômica fosse efetivamente aberta às classes operárias, possuindo, ao mesmo tempo, um mínimo de fluidez (que assegurasse a essas classes a possibilidade de autodefesa econômica, social e política, diante das classes dominantes, em termos de acomodação, competição e conflito) e de potencialidades democráticas (o que converteria os processos de acomodação, competição e conflito entre as classes em fatores de consolidação e de transformação de estruturas propriamente nacionais de poder) (FERNANDES, 1974, p. 283).

Esse fenômeno da transformação das potencialidades do Brasil sob as rédeas do capital, que explora a classe trabalhadora, a partir do incentivo ao programa dos grupos monopólicos, caracteriza fatores socioeconômicos e históricos, inexoráveis e diretamente ligados ao mercado capitalista os quais retratam a *questão social*, e, “curiosamente, a expressão ‘*questão social*’ emerge praticamente ao mesmo tempo em que surge, no vocabulário político, a palavra socialismo” (NETTO, 2004, p. 42)<sup>23</sup>.

### 3.2.2 As protoformas das configurações pré-capitalistas e interrogantes do trabalho social

As instituições sociais de uma sociedade engendrada pelo sistema capitalista reforçam a crítica sobre a proposta positivista - tomada como referencial da ação política - por parte da categoria do Serviço Social, na década de 1970, enquanto profissão de trabalhadores agentes de ‘mudanças’ as quais fomentam o perfil de uma sociedade desigual e complexa.

Segundo Ander:

a pesar de este sentido humanista que está en la esencia misma del Trabajo Social, he llegado a comprobar – lo digo con profundo dolor – que algunos profesionales están más interesados por la defensa de la profesión (ya sea de lo científico y tecnológico del Trabajo Social, como de su status profesional), que de la promoción de aquellos a cuyo servicio deberían trabajar; aman más sus informes que hablan del hambre e la miseria de los hombres, que a los hombres que sufren de esa hambre y de esa miseria (1976, 2ª ed. p. 7).

Alardeada a necessidade de se diferenciar a profissão ‘assistencialista e semifeudal’, promotora de si mesma e equacionada enquanto ferramenta do organograma de gestão de um sistema econômico que se transforma na protoforma<sup>24</sup> de configurações pré-capitalistas e interrogantes do trabalho social, esta exposição esclarece fatos e questionamentos, de acordo com Maguinã

en lo que respecta a los antecedentes del Trabajo Social, las preguntas son pertinentes por varias razones: En primer lugar, porque constituyen una vía para poner en discusión el elemento pre-capitalista, básicamente semifeudal,

<sup>23</sup> A partir da segunda metade do século XIX, a expressão *questão social* deixa de ser usada indistintamente por críticos sociais de diferentes lugares do espectro ideológico-político. Ela desliza, lenta e nitidamente, para o vocabulário próprio do pensamento conservador. Fonte: (*Temporalis*, 2004).

<sup>24</sup> **Protoformas:** são as instituições sociais que se mostram com origem confessional, prática da ajuda, caridade e solidariedade, impregnadas pela filosofia tomista e a serviço da classe dominante. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/protoformas/11521/>

que caracteriza subordinadamente a las informaciones sociales latino-americanas. En segundo lugar, porque ayudan a situar el rol de la ideología religiosa en la definición de algunas de las contradicciones que muestra el Trabajo Social, aún dentro del movimiento de reconceptualización, así como el carácter limitado y unilateral de su lucha contra el 'asistencialismo' que descuida la lucha contra la mera 'modernización' (1977, p. 18).

Retomado o tema da relação de conflito resultante do embate de interesses caracterizado pelo antagonismo capitalismo x socialismo, as sociedades democráticas descobrem-se carentes de novas metodologias destinadas à unificação política através do acordo voluntário entre grupos antagônicos, impedindo assim, o triunfo de alguma forma velada do poder demandado pelas vias do autoritarismo.

Sobre o antagonismo de classes, dialético e historicamente atado à teoria política, que delimita esta luta na trincheira da divisão do trabalho, pontua Lowy

por exemplo, a questão que Durkheim coloca na **Divisão do Trabalho Social** – quais são os fatores que entravam a livre competição dos indivíduos na luta pela vida? – não é de todo 'inocente', mas está marcada pela visão do mundo social-darwinista da burguesia na época do capitalismo concorrencial. Independente da 'resposta' encontrada por Durkheim, essa 'questão' vai orientar sua teoria sociológica numa certa **direção**, dando-lhe um caráter necessariamente 'tendencioso'. Dito isso, é verdade que a distinção entre as ciências naturais e sociais não deve ser absolutizada: ela é **histórica e relativa** (1978, p. 15-16).

Trespasa este espectro da profissão o paradigma do social, do histórico, do contemporâneo e ainda o caráter político-hegemônico da conjuntura socioeconômica capitalista. Esta trilha, a passos largos, os descaminhos de um sistema de produção de mercadorias destinado à acumulação e que resulta nas mais diferenciadas expressões/mazelas sociais. Moldado nas mais diferentes formas e regras de exploração do proletário, expropriado em sua força de trabalho, o organograma de estratégia e gestão capitalista tem enquanto único compromisso o lucro incessante que se amplia dia a dia.

Resultantes do processo de produção – com lucro cumulativo - as mais variadas expressões das desigualdades sociais despontam enquanto *questão social* e política que deságua na ação estatal (ineficaz) que financia o lobby empresarial e determina o caráter constitucional da política pública universalista. Designado a gerir negócios e manipular as gentes, deficitário e mercadológico, as propostas de cunho liberal vão tornando inalcançáveis quaisquer chances do trabalhador no tocante ao alcance democrático e enquanto direito de quaisquer formas concretas de um

mínimo da cidadania, conceito burguês delegado à *falácia* da inclusão social universal e de direitos.

A vulnerabilidade social, ampliada, transforma o momento mundial em um período histórico retratado na realidade do evento pós-Segunda Grande Guerra, quando a noção do Estado de Bem-Estar Social, de origem euro-ocidental, passa a dominar as relações internacionais, a partir de então, sob a liderança dos Estados Unidos da América do Norte (EUA).

Em relação a esta conjuntura modernizada, cuja relevância aparece varrida de 'quaisquer formas da normalidade social' (conceito positivista) devido o evento de um Segundo Conflito Mundial, em apenas um século, com consequências marcantes na sociopolítica que relata a história global, Evangelista afirma

a questão é, portanto, garantir pelo planejamento, que o avanço tecnológico do capitalismo seja acompanhado da democratização – que desta perspectiva de análise, está sob ameaça não só da produção, mas também dos totalitarismos. As mentes dos indivíduos não podem ser presas de irracionalismos de todas as ordens. Para isso, faz-se necessária a coordenação, em âmbito mundial, dos esforços nos diversos campos: da educação e os meios de difusão e propaganda, como o rádio, a televisão e a imprensa (1997, p.24).

Este embate de oposição das forças antagônicas, que se enfrentam na disputa por dominação e hegemonia sobre zonas de influências políticas e econômicas, o Estado de Bem-Estar Social destina-se a encobrir insuficiências geradas pelo processo de sujeição dos Estados, segundo Evangelista

distribuindo o mínimo necessário, implementa os mecanismos coercitivos e persuasivos dirigidos à absorção dos conflitos e à anulação dos projetos sociais alternativos que possam ameaçar o consenso requerido para o exercício da dominação política e da apropriação econômica (1997, p. 25).

Com análise neste recorte histórico, compreende-se que o processo de mundialização foi originado nas sociedades capitalistas do centro que, em busca de novos mercados, destinados à reprodução ampliada do capital, promoveram duas grandes revoluções.

### **3.3 O nascimento das empresas de notícias**

Na Roma antiga, por volta do ano 59 a.C., Júlio César, no desejo de informar a população sobre os eventos que aconteceriam, ordenou que eles

fossem escritos em grandes placas brancas e afixados em locais públicos onde todos poderiam ter acesso. A estas placas foi atribuído o nome de *Acta Diurna*, considerado o mais antigo jornal dado a conhecer. Um invento, em 1447, viria revolucionar a confecção dos jornais, a prensa, atribuída a Johann Gutenberg.

A partir dessa invenção os jornais, até então manuscritos, passariam a ser impressos, o que efetivamente aumentaria sua circulação, popularizando-o e inaugurando a era do jornal moderno.

Ao longo dos séculos XV, XVI e XVII os Estados passaram a estabelecer serviços postais regulares que, cresceram, rapidamente, e com disponibilidade de uso geral:

- Na França, o rei Luís XI estabeleceu o Correio Real, em 1464. Este serviço cobrava uma taxa em troca de permissão especial;
- Na Inglaterra, um Correio Real foi estabelecido no início do reinado de Henrique VIII, em 1516, serviço que foi alavancado a partir do século XVII;
- O transporte era realizado, a cavalo ou em carruagens, por rodovias precárias, o que tornava a comunicação bastante lenta;
- O Correio raramente viajava a uma velocidade máxima acima de 10 milhas por hora;
- Até 1810, um pombo-correio demorava, uma semana, para levar uma carta de Londres a Paris;
- Com os barcos a vapor, o tempo diminuiu para dois dias;
- Após a invenção do telégrafo, em 1832, a mesma mensagem poderia ser transmitida em uma fração de hora;
- O evento das estradas de ferro, já no início do século XIX, determina que o tempo requerido para transmitir mensagens pelo Correio fosse drasticamente reduzido. (GOMES, 2007)

Somente na primeira metade do século XVII os jornais tornaram-se publicações periódicas. A este fato, soma-se a inusitada coincidência de censura neste meio de comunicação, vista até então como normal, pelas poucas pessoas letradas da época.

Outro invento que viria mudar radicalmente a popularidade emergente do jornal seria o telégrafo, em 1844. Os acontecimentos então eram transmitidos rapidamente pela utilização deste equipamento, universalizando, com as devidas ressalvas, as informações.

O início do século XIX trouxe profundas transformações tanto sociais como econômicas, fruto principalmente das revoluções que assolaram a Europa no final do século anterior. Aos jornais foi atribuída a responsabilidade pioneira em propagar os ideais revolucionários.

O desenvolvimento da imprensa transformou os padrões de comunicação no início da Europa moderna.

Surgiram inúmeras publicações periódicas, de caráter político e comercial, o que, antes, era dividido em quatro redes de comunicações estabelecidas e controladas pela Igreja Católica, a qual mantinha contato com o clero e as elites políticas dispersas na malha do reino de cristandade.

Havia ainda as formas estabelecidas pelas autoridades políticas dos Estados e principados o que facilitava a administração, pacificação e comunicação diplomática. Um terceiro tipo estava ligado à expansão da atividade comercial, devido ao aumento das fábricas e comércio instalado em grandes centros comerciais que abrigavam representativas casas comerciais e bancárias.

Em Florença, na Itália, sistemas de comunicação começaram a fornecer informações a clientes de forma comercial, levada também às cidades e aldeias. Estas redes dialogavam através de comerciantes, mascates e atores do entretenimento ambulante, ainda trovadores e contadores de histórias os quais trocavam notícias nos encontros em mercados ou tabernas.

Publicações avulsas e irregulares, os folhetos informativos, pôsteres e cartazes surgiram logo depois do advento da imprensa numa miscelânea de sentenças oficiais ou oficiosas, decretos do governo ou folhetos polêmicos, descrições de eventos particulares, relações sensacionalistas de fenômenos extraordinários e ligados às coisas da natureza tais como cometas, gigantes, aparições. Impressos, aos milhares, eram valiosa fonte de informações sobre acontecimentos importantes e distantes, vendida por ambulantes.

No Brasil, o Rio de Janeiro, capital de todo o Império lusitano, sociedade colonial ainda fechada para o mundo, e, longe de se comparar a Paris ou Londres, - importava pouca coisa e produzia quase tudo que consumia -, passava então a desenvolver novos hábitos e rituais importados pela Corte o que resultava efeito no comportamento dos moradores.

A influência francesa é marcante. As lojas do Rio de Janeiro estavam repletas de novidades que chegavam de Paris. Pela edição de 26 de junho de 1817 da *Gazeta*, o comerciante Carlos Durante avisava a seus clientes que havia se mudado da Rua do Ouvidor, número 28, para a Rua Direita, número 9, primeiro andar, onde oferecia os seguintes produtos: Cheiros, água de Cologne, pomadas, diversas essências e vinagres para toucador e para mesa, [...] vinho de Champagne a 480 a garrafa; um moinho portátil para grão, (que) um só negro pode moer; um sortimento de livros franceses, e muitas outras mercadorias a preços cômodos (GOMES, 2007, p. 225).

Embora as primeiras publicações periódicas de notícias começassem a aparecer, no século XVI, as origens dos jornais modernos são pontuadas nas primeiras décadas do século XVII, com edições pontuais e dotadas de certa confiabilidade de informação.

As cidades alemãs de Estrasburgo e Wolfenbuttel eram plantas onde se publicavam as folhas semanais. Colônia, Frankfurt, Antuérpia e Berlim, as maiores rotas comerciais europeias, foram os primeiros centros de produção de jornais.

As notícias publicadas nos corantos eram fornecidas pelos chefes postais, que as recolhiam das diversas regiões para as principais cidades. Os semanários, com diversos parágrafos curtos, continham data e nome do lugar de origem das informações, podendo ser traduzidos para diversas línguas. Amsterdã e Londres contribuíram - por volta dos anos de 1620 e 1621 -, com corantos, os quais cobriram as guerras dos Trinta Anos e do Palatinado.

A partir de então surgem os primeiros corantos e panfletos informativos os quais traziam informações de lugares distantes da Europa em fatos que eram lidos ou ouvidos pelas pessoas. Este fenômeno foi um dos responsáveis pela percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato dos indivíduos, com relevância potencial para suas vidas.

Até o século XVII o alcance destas informações era bastante reduzido e raramente se estendia além-fronteiras europeias não deixando de ter, no entanto, importante papel nesta nova forma de difusão das informações, fato que não deve ser subestimado.

De acordo com Thompson

a evolução da imprensa periódica em bases comerciais e independentes do poder do Estado foi ainda capaz de fornecer informações e comentários críticos sobre questões de interesse geral, introduzindo uma nova fase na Inglaterra do século XVIII (2008, p. 66).

Durante muitas semanas de 1645, 14 periódicos foram vendidos nas ruas de Londres, bem como panfletos de caráter político. Ao final do século XVIII, os ingleses reinventaram os meios de produção com as máquinas a vapor, tecnologia com a qual conseguiram multiplicar essa produção em escala exponencial. Nas três primeiras décadas dos anos 1800 as indústrias têxteis inglesas desfiaram mais de

220 milhões de libras, aumentando, em 44 vezes, e, em apenas trinta anos, a produção, a partir de então, destinada a novos mercados consumidores.

Sobre esta realidade, em escala industrial, Gomes (2010) relata que “por esta razão, os ingleses defendiam o liberalismo econômico, doutrina que prega a liberdade de comércio sem restrições de fronteiras nacionais” que, certamente, absorveria a produção em larga escala de tecidos, ferragens e máquinas a serem vendidos onde quer houvesse interessados. Com relação à produção editorial, “máquinas de produzir papel e impressoras movidas a vapor também reduziram o custo dos livros e jornais” (idem, p, 48), de forma a torná-los produtos acessíveis às camadas mais pobres da população, uma vez que estes produtos obtidos no processo e modo de produção capitalista “eram os veículos das novas ideias que estavam transformando o mundo” (idem, p. 49-50). No começo dos anos 1800, somavam 278 o número de jornais editados em Londres.

Ao desenhar o perfil de caos social e atraso da realidade política do Brasil, situado no recorte histórico do Império, no século XIX, Gomes (2010) retrata que

a maré de inovações na Europa e nos Estados Unidos chegaria com algum atraso ao Brasil, mas teria efeito igualmente devastador. Situada do outro lado do mundo, a América portuguesa fora mantida, até 1808, como uma colônia analfabeta, isolada e controlada com rigor. A proibição de manufaturas incluía a indústria gráfica e a publicação de jornais. A circulação de livros estava submetida a três instâncias de censura. O direito de reunião era vigiado. A educação limitava-se aos níveis mais básicos e a uma minoria muito restrita da população. De cada cem brasileiros, menos de dez sabiam ler e escrever. As primeiras universidades só apareceriam no começo do século 20 (p.50).

Com relação ao Estado de Goiás, seu primeiro jornal foi a *Matutina Meyapontense*, editado pela primeira vez, no dia 5 de março de 1830. Surge através da iniciativa privada, visto a negação de subsídios do governo federal para que aqui se instalasse a primeira tipografia da Região Centro-Oeste. Com o fechamento deste informativo impresso, em 1834, surge então o *Correio Oficial de Goyas*, criado por Lei Provincial, em 1837, e que sobrevive até o ano de 1890. Em seguida vem a *Gazeta Oficial de Goyas* que tem seu fim no período da Proclamação da República no Brasil, cedendo vez à *Informação Goyana*, até o ano de 1935, quando Getúlio Vargas, após a promulgação da Constituição de 1934, foi eleito presidente da República pela Assembleia Constituinte.

Ao elaborar a correlação do nível de acesso, leitura e conhecimento do povo brasileiro com os americanos do século XVIII, o autor prossegue:

Era uma situação bem diferente da dos Estados Unidos, onde a cultura protestante havia criado uma colônia alfabetizada, empreendedora, habituada a participar das decisões comunitárias e a se manter bem informada sobre as novidades que chegavam da Europa. Em 1776, o ano da Independência, o padrão de vida nos Estados Unidos já era superior ao da sua própria metrópole, a Inglaterra. A circulação de jornais chegava a três milhões de exemplares por ano, marca que o Brasil só atingiria dois séculos mais tarde. Como a prática religiosa incluía ler a *Bíblia* em casa e nos cultos dominicais, até os escravos eram alfabetizados. O índice de analfabetismo aproximava-se de zero. Havia nove universidades, incluindo a prestigiada Harvard, criada em 1686 (GOMES, 2010, p. 50).

O Brasil colônia, explorado pela Coroa, sob as bênçãos da ideologia da Igreja Católica “espera”, durante quatro séculos, para imprimir e alcançar o número de jornais publicados em quantidade que, já no século XX, ainda remonta aos Estados Unidos do século XVIII. Fato histórico e que denuncia a exploração econômica, social e cultural destinada aos países periféricos, destinados à exploração e expropriação das suas riquezas naturais e das dignidades de sua gente.

### **3.4 A proliferação de jornais e o aumento das tiragens passam pelo prelo da liberdade de imprensa**

A partir do primeiro jornal, na Inglaterra, o *Daily Courant*, de Samuel Buckley, em 1702, seguido por outros que popularizaram o gênero do ensaio político como o *Tatler*; *Spectator*; *Craftsman*; *Review* e o *Examiner*, com tiragens que alcançaram 100 mil cópias semanais, distribuídas nas cidades por redes de agentes e vendedores ambulantes além dos cafés que os destinavam aos clientes.

Lidos nestes lugares públicos, o número de leitores ultrapassava o da tiragem para circulação, em até dez vezes. Aumentava o número de prisões, inclusive o de mulheres que distribuía jornais. Revertendo estes números, dois séculos depois, o total de exemplares dos jornais, a cada tiragem de impressão, é que foi aumentado, em dez vezes.

De acordo com Carter (2013), “em 1900, um tabloide recém-lançado, o *Daily Mail*, com tiragem de um milhão de exemplares, diários, trazia uma mensagem descaradamente populista, emotiva, agressivamente imperialista e até xenófoba” (p. 260).

E não tardou para que as autoridades públicas tratassem de taxar os informativos – em 1 (um) *penny* ou *shilling* - para exercer algum controle sobre a proliferação de periódicos e jornais, com o fim único de restringi-los, retirando de

circulação os informativos marginais e gerando alguma receita adicional à Coroa. A partir de 1830, estes impostos, tendo inclusive sendo aumentados, foram progressivamente reduzidos e abolidos de 1860 em diante.

Quanto à censura, esta durou até o século XVIII, na Europa, variando apenas em seu grau de controle, e na Alemanha e Itália, os jornais tinham mais liberdade para reportar notícias de fora que para discutir assuntos políticos internos.

E é a respeito da censura, na obra *Liberdade de Imprensa*, que Marx (2006) indaga:

De que serviu para vocês jornais prussianos, uma menor censura? [...] serviu para alguma coisa minha estrita observância da censura durante todos esses anos? Em que me transformei, apesar de todo o esmero e da maior das vigilâncias e das tutelas? E que acontecerá comigo agora? Não aprendi a caminhar, e um público esportivo espera danças do coxo! Isso acontecerá também com vocês, irmãos! Confessemos nossa fraqueza ao público prussiano, mas sejamos diplomáticos na nossa confissão. Não lhe diremos exatamente que nós somos pouco interessantes. Dir-lhe-emos que, se os jornais prussianos são pouco interessantes para o povo prussiano, isto sucede porque o povo prussiano é pouco interessante para os jornais (p.12).

A história moderna relata diferentes fatos sobre a questão da censura aos veículos de informação. Durante o século XIX, e desta vez, com relação ao controle de Portugal em relação à informação oficial e propagação de ideias revolucionárias - difundidas dentro do Brasil colônia -, Gomes (2007) relata que

a bagagem real incluía também todos os arquivos da monarquia portuguesa. Uma nova impressora, que tinha sido recentemente comprada em Londres, também foi embarcada a bordo da nau Medusa como chegara da Inglaterra, sem sair da caixa. Nesse caso, era uma carga irônica: para evitar a propagação de ideias consideradas revolucionárias na colônia, o governo português havia proibido expressamente a existência de impressoras no Brasil. Para fugir da censura, o *Correio Braziliense*, primeiro jornal brasileiro criado pelo jornalista gaúcho Hipólito José da Costa, em 1808, seria impresso e distribuído em Londres (p. 75).

O Estado constitucional moderno teve sua evolução a partir do argumento e da luta por uma imprensa independente, capaz de reportar e comentar eventos com um mínimo de interferência e controle estatais, encontrando nos primeiros pensadores liberais e libero-democratas, como Jeremy Bentham, James Mill e John Stuart Mill, fervorosos advogados da liberdade da imprensa.

Sobre o poder da liberdade inerente à cultura e Constituição, americanas, esclarece Thompson:

É significativo que, depois de uma vitoriosa Guerra da Independência contra a Coroa britânica, as colônias americanas incorporaram o direito à imprensa livre como a Primeira Emenda à Constituição. Similarmente, as constituições pós-revolucionárias na França de 1791 e 1793, apoiando-se na Declaração dos Direitos do Homem de 1789, explicitamente protegeram a liberdade de expressão (mesmo que este direito tenha sido posteriormente abolido por Napoleão) (2008, p.66).

A preocupação com um mínimo de justiça social, defendida por aqueles que se consideram porta-vozes da comunicação mundial, a serviço da qual deve ser colocado o progresso tecnológico, ao final do século XIX, determina o fato de que a liberdade de imprensa tinha se tornado uma questão constitucional em muitos Estados ocidentais.

Na obra *Liberdade de Imprensa* a determinante das liberdades de expressão, enquanto direito, é conceito que o alemão Karl Marx defende como: “A liberdade da imprensa também ‘uma beleza – embora não seja precisamente feminina – que o indivíduo deve ter amado para assim defendê-la” (2006, p. 19).

A liberdade remonta à história de uma nova Era, preconizada pelo Iluminismo<sup>25</sup>, quando predominariam a razão, a liberdade de expressão, de culto e os direitos individuais sobre os direitos divinos invocados pelos reis, aliados à Igreja e nobreza, em função de manter seus privilégios.

### **3.5 A mídia brasileira e o alarme proibicionista**

Pauperizada e sob a égide da violência banalizada, a massa trabalhadora não foge ao aguçamento das desigualdades sociais, ao tempo em que atesta e endossa a hipocrisia no viés da moral que proíbe – o qual responsabiliza o sujeito em detrimento do Estado - e que determina na expressão social das drogas, ilícitas, a causa única de todas as representações negativas no tocante à problemática socioeconômica e cultural relativas à sociedade de consumo.

A este recorte político somam-se, além das suas incontáveis e imensuráveis vulnerabilidades, o senso comum e as ideologias de conveniência - por parte da sociedade civil organizada – representadas por partidos políticos, facções moralistas que defendem interesses de igrejas e organizações não governamentais

---

<sup>25</sup> Iluminismo: Originário do período compreendido entre os anos de 1650 e 1700, o Iluminismo foi despertado pelos filósofos Baruch Spinoza (1632-1677), John Locke (1632-1704), Peirre Bayle (1647-1706) e o matemático Isaac Newton (1643-1727). O Iluminismo floresceu até cerca de 1790-1800, após o qual a ênfase na razão deu lugar à ênfase do romantismo na emoção e um movimento contra-iluminista ganhou força.

impregnadas do discurso positivista e sectário da salvação e resgate de sujeitos “e almas”. Esta realidade sociopolítica extrapola o teor ontológico de uma sociedade capitalista, desigual e violenta, assim analisada por Batista (2004): “A globalização com suas finalidades neoliberais ‘repercute também no circuito ilegal das mercadorias; a condição de ilegalidade de algumas drogas tem implicações econômicas, políticas, sociais e morais” (p. 2).

Este conjunto histórico, cultural e sociopolítico é definido por vulnerabilidades generalizadas. Assim deve ser entendido e analisado o mercado paralelo das drogas em relação ao fracasso da gestão. Incapaz em conseguir diminuir ou combater a expansão do cultivo, o processamento de drogas e a máfia internacional organizada dos grandes traficantes aliada à corrupção de autoridades, o Estado, impotente, e que determina políticas públicas de caráter cada vez mais neoliberal, assiste o aumento da dependência à adição pela coletividade e incremento nos números alarmantes da criminalidade.

Expressão histórica e crescente, engendrada pelas drogas, a violência passa, transforma-se, enquanto expressão social, em mercadoria destinada a diferentes ramos da economia de mercado, de acordo com Karam (2000)

suprindo as limitadas oportunidades oferecidas pela economia formal, o mercado das drogas ilícitas permanece abrindo espaço para acumulação do capital e a geração de empregos, como já ocorreu em outras etapas do desenvolvimento capitalista. Em tais condições, os empresários – grandes ou pequenos – e os empregados das empresas produtoras e distribuidoras de drogas ilícitas, quando presos ou eliminados, são facilmente substituíveis por outros, igualmente desejosos de oportunidades de emprego ou de acumulação de capital, oportunidade que, por maior que seja a repressão, subsistirão enquanto presentes às circunstâncias socioeconômicas favorecedoras da demanda criadora e incentivadora do mercado (p. 159).

A repressão e aprisionamento da população pobre - envolvida com a questão das drogas – determinada na proibição e/ou penalização, por parte do poder de fato estatal, é parte estruturante do controle destes atores sociais, trabalhadores vulneráveis à precarização do mercado de trabalho estruturado pelo sistema capitalista, enquanto a parte do corpo social e camada da população sem face ou representatividade, massa de manobra por parte do Estado.

O alarmismo lucrativo da mídia brasileira fomenta a ideia de exceção e consenso quanto ao ‘esforço estatal’ na ampliação da repressão ao tráfico e consumo de drogas quando, segundo Batista

a droga se converte no grande eixo (moral, religioso, político e étnico) da reconstrução do inimigo interno, ao mesmo tempo em que produz verbas para o capitalismo industrial de guerra. Este modelo bélico produz marcas no poder jurídico, produz a banalização da morte. Os mortos desta guerra têm uma extração social comum: são jovens, negros/índios e são pobres (2004, p.3).

A falácia midiática da ilegalidade, a explosão da população carcerária e o fortalecimento do Estado de repressão, enquanto consequências jurídicas das drogas são a gênese das motivações que levam a população aos cárceres, as quais, projetadas em números e gráficos do Ministério da Justiça -, em 2008, já trazia à tona a expressão social do uso abusivo de substâncias psicoativas com um total estimado de 207.572 condenações, naquele ano, das quais 69.049 foram determinadas por tráfico de drogas, ficando atrás apenas do roubo qualificado, em número de 79.599, resultados em pesquisa que expõe, segundo Lima

um estudo encomendado pelo Ministério da Justiça ao Núcleo de Política de Drogas e Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (RFRJ) e à Universidade de Brasília (UnB) identificou que, entre outubro de 2006 e maio de 2008, portanto, após a Lei de número 11.343 (2006), havia 180 mil presos, em regime fechado, por tráfico de drogas no País. Foi mapeado que a maioria dos condenados por tráfico de drogas, no Brasil, era de réus primários, presos sozinhos, desarmados e com pouca quantidade de drogas, portanto, ‘traficantes’ descartáveis, varejistas, que não detinham poder na estrutura econômica do tráfico (2010, p. 108).

Decorrido um século de proibição, o qual trouxe sérios danos à sociedade e pouco avanço em relação à questão das drogas, o tráfico a varejo, alvo deste combate, não foi reduzido e a oferta persiste, aumenta devido ao mercado moderno e consumista e fomenta a “privação de liberdade sem caracterizar que o tráfico de drogas, no Rio de Janeiro, enquanto participe do crime organizado nacional e internacional, de fato, estivesse sofrendo perdas significativas de seus principais mandatários” (LIMA, 2010, p. 109).

Este modelo, que enxerga a questão das drogas à sombra do véu retrógrado do moralismo, expande os riscos e danos das substâncias tidas e qualificadas como ilícitas, superlota as prisões e reprime direitos cidadãos fundamentais, levando o Estado, dito democrático, à postura totalitária, o que causa, com certeza, mais danos à democracia incluindo a saúde pública.

A inviolabilidade da vida pessoal e privada, resguardada no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, em seu inciso X, assegura que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito à

indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (BRASIL, 1998, p.5).

Este preceito é escancaradamente ferido pelo Estado quando criminaliza a posse de drogas para uso pessoal, bem como seu consumo em condições que não ocasionem perigo concreto a terceiros, condutas individuais vedadas ao poder de intervenção e coerção do Estado. Mesmo quando, hoje, a posse de droga “para uso pessoal” não seja criminalizada, imposta apenas, e nas formas da lei, ao tráfico caracterizado.

Portanto, a proibição, amarrada aos entraves jurídicos da criminalização, nas condutas relacionadas às drogas consideradas ilícitas, segundo Karam

impede um controle de qualidade das substâncias entregues ao consumo, impõe obstáculos a seu uso medicinal, dificulta a informação e a assistência, cria a necessidade de aproveitamento de circunstâncias que permitam um consumo que não seja descoberto, incentivando o consumo descuidado ou anti-higiênico propagador de doenças como a aids e a hepatite (2006, p. 4).

Inserida enquanto elemento cultural, em qualquer sociedade, hábito que remonta aos primórdios da história das coletividades, a droga relaciona-se com os indivíduos em dois aspectos: intoxicando-os ou inserindo estes ao processo dialético das relações sociais. Quanto à “inevitabilidade do uso de drogas psicoativas, a preocupação deveria ser em fazer com que esse consumo produzisse o menor prejuízo possível ao indivíduo que se intoxica e à sociedade” (RODRIGUES, 2003, p. 4).

A legalização por parte e controle do Estado poderia enfrentar, sobremaneira, o narcotráfico. O uso de substâncias legais ou mesmo aquelas ainda na ilegalidade, resvala no conceito de necessidades humanas, básicas à formulação de políticas sociais. Após o evento do marco da recente valorização do Estatuto da Cidadania, este conceito assume papel preponderante na justificação dos direitos sociais<sup>26</sup> e das políticas públicas correspondentes.

Organização criminosa, a máfia responsável pelo fomento à expressão social das drogas, internacionalizada, denuncia uma guerra mercadológica, questão de segurança social enquanto tabuleiro de xadrez – político e social - de um jogo travado no campo socioeconômico e cultural, onde o controle social, o comércio e a

---

<sup>26</sup> Direitos sociais: diferentes dos direitos civis e políticos, que se apoiam, preponderantemente, em conceitos como liberdade ou autonomia individual, os direitos sociais, por sua própria natureza coletiva, guardam estreita vinculação com o conceito de necessidade, que tem relação com os princípios da igualdade, equidade e justiça social. Fonte: (PEREIRA, 2011, 6ª ed. p. 37).

comercialização determinam mercadorias as mais diversas em um mercado que, segundo Pereira (2011, 6ª ed.) “se apoia no individualismo possessivo, nas aspirações subjetivas de interesses (*wants*) e, por isso, está mais apto que o Estado a atender demandas que nem sempre refletem necessidades sociais, mas preferências, desejos, vícios, compulsões, sonhos de consumo” (6ª ed. p. 39).

Parte estrutural deste sistema, capitalista e selvagem, o próprio homem, trabalhador submetido aos imensuráveis danos que o alarmismo e proibição têm causado à sociedade moderna usuária de uma comunicação extremamente virtual, banalizada por valores temporais, de efemeridade viral que extrai da coletividade grande parte de suas capacidades atemporais, “da mesma forma, é o mercado que tem interesse e predisposição para maximizar demandas individuais, ampliando o leque de aspirações particulares, para manter-se dinâmico, promissor e lucrativo” (PEREIRA, 2011, p. 39).

A questão da competência como jogo que determina leis, peças e coisas, a própria competência e as coisas em jogo, além dos interesses específicos, supõem a necessidade de uma preparação especial por parte daqueles que comandam e ditam as normas em matéria de política, arte e comunicação que em *O Poder Simbólico*, Bourdieu define “como o *habitus* religioso, artístico ou científico, o *habitus* do político que supõe uma preparação especial” (2011, p. 169).

São profissionais, os quais, a partir da condição de possuírem uma competência exclusiva e específica, já entram no jogo concorrencial, mercadológico e político com maior probabilidade de sucesso e participação.

A interpretação de um texto é sempre uma tarefa difícil e vagarosa, pois engloba e exige o conhecimento da História, da Sociologia, da Economia Política, das Ciências Sociais e Humanas e da Antropologia, na difusão de um modo de vida e não resta dúvida, que grande parte dos “padrões culturais” de uma dada sociedade não foi determinada por um processo autóctone e sim como sombra de outros sistemas dominantes.

A esses empréstimos ancestrais a Antropologia denomina difusão. Sem ela não seria possível o grande desenvolvimento atual da humanidade. Não se deve superestimar a importância da divulgação, correndo o risco de um erro histórico. Os ingleses advogam a tese de que todo processo de propagação originou-se no Velho Egito. Ao definir esta questão ontológica, histórica e cultural, Laraia explica que

culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) e servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (1986, p. 59).

As invenções, simultâneas e espalhadas pelo Globo, desenvolvem importante papel na difusão de culturas diferentes. Um mesmo objeto pode ter sido criado, inúmeras vezes, e, em diferentes regiões. Numa época de grande desenvolvimento material, permeada por sentimentos nacionalistas, os americanos pensavam ser esta mesma difusão autóctone. Segundo o antropólogo Linton, ao iniciar seu dia,

o cidadão norte-americano desperta num leito construído segundo padrão do Oriente Próximo, mas modificado pela Europa Setentrional, antes de ser transmitido à América. [...] De caminho para o *breakfast*, para comprar um jornal, pagando-o com moedas, invenção da Líbia antiga. [...] Toma café, planta abissínia, com nata e açúcar. [...] Rega-se com *xarope* de *maple*, inventado pelos índios das florestas do Leste dos Estados Unidos. [...] Acabando de comer, nosso amigo se recosta para fumar, hábito implantado pelos índios americanos e que consome uma planta originária no Brasil; fuma cachimbo, que procede dos índios da Virgínia, ou cigarro, proveniente do México. Se for fumante valente, pode ser que fume mesmo um charuto, transmitido à América do Norte pelas Antilhas, por intermédio da Espanha. Enquanto fuma, lê notícias do dia, impressas em caracteres inventados pelos antigos semitas, em material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha. Ao inteirar-se das narrativas dos problemas estrangeiros, se for bom cidadão conservador, agradecerá a uma divindade hebraica, numa língua indo-europeia, o fato de ser, cem por cento, americano (apud LARAIA, 1986, p. 107-108).

Os componentes ideológicos dos sistemas culturais divergem e podem trazer consequências adaptativas no controle da população, da sua subsistência e na manutenção do ecossistema. Segundo Laraia

estas divergências podem ser notadas nas posições do materialismo cultural, desenvolvido por Marvin Harris<sup>27</sup>, na dialética social dos marxistas; no evolucionismo cultural de Elman Service<sup>28</sup> e entre os ecologistas culturais, como Steward<sup>29</sup> (1986, p. 60).

<sup>27</sup> Marvin Harris: (1926/2001), antropólogo dos Estados Unidos, principal teórico do "materialismo cultural". Entre as influências de seu trabalho pode-se incluir a repercussão na teoria do comportamento e na antropologia cultural.

<sup>28</sup> Elman Service: (1915/1996) pesquisador da Etnologia Nativa na América Latina, evolução cultural, e teoria e método em Etnologia. (*researched Latin American Indian ethnology, cultural evolution, and theory and method in ethnology*). Tradução do autor desta pesquisa Antônio C. M. Lopes.

<sup>29</sup> Steward Brand: (1938) Em 1962 participou de um estudo legítimo da então permitida droga LSD, em Menlo Park. Conhecido por *Catálogo da Terra Inteira*, uma antologia de ferramentas, textos e informação de interesses, antes de todos, aos *hippies*. Autor de diversos livros e artigos, os quais incluem os rituais psicodélicos dos nativos americanos (*Enel año 1962, participante de un estudio legítimo de la entonces permitida droga LSD, en Menlo Park. Conocido por el Whole Earth Catalog, una antología de herramientas, textos e información de interés, ante todo, para los hippies. Es autor de diversos libros y artículos, de los psicodélicos rituales de los nativos americanos*). Tradução livre do autor desta exposição: Antônio C. M. Lopes.

É sob as rédeas desse domínio que, usualmente, começam as mudanças adaptativas as quais se ramificam pelos mais diferentes campos da sociedade representada em sua diversidade moderna, desigual e em movimento.

### **3.6 As relações entre poder, política e violência, hegemonia que habita a mídia**

O mundo moderno contemporâneo encontra-se saturado pela mídia, ao mesmo tempo em que fomenta sua miopia em relação ao presente, - o que impede ao trabalhador pensar a política, realidade agravada pela incapacidade reflexiva a qual se abre com a expansão da comunicação de massa que manipula o coletivo e declara o fim das ideologias.

O aparecimento da próspera indústria da comunicação de massa, sua emergência e tendências mais recentes acontecem atrelados “de modo fundamental com as principais transformações institucionais que modelaram o mundo moderno” (THOMPSON, 2008, p. 9).

Esta preparação especial obtida no corpus de saberes específicos (teorias, problemáticas, conceitos, tradições históricas, dados econômicos, etc.) produzidos e acumulados por profissionais - do presente e do passado - os capacita para o domínio de certa linguagem e uma determinada retórica.

Indispensável nas relações com os profanos, ou a do debater, necessária nas relações profissionais. Mas é também, e, sobretudo, esta espécie de iniciação com suas provas e os seus ritos de passagem, que tendem a inculcar o domínio prático da lógica imanente do campo político e a impor uma *submissão* de facto aos valores, às hierarquias e às censuras inerentes a este campo ou à forma específica de que se revestem os seus constrangimentos e os seus controles [...] (BOURDIEU, 2011, p. 169-170)

A história da indústria do jornal, no Ocidente, é escrita com os pés na diminuição da diversidade. Na primeira metade do século XX, aumentou consideravelmente a circulação diária de jornais ao mesmo tempo em que a diversificação de editoriais caiu vertiginosamente, tendo como consequência a concentração de recursos nas mãos dos grandes aglomerados midiáticos.

Sobre esta questão, de caráter capitalista, hegemônica, Thompson esclarece que

os primeiros pensadores liberais não previram até que ponto a autonomia e a soberania de Estados nacionais particulares seriam limitados pelo desenvolvimento de redes multinacionais de poder e pelas atividades e

políticas de instituições que operam cada vez mais em escala global. Os Estados nacionais particulares nunca foram entidades isoladas; sempre fizeram parte de sistemas interligados, de alianças mutáveis e de processos interdependentes de acumulação de capital que se estendiam muito além de suas fronteiras territoriais. Mas no curso dos séculos XIX e XX, o grau de intercomunicabilidade cresceu assustadoramente. Isto é verdade, sobretudo na esfera da informação e da comunicação, mas também em outros setores de produção de mercadorias (2008, p. 209).

A mídia impressa, em Goiás, está atrelada ao mercado mundial com seu poder econômico e objetivo de lucro. A realidade, alimentada e estruturada pelo sistema capitalista, denuncia o fenômeno da individualização extremada e coletiva que torna a sociedade moderna contraditória em sua relação com o homem contemporâneo quando a organização reflexiva - do *self* - torna-se cada vez mais importante enquanto característica expoente da vida social.

A efemeridade midiática - que induz ao imediatismo da notícia - favorece o sensacionalismo, a banalização de valores morais, a ausência da comunicação social imparcial, o enfraquecimento da ética jornalística continuada, podendo, também, fazer movimento inverso quando, segundo Thompson, “a profusão de materiais simbólicos pode fornecer aos indivíduos os meios de explorar formas alternativas de vida de um modo imaginário e simbólico; e conseqüentemente permitir-lhes uma reflexão crítica de si mesmos e sobre as reais circunstâncias de suas vidas (2008, p. 185).

Expressão social, recorte conjuntural da mídia, ferramenta histórica e propulsora dos movimentos sociais, esta estratégia de dominação coercitiva e alienação coletiva, segundo Bourdieu, denota

a mudança de espaço mental que está lógica e praticamente associada à mudança de espaço social que garante o domínio da situação aos detentores da competência jurídica, os únicos capazes de adotar a postura que permite construir esta situação em conformidade com a lei fundamental do campo (2011, p. 233).

Esta a lógica totalmente hermética e inacessível aos profanos que, por um lado, retrata a ideologia em busca do lucro e, à luz de nosso próprio tempo -, pós-moderno e capitalista - (quando a pressão econômica que pressiona o setor profissional), condicionada ao fenômeno da oferta e demanda de trabalho e dinheiro, denuncia - na janela midiática - a concepção de *marketing* que educa e politiza.

Enquanto expressão histórica e social trata também da mesma expressão, desta vez, sociopolítica, quando denuncia, informa e dissemina uma concepção punitiva e restritiva a qual favorece a ampliação das desigualdades de classes e

intensifica algumas das expressões da *questão social* ao fomentar a dependência química enquanto caso de polícia e não de saúde.

Segundo a SENAD:

A legislação, desde as Ordenações Filipinas (1603), passando pelo Código Criminal do Império (1830), pelo Regulamento de 1851, pelo Código Penal de 1890, por dezenas de decretos, pelo Código Penal de 1940, pela Lei 5.276/1971, até a Lei 6.368/1976, com pequenas modificações posteriores, sempre transmitiu a ideia de que era necessário estabelecer uma 'guerra contras as drogas' (2011, p. 38).

Normas do passado com o indicativo de prevenção geral por meio de penas privativas de liberdade destinadas a intimidar a sociedade e evitar o surgimento de 'delinquentes', além da prevenção especial dirigida ao 'criminoso', paradoxalmente determinando que o elemento deve ser afastado da sociedade para ser 'reinserido', 'ressocializado', ou seja, a legislação tornada um conjunto retórico de 'boas intenções' sem efetividade alguma.

### **3.7 O capital mundial demanda novas técnicas da informação e determinações de conflito**

Parte da estratégia global de manutenção e ampliação do sistema capitalista mundial dirige-se, então, às periferias, mais especificamente à América Latina e converge em ações conflitantes as quais são desenroladas através da reunião de diferentes atores.

Estes se organizam em prol de uma estratégia global - elemento constitutivo da política internacional da técnica apurada dos meios de informação - a partir dos países industrializados, destacando-se os Estados Unidos da América do Norte e a República Federal da Alemanha, apoiados por organizações internacionais tais como Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Organização dos Estados Americanos (OEA) e seus órgãos, dentro de um contexto internacional de colaboração para o desenvolvimento econômico e social.

Esta modernização se inscreve no contexto da "Guerra Fria", a partir da década de 1940, e intensifica-se sob o véu da coexistência retratada numa paz nebulosa. Há um impulso na indústria eletrônica, destacam-se a emergência econômica de países europeus e do Japão, além do crescimento soviético. Novas

relações Leste-Oeste se dão ao mesmo tempo em que se oculta uma corrida armamentista pelo viés da ‘coexistência pacífica’.

Engendrada pela conjuntura econômica e mundial, situada no século XX: “Intensifica-se, então a produção dos recursos audiovisuais e das telecomunicações, bem como se desenvolve a produção de softwares para a difusão das mercadorias produzidas” (EVANGELISTA, 1997, p. 156).

A racionalização do controle social - alicerçada na necessidade de mudanças nas relações entre os eixos políticos Norte-Norte, Leste-Oeste e Norte-Sul – adota a tecnologia avançada nas políticas sociais o que determina as relações de consumo entre as grandes empresas das indústrias eletrônica e aeroespacial. Este processo dá-se na estreita relação de consumo e poder com o Estado americano e seus órgãos de segurança e defesa, o que caracteriza o processo de intensificação e internacionalização das linhas de produção dos ramos editoriais, de vídeo e séries de TV.

Os meios de comunicação de massa significam para a organização internacional do capital a reafirmação da liderança dos americanos na criação do novo padrão de organização internacional. Liderados pelos Estados Unidos da América do Norte, Europa e Japão destacam-se nestas relações transcontinentais as quais exploram técnicas de comunicação com estilo e organograma de padrão congestionado e que responde pela realidade da velocidade eletrônica encurralada da existência global.

Com relação a estas articulações e rearticulações da ‘ajuda externa’ nos campos culturais, em seus diversos organismos, Evangelista esclarece que

na verdade, a mesma Guerra Fria que supõe uma escalada cada vez mais intensa na corrida armamentista, de que a tecnologia espacial é um produto, leva à supervalorização do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e do seu emprego no domínio da educação e da cultura ocidentais [...] a importância dos meios de comunicação na tarefa de manter a coesão do ‘mundo livre’ e viabilizar o movimento de internacionalização capitalista, como também as contradições, conflitos e oposições com que se defronta a ajuda internacional, em cujo contexto se constitui o movimento de tecnificação com vistas à sua mundialização” (1997, p. 159).

Estas elucidacões levam à reflexão de que é preciso examinar para entender a relação poder, hegemonia e violência que habita a mídia no contexto da produção e reprodução da desigualdade na sociedade capitalista da periferia, inscrita nos processos de continuidades ou rupturas e a ampliação das expressões da *questão social*, dentre elas, a problemática da dependência de substâncias químicas legais ou ainda na ilegalidade.

A mídia encarrega-se de associar o tráfico de drogas à violência, colocando para a população a ideologia do cárcere como a única solução para as pessoas envolvidas com estas atividades.

A privação da liberdade justificaria a inoperância do Estado neoliberal, como se a violência urbana pudesse ser extirpada - a partir da proposta de encarceramento do mal -, representado nesta questão pelo 'traficante', outrora, o 'herege', o 'comunista' ou o 'judeu' com "criminalizadas condutas relativas a drogas qualificadas ilícitas, as que mais convenientemente atendem à necessidade das formações sociais do capitalismo pós-industrial de criação de novos inimigos e fantasmas" (KARAM, 2000, p. 152).

Esta expressão social, ligada à questão das drogas, gera a cultura lucrativa do medo - trespassada pelo viés da insegurança coletiva e social – inculcada no imaginário da coletividade acuada na violência banalizada e midiática exacerbada desta questão de segurança e/ou insegurança pública.

Homens e mulheres sem nenhum limite moral, que buscam lucros imensuráveis obtidos a partir da desgraça alheia, os novos bárbaros os quais têm na sua prisão o fim de todo mal-estar da comunidade consumista e livre, civilizada. Com relação a esta ideologia coercitiva: "A grande maioria de traficantes desarmados e não violentos é encarcerada, e os veículos de comunicação justificam as ações do sistema penal através do 'combate à violência'" (D'ÉLIA FILHO, 2007, p.119).

Por meio deste discurso de reorganização do caos, consequência da desigualdade social e exploração do trabalhador, submetido ao sistema e modo de produção capitalista, a punição aflora inserida na ideologia midiática, de acordo com D'élia Filho (2007), relativa aos "veículos de comunicação que encontram na sociedade da era pós-industrial um caminho natural para o encarceramento dos pobres" (p.124).

Este é o retrato ou raios X de um organograma de controle social das classes perigosas, - estruturado a partir da política de guerra contra as drogas - estabelecida por parte de um Estado fracassado enquanto agente e gestor público das expressões sociais, as mazelas da droga, segundo o senso comum.

### **3.8 Jornal *Diário da Manhã*: referencial histórico na construção da imprensa em Goiás**

Se "a história contada, coletivamente, torna-se viva e aberta às múltiplas interpretações e utopias", como analisa Benjamim (1985), torna-se de relevância histórica registrar, nesta exposição, alguns fatos relacionados à construção da

imprensa, em Goiás. Seus personagens, as lutas históricas escritas e impressas entre silêncios, alegrias, certezas e, por que não mencionar, esquecimentos, incertezas e resistências.

Memória individual, memória coletiva: aos poucos, elas, em um jogo de disputa, integram-se e desintegram-se, mostrando ser possível o compartilhamento das narrativas dos protagonistas sobre os temas selecionados. Não podemos nos esquecer, no entanto, de que o protagonismo de cada pessoa é constituído a partir de suas complexas e múltiplas práticas culturais, sociais e institucionais (UFG, 2010, p.18).

Entre os veículos de informação impressa em Goiás, - cuja duração, enquanto sobrevivência histórica, no mercado capitalista periférico – o jornal *Cinco de Março* atravessou anos, deixou um legado muito importante desde sua criação, em 1959, após forte repressão da polícia a uma manifestação de estudantes secundaristas, dentre eles os líderes estudantis da União Goiana dos Estudantes Secundaristas (UGES) Javier Godinho, Telmo Faria e Batista Custódio.

Jovens de visão jornalística com veia politizada, eles lideraram a criação do jornal com contribuição de outros estudantes tais como Valterli Guedes, Zoroastro Artiaga e Consuelo Nasser (*in memoriam*), que viria a ser uma das mais expressivas figuras na imprensa goiana e na luta em prol dos direitos da mulher. Devido ao foco do jornalismo opinativo, em 1964, sob a onda coercitiva da liberdade de imprensa e violenta repressão, o *Cinco de Março* deixou de circular por um tempo.

A vigilância contínua por parte da ditadura civil e militar, estabelecida e ‘garantida’ através dos Atos Institucionais, não impede o veículo de informação impressa de retornar, mantendo ainda a sua linha editorial voltada para denúncias, até o início da década de 1980. O jornal *Cinco de Março*, em 1981, com o processo de redemocratização do Brasil, tornou-se o jornal *Diário da Manhã*, que, no último dia 12 de março de 2016, completou 57 anos de história pautada e impressa, hoje, também, em imagens do DMTV e nas ondas do Rádio através da RádioDM.

Em depoimento relacionado à história do veículo de informação impressa, *Diário da Manhã*, o jornalista Batista Custódio (2015) relata: “A minha história não cabe na minha biografia. Vi na semente dos frutos que se colhem os plantios do idealismo que renascem no chão pisado das adversidades. Que reflorescem nas bordas das esperanças (...)”, reforçando o valor daqueles que, a ele, somaram esforços na luta pela liberdade de imprensa em Goiás, no Brasil e pelo mundo: “Por

isso, faça-se nas minhas palavras a voz do brado que ressoa do silêncio das legiões de companheiros o heroísmo deles na legenda da minha história na imprensa”.<sup>30</sup>

A preservação da memória das instituições alavanca a sociedade moderna, patrocina as possibilidades palpáveis, expõem valores históricos de fundamental importância ligados à preservação do homem - enquanto ser social e político - o qual luta, pela sobrevivência, trespassado por sua própria condição de vida.

O *Jornal Quarto Poder*, da Universidade Federal de Goiás (UFG) é retratado no livro coletânea *Universidade Federal de Goiás – Imagens e Memórias / 1960 – 1964*, publicado no ano de 2010. Nesta obra literária a Associação dos Arquivistas Brasileiros, em entrevista, o professor Egídio Turchi traz um personagem que revela sobre este veículo informativo, criado pelo professor Colemar Natal e Silva, o qual era aberto a todas as tendências, à época.

Quanto à importância daquele veículo de informação impressa, o entrevistado relata que a sua edição de Ano I, número 62, editada em 23 de novembro de 1963, foi inteiramente direcionada ao primeiro aniversário da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, com a participação dos corpos docente e discente.

O diretor do jornal, à época, era Waldomiro Santos. Ali ainda não se arquivava nenhuma informação daquela universidade, - em seus primeiros dois anos - a não ser nas Atas do Conselho Universitário. Uma completa radiografia da faculdade está impressa no veículo informativo o qual traz o decreto de criação; ata do Conselho aprovando a escolha do diretor; programa de festas; relatos de experiências pedagógicas; cursos de especialização realizados por profissionais, no País e no exterior.

No livro *Imagens e Memórias*, segundo o entrevistado, professor Egídio Turchi

alguns artigos daquela publicação, relidos após 40 anos, ainda conservam o sabor da autenticidade e possuem a visão clara da estrutura primitiva: uma euforia generalizada dominava alunos e professores por terem conseguido, com sucesso, dar os primeiros passos e a faculdade estar viva ao fim do primeiro ano letivo (2010, p.241).

O professor afirma que essas publicações podem até servir, no futuro, para consulta dos interessados em pesquisar e descobrir as origens comuns das várias outras unidades que, através das reformas universitárias ‘brotaram do nome abrangente primitivo’ – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: a Faculdade de Educação com seu Colégio de Aplicação; o Instituto de Matemática e Física (IMF);

<sup>30</sup> <http://www.dm.com.br/opinioao/2015/03/diario-da-manha-um-jornal-que-marcou-a-historia.html>).

Instituto de Química e Geografia (IQG); Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), por sua vez, responsável por dar origem à Faculdade de Letras (FL), à Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (FCHF) e a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb).

O fundador e primeiro diretor da Rádio Universitária, Ivo Pinto de Melo, iniciou sua vida jornalística em 1952. Foi ainda redator da Imprensa da Universidade, servidor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) onde, em 1962, iniciou contatos com o professor Colemar Natal e Silva no sentido de criar uma rádio que pertencesse àquela universidade, alcançando a capital federal, Brasília, além de outras regiões.

Uma resolução do Conselho Universitário criou então, através da Portaria número 2.862, em 14 de fevereiro de 1962, a Rádio Universitária. No Brasil, à época, ainda não existia nenhuma rádio universitária.

Em Goiânia, a estação passa a fazer parte da rede de informação – através do rádio – que tinha como principais representantes as rádios Clube de Goiânia, Brasil Central e Anhanguera. Um projeto de utilização foi apresentado à Comissão Técnica de Rádio, do Ministério da Justiça, órgão que já enfrentava os “estudantes revoltosos”, um verdadeiro “calo político para a administração da rádio, empresa de informação do ensino, cultura e comercial”.

De acordo com Melo, fundador da Rádio Universitária, um conhecido Almirante (funcionário do alto escalão da referida comissão), comentando a respeito do pedido de registro da empresa, afirmou: “O senhor tem todo o direito de registrar toda a documentação e entrar com todos os requerimentos. Mas eu acho muito difícil porque o primeiro voto meu, como presidente, é contra” (REIS, 2010, p. 243).

Cerca de trinta dias depois saiu uma portaria concedendo licença de Rádio e TV para a Rádio Universitária.

### **3.9 A redescritção da expressão social mídia e drogas, publicada nas páginas do jornal *Diário da Manhã***

O jornal impresso, enquanto meio de comunicação de massa, tem sua função social e objetivo comercial, desde seus primórdios, e busca alcançar diferenciados públicos, disseminar ideias, vender produtos, provocar “revoluções” através de sua leitura, disseminada a diferentes e variados países, afetando a vida da população engendrada a partir da realidade cotidiana. A transformação do mundo dá-se a partir de sua interpretação ao invés de só especulá-lo.

No sentido de se atingir esta reflexão, que provoque a crítica e o caminho a seguir, esta exposição traz manchetes e reportagens publicadas no jornal *Diário da Manhã*, entre os anos de 2013 e 2015<sup>31</sup>, comentadas a partir da técnica da redescritção do seu objeto de análise em matérias que podem ser entendidas pelos leitores, adultos e crianças, letrados ou iletrados, pois, de acordo com Barcellos “se você não entende o texto, pode muito bem ler as imagens e se reconhecer nos ambientes e, daí, interpretar o conteúdo da história de acordo com o seu contexto” (1998).

A apropriação de conceitos, valores e elementos que foram, são ou poderão a vir ser aceitos como reais, denota a perspectiva do jornal enquanto espaço por excelência da representação social. Enquanto veículo de informação impressa, o jornalismo torna-se instrumento de esclarecimento, manipulação ou veste a máscara da realidade aparente, realidade que só pode ser transformada a partir de uma prática de mudança e novo olhar no que refere à informação veiculada de representações sociais co-construídas em práticas cotidianas, onde “as representações sociais são conjuntos dinâmicos de forma de apreensão e expressão do cotidiano vivenciado pelo homem e seu status é o de produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente” (MOSCOVICI, 1978).

As representações sociais, socialmente construídas e individualmente incorporadas, formam-se da apropriação dos conhecimentos produzidos e organizados no espaço do universo reificado e levados para as conversações do universo consensual dos acontecimentos cotidianos. Estas se dão através da manifestação individual, historicamente construídas, socialmente asseguradas e individualmente aplicadas, da mesma forma o pensamento.

As representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, e outras– são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não-usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI, 2003, p. 58)

Se a informação tem como objetivo dar a forma ao mundo, Wolton (2004) assegura ser primordial “dar conta dos acontecimentos dos fatos e contribuir

---

<sup>31</sup> Período em que o autor desta pesquisa foi revisor gráfico e articulista do jornal *Diário da Manhã*

diretamente para o funcionamento de sociedades complexas”. Torna-se inseparável da Comunicação que, além do ideal normativo de trocas e interações, constitui meio de difundir essas informações e de construir as representações.

A seguir, tomando como norte a exposição comentada de informações apresentadas em artigos, reportagens e manchetes publicadas no jornal impresso *Diário da Manhã*, catalogados entre os anos de 2103 e 2015, esta exposição trata de dar sentido à análise referente ao tema objeto da empiria.

A coleta dos dados foi realizada tendo como espaço de pesquisa o Centro de Documentação e Arquivo (CEDOC) do jornal *Diário da Manhã*, em Goiânia, enquanto referencial documental desta pesquisa.



**Figura 1**

Fonte: Revista Economia & Desenvolvimento

Na edição dezembro 2012 / janeiro de 2013, a revista goiana *Economia & Desenvolvimento*, de circulação nacional, publica a matéria *Combate às drogas incluído no Plano de Ação Integrada de Desenvolvimento (PAI)*. Relata o “enfrentamento às drogas” como uma grande preocupação do governo estadual. Trata a expressão social do *crack* como “epidemia” por parte das autoridades de saúde do País devido sua disseminação nos centros urbanos e cidades de médio e pequeno portes, e atrela o “problema” aos altos índices de criminalidade.

Segundo a matéria, assinada pela revista, “a meta é propiciar o combate mais efetivo à entrada de drogas no Estado”. A questão é apresentada enquanto assunto de gestão coordenada pelo Grupo Executivo de Enfrentamento às Drogas (GEED) com recursos do Programa Estadual de Enfrentamento às Drogas visando alcançar 25 instituições as quais atuarão em conjunto na “prevenção e no tratamento aos usuários de drogas”.

O “combate ao tráfico”, como analisa a matéria, não leva em consideração a expressão social ligada ao uso de drogas e apresenta diversas vertentes diferenciadas do que regem os direitos inseridos na Constituição Federal de 1988, em dois sentidos. Uma, por tratar-se de questão de saúde, a outra, equivocadamente, como “caso de polícia”. De acordo com Lopes (2013), “através da reinserção social, apoiado na estrutura de fortalecimento de vínculos do abusador de substâncias químicas, ou seja, a família” (p. 11), é que se dá o pontapé inicial nesta questão que engloba os direitos sociais e de saúde e não de segurança pública como sugere a publicação. Embasa-se, portanto, no psiquiatra Franco Basaglia (1967), responsável pela abertura dos manicômios, na Itália, “quando se diz que a prisão e o manicômio não têm como objetivos a reabilitação de seus próprios ‘hóspedes’ [e] são instituições do Estado que servem para manter limites aos desvios humanos, para marginalizar o que está excluído da sociedade” (1980, p. 45).



**Figura 2**

Fonte: Revista Veja

Em janeiro de 2013 a revista *Veja* publica em sua Coluna *Notas*, assinada por Robson Bonim e Thiago Prado, *O nó da criminalidade*, segundo os autores, “uma radiografia dos homicídios no Brasil”, apontando as regiões Norte e Nordeste do País no topo das estatísticas em seus 102 municípios “pendurados” no Programa Bolsa Família os quais receberam R\$ 574 milhões, a título de “transferência de renda”.

Traz a fala do ex-ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, segundo o qual “políticas sociais são obrigatórias, mas insuficientes”. O projeto de inclusão social denominado Programa Bolsa Família, Lei Federal n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004, regulamentado pelo decreto n. 5.209, de 17 de setembro de 2004, alterado pelo número 6.157, de 16 de julho de 2007, tem o propósito da maior distribuição de riqueza e não se destina a “combater a criminalidade”, ou “extirpá-la”.

O Código de Ética do/a Assistente Social determina em seus princípios fundamentais, inciso V o “Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática.” É a partir da inserção cidadã, regulamentada nas políticas públicas e sociais, claramente criticadas na nota veiculada, em análise, que se dá a promoção de qualquer possibilidade de transformação societária, inclusive aquela que remonta à sociedade brasileira, em questão.



Figura 3

Fonte: Jornal Diário da Manhã

Em 24 de janeiro de 2013, Frederico Crispim assina reportagem de página dupla, intitulada *Moradores da Casa da Miséria* a qual denuncia “moradores de rua” os quais vivem tempos perigosos na Capital, onde ocorreram 19 assassinatos em quatro meses.

Destaca ainda sua situação de vulnerabilidade social relatando que “sem ter para onde ir, buscam refúgio onde encontram”. O jornalista traz diversas fotos na referida matéria, relatando a questão das ruas, liberdade para muitos, sinônimo de exclusão social para outros.

Ao expor dados da Delegacia Estadual de Investigação de Homicídios (DIH), Crispim, já no *lead* de sua reportagem, afirma que “nos tempos atuais, o cidadão que tem como moradia as ruas da cidade, seja na periferia ou não, corre o risco de morte no limiar da noite para o dia” e expõe, numa fotografia em destaque, um “morador de rua” que, sem ter para onde ir, busca refúgio da chuva em bueiro, na Avenida Marginal Botafogo, onde fica preso até ser resgatado pelo Corpo de Bombeiros.

A reportagem traz chamadas tais como “Sociedade, família e processo de exclusão”; “Esquecida”; “Problemas mentais. Eles negam assistência”; “O direito que tenho é Justiça. Ela não o trará de volta” e ainda “Correntes de migração para a situação vulnerável”.

Jargões que reforçam a reificação do sujeito e remonta à questão da “incapacidade” por parte do trabalhador, enquanto classe, em se alcançar os direitos cidadãos, garantidos e estabelecidos na Constituição Federal de 1988, expressão da retórica da negação de direitos, segundo Foucault (2003) “entre ele e a sociedade estabelece-se um sistema implícito de obrigações: ele tem o direito de ser alimentado, mas deve aceitar a coação física e moral do internamento” (p. 65) o que, neste caso, é explicitado enquanto incapaz de ser “ofertado” pelo Estado.



Figura 4

Fonte: Jornal O Popular

No dia 7 de maio de 2013, o psiquiatra do Sistema Único de Saúde (SUS), integrante do Coletivo Liberdade, realizador do seminário *Drogas: Prazer e Risco*, Lourival Belém Jr. assina artigo, à página 7 do informativo *O Popular* impresso com o título *Toxicomanias: mitologias contemporâneas*.

Afirma que “a Ciência honesta fala do pouco que sabe do mundo das drogas”, e, enquanto terapeuta, recria o “mundo das drogas” a partir de visões diferenciadas incluindo a da terapia, da mídia, do religioso, do policialesco e claro, o do toxicômano.

Ao discutir o campo das novas mitologias como o mito da cura pela desintoxicação, o tratamento farmacológico da dependência e a droga como causa da violência social, Belém, especialista em drogas, critica “a exposição desmesurada das nossas contradições sociais” que desenvolveu, rápida e assustadoramente, um levante reacionário de justificação das internações forçadas.

Este é, segundo Lopes “o retrato social concreto da dependência química e loucura interligadas, tratada enquanto caso de internação compulsória, isolamento” (2013, p. 15). Ao aplicar-se para tal o oposto da dinâmica de tratamento como caso de saúde e integração do ser humano, o trabalhador, em virtude da dependência química, tem sua representação social reduzida a

louco, "doido" são palavras abstratas. Mas quando se diz "doente mental" torna-se concreta e é aceita no mundo em que se vive. Quando se diz "esquizofrênico" é mais aceita ainda. E a casa do doente mental, do esquizofrênico é o manicômio. Isto é, é o lugar que possibilita sua aceitação pela sociedade racional (BASAGLIA, 1980, p. 45)

Belém clama ainda pelo debate público como "forma de superar a melodramatização dos problemas pela mídia, as ideologias científicas que reduzem o complexo fenômeno da dependência ao plano biológico, velhos preconceitos e a judicialização dos usuários de drogas". Para a grande maioria da população ativa, leitora de jornais e atrelada ao senso comum, dependência e uso abusivo de drogas situa o dependente químico como louco e incapaz.



Figura 5  
Fonte: Jornal Diário da Manhã

Com o título *Muito além da fumaça*, em 27 de janeiro de 2014, a reportagem impressa em verde, a cor da folha de *cannabis sativa*, exposta em foto central da página, o jornalista Pietro Bottura traz a notícia da maconha legalizada no Uruguai e também no Colorado, Estado americano, e que segue criminalizando o usuário no Brasil.

Trazendo como intertítulos conceitos como “represálias”; “quebrando o tabu”; “usuário” e “traficante”, o autor traz, à página 2, da editoria de Cidades, a discussão mundial acerca da legalização de drogas e a questão das reivindicações pela liberalização para uso médico. Cita o sociólogo e professor da Universidade Federal de Goiás, Nildo Viana, que reflete sua visão de que “o preconceito existe e não se alterará”. Se houverem problemas relacionados ao uso haverá represálias por parte da sociedade, argumenta, citando a “guerra contra as drogas”, criada por Nixon, ex-presidente dos EUA, que o Brasil adotou e avalizou, criminalizando o usuário penalizado por porte o venda de entorpecentes.

Foi essa a cultura prevalecente nas décadas de 1970 e 1980, sempre marcadas, como se disse, pela política de “guerra contra as drogas”, que repercutiu no preconceito de também combater, fazer mal e punir o usuário, considerado um vadio, vagabundo, malandro que poderá ser corrigido com uma boa surra pedagógica aplicada no ambiente familiar (SENAD, 2011, p. 38)

Relatando a história da droga, já há 2.700 a.C, quando os chineses usavam a *cannabis* buscando alcançar contatos com planos da existência superior, o jornalista cita a próxima relação de Roma com o vinho; dos árabes com o haxixe; de egípcios com o ópio e a cerveja. A reportagem traz a questão do álcool proibido nos Estados Unidos e cita Al Capone e o crime organizado.

Expõe ainda o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e menciona a discussão pela liberalização da maconha, no Brasil, e trata de levantar a realidade do crime organizado, que obtém dinheiro para financiamento de armas ilegais, e estigmatiza algumas drogas ao nominá-las “mortais”, para o crack, e, “debilitante” ao referir-se à cocaína, “criminosos” armados e violentos são termos dados ao traficante.



Figura 6

Fonte: Jornal Diário da Manhã

A imagem acima foi publicada, em 31 de janeiro de 2015, com chamada de matéria sob o título: *Idosa é presa com 25 quilos de cocaína*.

Relata o caso da prisão da aposentada Dirce Cavalcante Filha, de 73 anos, suspeita de manter um laboratório de drogas no barracão onde morava. Com a sarcástica chamada em forma de subtítulo *Vovó pede para ser liberada da prisão porque não quer perder o próximo capítulo da novela da Rede Globo*, a jornalista Aparecida Andrade traz revelações factuais à pauta, onde anuncia que a dona de casa não quer ser “descoberta” pela família e cita a Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos (Denarc) para onde a idosa foi levada.

Relata ainda que um filho de Dirce, investigado, seria o responsável pela droga encontrada e estava foragido. Segundo a SENAD (2011) “no contexto da judicialização desta questão do uso de drogas, a cultura jurídica, o mundo dos autos de processo, entretanto, tem se limitado a uma ocorrência policial contra uma pessoa que muitas vezes é chamada de ‘elemento’ flagrada na posse ou uso de drogas (p. 40)

Alegando a idade da ré tornar-se uma “vantagem”, na fase judicial, a matéria relata que a idosa foi transferida para o 14º Distrito Policial, e, posteriormente, encaminhada para a Casa de Prisão Provisória. O texto remonta ao que afirma a SENAD (2011) “Pronto! Pena ao elemento. Em face dessa cultura discriminatória,



Em 30 de abril de 2015, na matéria paga por um festival de cerveja, regional, o jornal, através do repórter Johny Cândido, publica texto anunciando a abertura do *Piri Bier*, a se estender até o mês subsequente.

Trazendo uma programação “intensa”, segundo o jornalista, dividida em palestras, workshops, degustações e, principalmente interação, a reportagem traz nomes de famosos consagrados na cena da *beer sommelier* nacional.

No tocante ao efeito alcoólico do evento, o texto relata o acontecimento “longe de ser um evento promova a bebedeira”.

De acordo com SUPERA

um ‘bêbado’ ou uma ‘bêbada’ deixa de ser tantas coisas, por exemplo: ser pai ou mãe, ser trabalhador ou trabalhadora, para ser tão somente bêbado ou bêbada. Como as pessoas vivem em sociedade, o reconhecimento é fundamental para a identidade e esta é fundamental para o reconhecimento social (SUPERA, 2011, p. 6)

O jornal publica nomes de empresários e empresas de eventos e cita a doação de equipamentos à Universidade Estadual de Goiás (UEG) a serem destinados a cursos de fabricação de cerveja e/ou outros produtos.

Segundo Baságli (1980)

O problema da droga revela uma situação curiosa estimulada pelo capital: colocam-na no mercado e ao mesmo tempo lutam contra. É uma luta falsa porque, na verdade, sua presença no mercado é uma forma de controle. O problema do alcoolismo deixa isso mais claro ainda: produzem uma boa quantidade de álcool e ao mesmo tempo combatem a bebida. É uma contradição, mas a sociedade capitalista se caracteriza também por essas contradições (p. 71).

Com clara intenção publicitária, e de vendas, a matéria conclama “turistas de todo o Brasil!” e anuncia “holofotes da mídia nacional” direcionados à atração internacional.

Diário da Manhã  
DM.COM.BR  
GOIÂNIA, SEXTA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO DE 2014 5

**DEPENDÊNCIA**

# Tabagismo vicia mais que drogas ilícitas

É o que afirma relatório da Campanha Crianças Livres do Tabaco. Estudo ainda conclui: o cigarro vicia mais que cocaína ou heroína

**Aparecida Andrade**  
Da editoria de Cidades

**ESPECIALISTA**  
De acordo com pneumologista e cirurgião-torácico Roberto Ramos Caiado, a nicotina, substância encontrada naturalmente na planta do tabaco, é uma droga com maior causa de dependência chegando a ser mais que a cocaína. "A nicotina é uma substância com reconhecida capacidade em causar dependência à proporção de usuários de tabaco, mesmo que sejam eles casuais, e tende a evoluir", descreve.

Porém ainda que a proporção de usuários de tabaco é maior que dos usuários de cocaína, heroína ou álcool. Sendo esta uma droga lícita causadora de dependência e prejudicial à saúde. O especialista chama a atenção para os perigos do cigarro. "O tabagismo é o mais importante fator de risco, isolado, de doenças graves e fatais, o fumante fica exposto há mais de quatro mil substâncias das quais muitas são cancerígenas", alerta.

Pesquisadores afirmam que porque as misturas do tabaco e os aditivos tornaram a fumaça do cigarro mais fácil de ser inalada, aumentando os níveis de nicotina no sangue e cérebro.

Fato que leva os fumantes a ficarem mais propensos a desenvolver desde doenças como bronquite crônica, enfisema nos pulmões, câncer de pulmão, cânceres de boca, laringe, ou esôfago. Até mesmo a redução da capacidade de aprendizagem, memorização e impotência sexual. Caiado destaca a importância das pessoas não iniciarem o uso dessa substância, sendo esta altamente viciante. "O tabagismo é reconhecido como uma doença crônica que é gerada pela dependência na nicotina", informa. O médico ainda explica que o tratamento para deixar de fumar existe, mas é preciso que a pessoa esteja determinada a parar e passar pelo tratamento.

**FUMO SIM**  
O professor de Inglês Luiz Eduardo Kruger, 22 anos, fuma desde os 15, mas conta à reportagem do Diário da Manhã que somente a partir dos 18 anos de idade passou a fumar com mais frequência. Ele, hoje, fuma cerca de 15 cigarros por dia e considera

as influências que o levaram ao tabagismo. "Comecei a fumar logo nas saídas com alguns de meus amigos que fumavam e meu irmão também", conta.

Luiz Eduardo assegura nunca ter tido problemas de saúde por causa de cigarro, no entanto, reconhece os prejuízos que o mesmo pode trazer à saúde. "Certamente o cigarro é altamente viciante, não sei se tanto quanto a outras drogas, mas o cigarro causa dependências química e física. Quando eu comeci a fumar, meu pai - que nunca fumou - me disse que todo fumante nos dias novos amarela". Hoje concordo com ele. Nunca pensei ou tentei parar de fumar, mas tenho certeza que esse dia chegará", reconhece.

As companhias usam os aditivos como sabor para que os cigarros aumentem o número de vendas, e ainda atrair jovens e evitar que pessoas abandonem o tabagismo. Parece que a estratégia tem funcionado, na balada, Kruger chega fumar mais de uma carteira numa noite e descreve a experiência do vício: "O cigarro acalma e me deixa relaxado. Sempre que fumo tenho a sensação de tranquilidade", conclui.



Pneumologista Roberto Caiado alerta que entre os adolescentes que experimentam o cigarro, cerca de 70% se tornam dependentes

## Figura 8

Fonte: Jornal Diário da Manhã

Dia 5 de setembro de 2015, a jornalista Aparecida Andrade assina a reportagem *Tabagismo vicia mais que drogas ilícitas* e afirma que o relatório da Campanha Crianças Livres do Tabaco reforça a tese de que o cigarro vicia mais que a cocaína ou a heroína.

Tomando enquanto referencial de pesquisa, o professor da Universidade da Califórnia, Davi Burns, a repórter denuncia a prevalência do cigarro sobre outras drogas enquanto resultado da engenharia adotada pelas companhias de alta engenharia para o aumento, atratividade e facilitação do consumo no sentido da dependência a partir do aumento da nicotina, amônia e açúcares nos cigarros.

Esta realidade remete à SENAD (2011) que afirma "nem todas as substâncias psicoativas têm a capacidade de provocar dependência. No entanto, há substâncias aparentemente inofensivas e presentes em muitos produtos e uso doméstico que possuem este poder" (p. 61).

A matéria cita o cigarro enquanto substância química com maior proporção de usuários, em relação ao álcool e outras drogas, e traz a questão de saúde, até pouco

tempo, tomada como um caso de polícia. Expõe uma entrevista com um professor, de 22 anos, fumante desde os 15, que atribui o hábito enquanto consequência da convivência com amigos, nas noites de baladas e enquanto calmante.

**Diário da Manhã** CIDADES GOIÂNIA, QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2015 3

GOIÂNIA				BRASIL				MUNDO					
temperatura	30/24°	30/24°	30/24°	Aracaju (SE)	27/22°	Brasília (DF)	27/22°	Caracas (VE)	32/28°	Los Angeles (EUA)	24/12°	Manágua (DO)	28/22°
umidade	44%/25%	45%/26%	45%/26%	Belo Horizonte (MG)	24/17°	Belo Horizonte (MG)	24/17°	Buenos Aires (AR)	20/14°	Los Angeles (EUA)	24/12°	Manágua (DO)	28/22°
vento	8 km/h	8 km/h	8 km/h	Belo Horizonte (MG)	24/17°	Belo Horizonte (MG)	24/17°	Caracas (VE)	32/28°	Los Angeles (EUA)	24/12°	Manágua (DO)	28/22°

# VIOLÊNCIA

## João Carlos Gorski: "A sociedade está perdendo a guerra contra as drogas"

Delegado-geral da Polícia Civil vê com preocupação a escalada da violência em Goiânia e avalia que será um desastre descriminalizar o uso da maconha, como o Supremo está julgando



O delegado-geral da Polícia Civil de Goiânia, João Carlos Gorski, prevê uma escalada de violência ainda maior do que está acontecendo atualmente caso seja aprovada a descriminalização da maconha como está em julgamento no Supremo Tribunal Federal. Goiânia já vive uma espiral de violência sem precedentes e grande parte dessa violência se dá em função do comércio e do uso de drogas.

No último final de semana foram 16 homicídios em Goiânia entre sexta-feira e domingo, sem contar outras duas mortes ocorridas em situação de confronto de marginais com policiais. A esmagadora maioria dos casos está ligada à questão das drogas e situação só tende a piorar. "A sociedade está perdendo a batalha contra as drogas e não há reação aparente".

Os números da violência em Goiânia justificam a preocupação do delegado João Gorski.

plém que a droga no Brasil atualmente é barata e o que encarece o comércio é o transporte.

No Supremo Tribunal Federal está em discussão um recurso extraordinário que poderá descriminalizar o porte e o uso de maconha, o que seria um verdadeiro desastre, na avaliação do delegado-geral. "Estão dando uma solução apenas para o consumo e estão esquecendo onde reside o maior problema. Esse consumidor terá de comprar a droga dos traficantes, pequenos ou grandes, o que mantém o comércio ilegal da droga".

**EXEMPLO**

A iniciativa do Uruguai de legalizar o comércio e o uso de maconha fechou as portas para o tráfico, avalia João Gorski. Lembra que o problema da comercialização legalizada tem o caráter de pulverizar o comércio legal e aqui no Brasil, no Brasil o comércio ilegal é muito mais vantajoso para a sociedade e desproporcionalmente maior do que os crimes, sempre violentos e que chamam outros delitos juntos.

"No Uruguai, se um indivíduo quiser comprar maconha ele precisará ir a um local de com



Gorski afirma que violência nos fins de semana é resultado de guerra entre gangues de traficantes de drogas

pra ou outra forma de quitação como cartão de crédito ou débito e não há crédito ou venda fiado. No Brasil o traficante não vende fiado para o usuário e aceita telefones celulares, bicicleta, carteira, joias roubadas ou outras formas de pagamento, inclusive venda a prazo. Mas, se o usuário não pagar o traficante não se acanha em matar seu devedor, é a lei da rua e isso faz crescer as estatísticas de violência de modo tão preocupante".

Os enfrentamentos de traficantes pelo domínio das regiões onde vendem suas drogas tem produzido a maioria desses assassinatos. Entretanto, a situação só tende a piorar se o uso de maconha for liberado, como pretendem os ministros do STF. "A pessoa que ainda tem algum pudor de consumir maconha hoje estará liberado para fazê-lo em qualquer lugar e o legal será somente a forma de adquirir essa droga".

As soluções para enfrentar esse problema são caras e caras, considera João Gorski. Ele se declara radicalmente contra o pensamento de liberação do uso de drogas como a maconha, mas considera ser necessário pensar sobre isto urgente-

mente. "Ou fechamos nossas fronteiras, o que é praticamente impossível, ou enfrentamos o problema com racionalidade".

**IMPUNIDADE**

Outra particularidade do Brasil com respeito a criminalidade como o uso de drogas e crimes contra a vida é o excesso de impunidade que já se disseminou. Um indivíduo é preso por roubo ou assalto a mão armada, ou mesmo porte de drogas para comércio, e em poucos dias está de volta às ruas,



Para o delegado, o problema da violência reside, em parte, nas drogas

curtindo liberdade com toda facilidade. A Polícia Militar, que combate o crime nas ruas ficam com a sensação de estarem enxugando gelo e jamais terão frutos com seus trabalhos.

"Em países desenvolvidos e com legislação mais dura, aliada a um forte sistema prisional que obriga o criminoso a cumprir sua pena integralmente em regime fechado, a criminalidade é menor. Ao passo que no Brasil a coisa está tão frouxa que um pequeno traficante sabe que em

poucos meses ele estará livre para continuar sua senda de crimes", fala o delegado. Isso é o resultado disso e a explosão dessa violência toda que permeia nossas cidades.

No Brasil as mortes violentas como homicídios são contadas em milhares, como já no caso de 54.000 ocorridas em 2014. Ao passo que no Uruguai, em 2010, já há uma abstinência média anual de 18 mil mortes, envolvendo homicídios, conflitos armados e atentados terroristas. Nas cidades brasileiras as mortes são por armas leves, como revólveres e

pinólas de pequenos calibres.

"Um homicida nos Estados Unidos sabe que ficará 30, 40 anos na cadeia ou até mesmo, prisão perpétua, até o fim de seus dias. Isso quando não é condenado à morte, como em alguns Estados. Aqui no Brasil a certeza da impunidade é a origem para muitos outros crimes, o que mostra a falência do sistema penal e penitenciário".

Rita. A frouxa legislação precisa também ser repensada com urgência para inibir a prática de crimes, finaliza.

### DEPOIS DE LIBERADOS, VOLTARAM A PRATICAR CRIMES, MESMO USANDO TORNOZELEIRA ELETRÔNICA



Paulo Willian Fernandes, João Marcos Caetano Oliveira, Alexandre Gonçalves de Deus, Luan Victor Neves

Figura 9

Fonte: Jornal Diário da Manhã

Dia 16 de setembro de 2015, a matéria policial *João Carlos Gorski: “A sociedade está perdendo a guerra contra as drogas”* discute a escalada da violência, em Goiânia, e avalia o “desastre” em descriminalizar o uso da maconha, a ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Aponta a expressão social da violência, ligada ao tráfico de drogas, quando o jornal, através do repórter Hélimton Prateado, aponta a crescente banalização da insegurança “em espiral” em função do comércio e uso de drogas. Cita mortes ocorridas, num total de 16 “em apenas um final de semana”, onde a “sociedade está perdendo a batalha contra as drogas”.

A matéria do jornal discute a ação do Supremo Tribunal Federal (STF) referente à descriminalização do porte e uso da *cannabis* que, segundo o delegado, na sua comercialização reside o “maior problema”.

A impunidade que leva o “indivíduo” a voltar às ruas “curtindo liberdade com toda facilidade” é eixo de discussão da matéria e, segundo o delegado, “o resultado disso é a explosão dessa violência toda que permeia nossas cidades”.

De acordo com a SENAD

o sistema atual, com a Lei 11.343/2006, estabeleceu, para o usuário de drogas, o correto afastamento de qualquer possibilidade de encarceramento”, direito negado pelo Estado que trata a questão enquanto problema de polícia e não de saúde, impossibilitado que é a gestão, no tocante a esta expressão social a qual denuncia a falta de aplicação das políticas inclusivas não “optando pela aplicação de medidas preventivas e com potencial restaurativo, como a advertência, a indicação de frequência a cursos educativos e prestação de serviços, com a atenção voltada à reinserção social do usuário (dependente ou não)” (2011, p. 40)

Citando 54 mil mortes já ocorridas, no ano de 2014, mais do que a média anual, de 18 mil mortes, em uma guerra como a do Iraque, o texto jornalístico fecha a entrevista ao citar que “a frouxa legislação precisa também ser repensada com urgência para inibir a prática de crimes”.

# "El Patrón"

De ladrão de túmulos a um dos homens mais ricos do mundo. Conheça a trajetória do narcotraficante Pablo Escobar, que mesmo morto há exatamente 23 anos, sua história ainda serve como fonte inesgotável para o mundo do entretenimento

**Rariana Pinheiro**  
Da editoria de DMRevista

Conseguir o primeiro milhão antes dos 22 anos de idade. Este sonho, comum em tantos jovens, era também um dos maiores desejos do narcotraficante colombiano Pablo Escobar. Mas, para alcançar tal objetivo, não mediu esforços e nem atitudes. Não importava se para isso era preciso derrubar um avião com 107 pessoas, explodir um prédio, subornar ou matar políticos, jornalistas e inimigos, ou ainda transformar a cocaína – antes pouco encontrada – em um problema de saúde pública nos Estados Unidos. Assim, na década de 1980, se tornou um dos maiores e mais ricos líderes do narcotráfico. Foi até apontado pela revista *Forbes* como o terceiro homem mais rico do mundo.

O "reinado" de Escobar acabou há exatamente 23 anos – e ele morreu um dia após seu aniversário. Como sua vida, a morte do traficante colombiano foi o assunto mais quente nos meses de buscas – ele havia fugido da prisão –, o colombiano

foi encontrado pelo grupo conhecido como Search Bloc (polícia especial da Colômbia, treinada pelos EUA). Encerrou em um telhado, morreu após ser baleado várias vezes.

**PLATA O PLOMO**  
No crime, Pablo Emilio Escobar Gaviria – seu nome original – que nasceu na cidade colombiana Rionegro, entrou cedo, mas de forma curiosa: roubava líquidos em cemitérios, regravava-os e depois os vendia. E logo começou a furtar veículos nas ruas de Medellín, sendo preso pela primeira vez no dia 25 de setembro de 1974, quando dirigia um veículo roubado vinte dias antes.

Da cadeia de Bellavista, escapou em 1975, ano que foi iniciado no tráfico de cocaína pelo seu primo Gustavo Gaviria. Como ele conseguiu se tornar tão poderoso e temido? Escobar possuía um plano para os negócios e o principal: a falta de escrupulosos necessários. Logo se tornou uma liderança dentro do grupo de traficantes.

Dizem que ele tinha uma estratégia bem convincente chamada "plata o plomo", que significa "dinheiro ou chumbo". Ele queria ser subornado, ou ele a executava friamente. Há histórias



que Escobar até mandava um carta para seu desafeto, lhe informando o dia do velório do inimigo em questão.

Políticos, jornalistas e juizes eram as suas vítimas favoritas. Ele foi o responsável pela morte de três candidatos a presidência da Colômbia, pela explosão do voo Avianca 203 e do prédio de segurança de Bogotá em 1989. Pode ser ainda que estava por trás de um acidente na Suprema Corte Colombiana em 1985, que resultou no assassinato de metade dos juizes.

Na cidade de Medellín, ele era um dos líderes do chamado Cartel de Medellín, uma rede de traficantes de drogas muito bem organizada. Além da própria Colômbia, transportava drogas para Bolívia, Peru, Honduras, Estados Unidos, Canadá e Europa.

O produto era levado por avião, navio e até subterrâneo. Estima-se que o cartel chegou a faturar cerca de 60 milhões de dólares por dia. Mas o grupo de Escobar tinha, claro, um rival: o conhecido Cartel do Cartel, com o qual o traficante guerreou praticamente até o final de sua vida.

**ROBIN HOOD?**  
Embora seja conhecido como um traficante e assassino implacável, com os pobres de

Medellín ele parecia agir como uma espécie de "Robin Hood". Escobar construiu estádios de futebol em periferias, dava casas para os mais necessitados e patrocinava times de futebol locais. Foi dono do tradicional clube colombiano Atlético Nacional, mas usava de ameaças e subornos para que seu clube ganhasse as partidas.

O traficante foi responsável ainda pela construção de um bairro inteiro conhecido como Medellín sin lujos (Medellín sem Pavadas). Suas ações benéficas eram também usadas para conseguir apoio popular. E isso ele alcançou até o fim de seus dias. A população pobre de Medellín compareceu em peso e lamentou sua morte. Em seu funeral estiveram presentes cerca de 25 mil pessoas.

**FIGURA POP**  
Dono de frases como: "Deus manda no céu e eu mando na Colômbia", "Dinheiro ou chumbo" e "Prefiro estar em um caixão na Colômbia do que em uma cela nos Estados Unidos", e com sua biografia relatada – resumidamente – acima, parece óbvio que a vida de Pablo Escobar seria um excelente material para o cinema. Confira abaixo algumas tramas que o "El Patrón" inspirou:



**NARCOS - 2015**  
Esta série com dez episódios estreou em setembro no Netflix sob o comando do brasileiro José Padilha e protagonizada por Wagner Moura. Conta a história verdadeira, da propagação da cocaína nos Estados Unidos e na Europa, graças à droga do Cartel de Medellín, liderado por Pablo Escobar. Dois agentes da DEA estão no comando de liderar uma missão para capturar e matar Escobar. Nas críticas sobre o filme, Moura convenceu como o traficante, com exceção da falta de domínio com a língua espanhola. Uma segunda temporada deve estreiar em 2016.

**ESCOBAR-PARAÍSO PERDIDO-2014**  
Com Benicio Del Toro vivendo Pablo Escobar, o longa se passa nos últimos dias do narcotraficante, porém com uma trama ficcional: o surfista canadense Nick (Josh Hutcherson) viaja para a Colômbia e se apaixona por Maria (Claudia Traisac), sobrinha do chefe do Cartel de Medellín.

**OS PECADOS DE MEU PAI-2009**  
É um documentário que conta a história de Juan Pablo Escobar, filho do narcotraficante. Após a morte do pai, ele precisou mudar o nome para Sebastián Marroquín e fugir para Buenos Aires. O filme mostra a relação de pai e filho e sua tentativa de tentar amenizar os males do passado – inclusive a produção mostra a busca de Juan para se reconciliar com as famílias de dois políticos mortos a mando do pai nos anos 1980.

**BLOW-2001**  
Após ser preso por distribuir maconha nos Estados Unidos, George Jung (Johnny Depp) muda de ramo e começa a importar a cocaína de Pablo Escobar (Cliff Curtis). Dirigido por Ted Demme, o longa conta ainda com Penélope Cruz no papel de Mirtha, esposa de George.

**PABLO ESCOBAR - EL PATRÓN DEL MAL 1993**  
Disponível na Netflix, esta série mostra a construção de Pablo Escobar, interpretado por Andrés Parra, desde a sua infância em Rionegro até a sua morte, em 1993. Baseada no livro *La parábola de Pablo*, do jornalista Alonso Salazar, e realizada pela Caracol TV, a atração é uma das maiores produções da televisão colombiana, sendo exibida para mais de 10 milhões de pessoas em 20 países.

Figura 10

Fonte: Jornal Diário da Manhã

O texto da reportagem *El Patrón*, publicada em 2 de dezembro de 2015, por Raiana Pinheiro, jornalista, relata a história do ladrão de túmulos que tornou-se em um dos homens mais ricos do mundo, o narcotraficante colombiano Pablo Escobar, especialista em traficar cocaína, morto em 1992.

Tema central da reportagem, a cocaína segundo a SENAD (2011) “uma substância extraída de uma planta nativa da América do Sul, popularmente conhecida como coca (*Erythroxylon coca*) (p. 74). Ilícita, a cocaína pode ser consumida na forma de pó (cloridrato de cocaína), aspirado ou dissolvido em água, e injetado na corrente sanguínea, ou na forma de uma base, o crack, que é fumado. A cocaína apresenta também propriedades de anestésico local que independem de sua atuação no cérebro. Essa era umas das indicações de uso médico da substância, hoje, abandonada” (SENAD, 2011, p 74).

A reportagem, de cunho cinematográfico, denota a um dos maiores traficantes do mundo e que juntou seu primeiro milhão de dólares, aos 22 anos, conceitos e verdades como “derrubar um avião com 107 pessoas, explodir um prédio, subornar ou matar políticos, jornalistas e inimigos, ou ainda transformar a cocaína – antes pouco encontrada – em um problema de saúde pública nos Estados Unidos”, quando a jornalista dá ênfase ao “reinado” de Escobar, apontado pela revista *Forbes* enquanto o terceiro homem mais rico do mundo.

O eufemismo da matéria jornalística dá ao mote do tráfico internacional de drogas o ar cênico e “glamoroso” da droga em si, da violência generalizada e dos assassinatos confessos sem discutir ou trazer insumo científico a respeito de suas consequências enquanto expressão social ligada à saúde mental. O faturamento, cerca de US\$ 60 milhões/dia, do cartel de Escobar é trazido à tona do jornalismo policial quando denuncia enquanto “vítimas favoritas” do colombiano, três candidatos à presidência daquele país.

Figura tornada pop e dono de frases como “Deus manda no céu e eu mando na Colômbia” e “Prefiro estar em um caixão na Colômbia do que em uma cela nos Estados Unidos”, a reportagem fecha o ângulo trazendo o entretenimento que *El Patrón* inspirou como os filmes internacionais *Marcos*, em 2015; *Escobar – Paraíso Perdido*, em 2014; *Os pecados de meu pai*, em 2009; *Blow*, em 2001 e *Pablo Escobar – El patrón del mar*, produzido em 1993.

## CONSIDERAÇÕES

*O ponto de discussão de toda esta questão estrutura-se, na mídia, enquanto 'problema para o Estado e fantasma da insegurança que assopra na janela mercadológica destinada à sociedade' (ANDI, 2003).*

Esta pesquisa abarca enquanto tema **Racionalidade formal-abstrata e irracionalismo: mídia impressa e drogadição, umas das expressões da questão social em Goiás** e a relação de conflito, tendenciosa, com a mídia mercadológica. Trata de desvelar as razões econômicas e políticas que constituem parte dessa problemática, por exemplo, a estrutura precária da sociedade contemporânea, consumista, violenta, que tudo banaliza e cujos valores, efêmeros, impulsionam e ampliam o jogo desigual engendrado pelo sistema capitalista globalizado. A realidade social, histórico-econômica engloba os mais diversos mercados relacionados às drogas legalizadas, ou, ainda na ilegalidade, influenciados pela flexibilização das relações dialéticas, consequência do capitalismo tardio que influi, sobremaneira, na vida da coletividade, segundo Marx “a classe dos-que-só-vivem-do-trabalho”.

A questão das drogas ou substâncias psicoativas (SPA), na concepção positivista, é reproduzida pelo senso comum como transgressão, desvio, disfunção à ordem vigente retratada por razões sociais, culturais, religiosas de viés moralista. A expressão social da violência, centrada nesta mercadoria, expõe a realidade escondida pelos escombros da Inquisição Moderna. Lá fora, ninguém da sociedade “perfeita e normal” ouve seus gritos.

Revolucionário, o ano de 1848 dá gênese ao rompimento da burguesia com suas promessas de progresso, a partir de então, tornada conservadora e que concentra seu poder para além da apropriação dos meios de produção e manipulação da força de trabalho explorada, transformando a práxis humana que se objetiva contra os próprios homens, ou seja, a reificação da cultura e seus valores deformados pelo irracionalismo, quando o mercado transforma-se na arena concorrencial sujeita às leis anárquicas do próprio sistema que torna as relações entre os homens fetichizadas na forma de ligação entre coisas, incluindo a vida social, inumana, que retrata mazelas da desigualdade socioeconômica camuflada na *falácia burguesa* da cidadania, capacidade de consumo da coletividade, realidade

objetiva onde que o fetiche concede autonomia e universalidade virtuais, ao trazer à borda da conjuntura o embate razão/desrazão o que exige a reflexão: os homens tornaram-se sujeitos do processo ou continuam reificados?

Com investigação documental nos anais do veículo de informação impressa, em Goiás, o jornal *Diário da Manhã*, mostramos ao longo da pesquisa, na sua diversidade teórica, ideológica e política uma análise desta relação de mercado antagônica e lucrativa. Como o assunto em pauta abrange o uso de drogas, ou a figura do usuário, torna-se de fundamental importância analisar o tratamento editorial dado pela imprensa brasileira e goiana, ao assunto, que se apresenta permeado por questões diversas ligadas à segurança, penalização, encarceramento, violência (*bullying*) e, por último, enquanto questão de saúde mental pública.

O fato de que as substâncias existem na sociedade como parte de uma complexa relação de fatores de ordem social, econômica, política e cultural deve permear o debate público, de forma a ampliá-lo na busca de caminhos e soluções, mais efetivo e justo. 'Caso de polícia' ou ainda 'problema moral' é como geralmente a questão das drogas é percebida pela sociedade e a grande imprensa. É preciso ir além da ótica punitiva, a qual tende para o reforço do preconceito moral diante do uso, do usuário ou do traficante destas mercadorias. Torna-se imprescindível para a imprensa - no quesito publicitário que gera lucros - abordar a questão das drogas. Raramente os textos extrapolam as histórias de vida desses usuários, as causas da violência, buscando suas determinações. Fragilizados, os conteúdos não esboçam uma contextualização, o que impossibilita a ampliação desse debate.

Esse tipo de postura, ainda hoje, predomina nas páginas impressas de jornais e revistas, que publicam temas abordados em suas matérias sem que haja preocupação com aquele que deve ser ouvido. Relega-se o romper das barreiras do preconceito moral, tomando o parâmetro da observação de cunho histórico e avaliação profícua do problema que abrange uma série de fatores externos como o tipo de substância, quantidade usada, características psicológicas e físicas da pessoa, conjuntura de vida e suas circunstâncias as quais remetem - com maior frequência - à dependência. Denuncia-se a falta de uma posição realista sobre essa questão que, estereotipada por visões românticas ou associadas à violência, tratadas pela demanda da proibição e repressão policialesca, nega o problema.

Centrado na coerção por vias legais, punitivas, o Estado deixa de lado a individualidade de cada um, a possibilidade de se optar livremente pelo estilo de vida

e as diferentes formas de prazer. A questão passa a ser de “segurança pública”, visão retrógrada - com foco na droga e não no sujeito, - tornando inimigos a substância e também o usuário, “pessoa ruim, violenta, destituída de valores éticos e morais”.

As drogas revelam-se enquanto tema atual, amplo e complexo, que exige maior contextualização histórica e social. Cerca de trinta e dois por cento (32%) dos textos da imprensa, estampam usuários como pessoas violentas. Vinte e cinco, vírgula cinco, por cento (25,5%), enquanto indivíduos com problemas de saúde. O assunto acaba tendo as páginas policiais como destino. O profissional da imprensa, além da escassez de fontes, tem a missão de informar uma sociedade amedrontada, caracterizada pela insegurança coletiva – estratégia mercadológica - da qual ele próprio faz parte e que, equivocadamente, publica e trata como a principal consequência apresentada pelo uso de drogas, ‘problema de saúde’, em cinquenta e três por cento (53%) dos textos. Já a violência praticada por parte dos usuários de drogas foi destacada em apenas dez, vírgula três, por cento (10,3%). Assim é que as disputas capitalistas e as manobras políticas da classe hegemônica põem o seu contrário: a resistência daqueles pela proibição, a qual, ao mesmo tempo em que gera a riqueza de outrem, influencia sobremaneira a criminalização da “pobreza”.

A perpetuação da repressão dos inimigos do sistema, por parte do Estado, como única maneira de lidar com a drogadição, seu comércio e consumo, denuncia a moral dos bons costumes, que tem na pena o controle social. A população consome então substâncias ainda mais nocivas à saúde, devido a sua alteração química. Proibida, foge aos alcances da atenção por parte da saúde pública.

No Brasil, hoje, a conduta dos usuários de drogas, ainda é, legalmente, comparada à dos traficantes. As penas seguem punindo a ‘comunistas e maconheiros’, os quais ‘representavam perigo’ a valores morais e políticos estabelecidos pelo regime militar. Sem reformas estruturais que promovam a igualdade, o Estado não apressa a causa sequer pune os barões da droga.

A luta por uma sociedade igualitária, esteja o ator social sob o efeito ou não de substâncias, passa, ouve e assiste aos dois lados da informação que a mídia revela, e, ao mesmo tempo, oculta: a drogadição como uma das expressões da *questão social*, gênese da dicotomia mídia e drogadição.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (org). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Nacional, 1978.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo. Geração Editorial, 2013.
- ANDER, Ezequiel. **El Trabajo Social como accion liberadora**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial-Librería ECRO S.R.L., 1976.
- ANDI, Unicef. **Equilíbrio Distante: tabaco, álcool e adolescência no jornalismo brasileiro**. V. 3. Brasil: Cortez Editora, 2003.
- BAGDIKIAN, Ben H. **O monopólio da mídia**. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.
- BASAGLIA, Franco. **A instituição negada**. São Paulo: Graal, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Psiquiatria Alternativa: Contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática - Conferências no Brasil**. 2. ed. São Paulo-SP. Editora Brasil Debates Ltda, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Psiquiátrica alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática**. São Paulo: Brasil Debates, 1979.
- BATISTA, Vera Malaguti. **O Tribunal de Drogas e o Tigre de Papel**. 2004; disponível em: <http://docslide.com.br/documents/o-tribunal-de-drogas.html>. Acesso: 21 set. 2015.
- BELÉM JÚNIOR, Lourival. **Relatório final da Supervisão Clínico-Institucional: Rede de Atenção Psicossocial de Álcool e Outras Drogas**. Goiânia: Coletivo Supervisão da Rede AD, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.
- BRASIL. **Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas**. Brasília, Presidência da República, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.
- \_\_\_\_\_. Código de Ética do/a Assistente Social. Lei 8.662/93 d regulamentação da profissão. – 9. Ed. Ver. E atual. – [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, 2011.
- BELÉM, Lourival Jr. **Política Nacional de Assistência Social, PNAS/2004**. Norma Operacional Básica-NOB/SUAS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília, 2005.
- BRITES & FORTI, **Direitos Humanos e Serviço Social: polêmicas, debates e embates**. Valéria Forti e Cristina M. Brites (orgs.). 3. Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

BRITO, Fausto Reynaldo Alves de. **Utopia e Paixão: a política do cotidiano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

CAMPOS, F. Itami. **Ciência Política**. Goiânia-GO: Editora Vieira, 2005

CARTER, Miranda. **Três Imperadores: três impérios e o caminho para a Primeira Guerra Mundial**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

CHASIN, J. In: **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo/SP. V. 1. Editora Grijalbo, 1977.

COELHO, Marilene. **Imediaticidade na prática profissional do assistente social**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2013.

COLAVITTI, Fernando. **A memória e o caos digital**. Publicado em 05/2002. Disponível em: <http://galileu.globo.com>. Acesso em 29 jul. 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CRUZ, Duarte & TROIAN, Déborah Domiceli de Oliveira; ARRUDA, Paulina do Carmo & LIMA, Sandra Mara de. **Prevenção ao Uso de Álcool e Outras Drogas no Ambiente de Trabalho. Conhecer para ajudar**. Florianópolis-SC: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

DAMATTA, Roberto (1936). **Explorações**. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1986.

D'ELIA FILHO, Orlando Zaccone. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas**. Rio de Janeiro: Reavan, 2007.

DUARTE, Paulina do Carmo A. Vieira e ANDRADE, Arthur Guerra. **Integração de Competências no desempenho da atividade judiciária com usuários e dependentes de drogas**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011.

DURKHEIM, E. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2005

EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. **Educação e Mundialização**. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Trabajo Social, Ideología y Método**. 3. ed. Buenos Aires/Argentina: Editorial Libreria ECRO S.R.L., 1976.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FERREIRA, Leillyane Morais Ferreira. **O Movimento Feminista em Goiânia sob a Ótica do Jornal O Popular**. Dissertação de mestrado/PUC Goiás, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FRIGOTTO, Gaudêncio. In: BRAZ, Marcelo (org). **Carlos Nelson Coutinho: e a renovação do marxismo no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FORMIGONI, Rogério Evandro. **A Última Pedra: vícios têm cura**. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalio. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura**. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1972.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Estudos latino-americanos, v. 12)

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **1822: como um homem sádico, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

\_\_\_\_\_. **1956 - 1889/; como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da República no Brasil**. São Paulo: Globo, 2013.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional**. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

HAMILTON, Gordon. **Teoria e prática do serviço social de casos**. Tradução de Marília Diniz Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

HART, Carl. **Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HARVEY, David. 1989. **Condição Pós-Moderna**. 10. ed. São Paulo:, 1992.

\_\_\_\_\_. David; MARICATO, Ermínia; ŽIŽEK, Slavoj, et. al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**, 2013.

HOBBSAWN, Eric J. (1917). **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão Técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. In Blackburn (org.), 1992:104, p. 68. Disponível em <<http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/is/article/viewFile/1331/1441>>.

\_\_\_\_\_. **A era das revoluções**, Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2007.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional/Marilda**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

JACINTO, Edmar. **Prosperidade em tempo de adversidade**. Goiânia: Ponto e Traço Ltda, 1993.

JESUS, Maria Gorete Marques de (coord.). **Prisão Provisória e Lei de Drogas: um estudo sobre os flagrantes de tráfico de drogas na cidade de São Paulo**. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência - USP, 2011. Disponível em: <http://www.nevusp.org/downloads/down254.pdf>. Acesso em 21 set. 2015.

KARAM, Maria Lúcia. Legislação Brasileira sobre Drogas: História Recente – A Criminalização da Diferença. In: ACSELRAD, Gilberta (org.). **Avessos do Prazer: drogas, aids e Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 20 ed. Rio de Janeiro/RJ, 1986

LIMA, Getúlio. **A Família contra as Drogas**. Goiânia: Editora Kelps, 2014.

LIMA, Rita de Cássia Cavalcante. **O Problema das Drogas no Brasil: Revisão Legislativa Nacional**. Libertas, V. 10, n. 1, p. 102-123. Juiz de Fora: Jan-jun/2010.

LOPES, Antônio César Martins. **Dependência química e sociedade**. Monografia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Goiânia, 2013

LOWY, Michael. **Método dialético e teoria política**. Trad. Reginaldo Di Piero. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LUKÁCS, Georg. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: **Ontologia Social, Formação e política**. Caderno n. 1, NEAM, PUC/SP. 1997, p. 8-64.

\_\_\_\_\_. "O marxismo ortodoxo". In Netto, J.P. (ORG). In: Lukács. **Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Cientistas Sociais, 1992.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor, reformas políticas, democratização e crises (1985-1990)**. São Paulo: Iameda; Goiânia: Funape, 2012.

MAGRI, Marco Sayão. **Os discursos da política de drogas brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

MAGUIÑA, Alejandrino. **Trabajo Social: Servicio o actividad productiva?**. San Isidro / Lima / Peru. Centro Latinoamericano de Trabajo Social (ALAETS), 1977

MARX, Karl. (1818-1883). **Liberdade de Imprensa**. Tradução de Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre/RS: L&PM, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Questão Judaica**. Centauro Editora.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos**. Karl Marx; seleção de textos de José Giannotti; traduções de José Carlos Bruni... [et al]. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. – (Os pensadores; 12)

MOTA, Ana Elizabete da. **O Feitiço da Ajuda: as determinações do serviço social na empresa**. 6. ed. São Paulo-SP: Cortez, 2010.

NIEL, Marcelo; DA SILVEIRA, Dartiu Xavier (organizadores). **Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde**. São Paulo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Trad.: Antonio Carlos Braga. 2. ed., v. 52. Col. Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo/SP. Editora Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Genealogia da Moral. Tradução**: Antonio Carlos Braga. V. 20. Col. Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo/SP. Editora Escala.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1993

\_\_\_\_\_. O Serviço Social e a tradição marxista. In: **Serviço Social & Sociedade**, ano X, n. 30, maio agosto/1989: Cortez Editora.

\_\_\_\_\_. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. In: **Serviço Social & Sociedade**, n 50, ano XVII, abril: Cortez, 1996.

ORIONTE, Ivana. **Crianças Invisíveis: Um estudo sobre o abandono e a institucionalização na infância**. Ivana Oriente. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

PEIXOTO, Joana. In: As apropriações da Internet pelos jovens e as práticas educativas na EJA. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin e SOUSA, Sônia M. Gomes. **Jovens, espaços de sociabilidade e processos de formação**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos; Goiânia: Editora PUC-Goiás: Cânone Editorial, 2010.

PEREIRA, Luiz. **Síntese do desenvolvimento do Capitalismo**, in Perspectivas do Capitalismo Moderno, Rio de Janeiro, Zahar, 1969. In: Sociologia II, Universidade católica de Goiás, 1977.

PEREIRA, Potyara A. P. **Necessidades humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERILLO, Luís Augusto. **Drogas: causas, efeitos e prevenção**. 5. Ed. Goiânia: talento, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 47. ed. São Paulo-SP: Editora Record, 1981.

REIS, Heloísa Esser dos. **Universidade Federal de Goiás: imagens e memórias (1960-1964)**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2010.

RETANA, Camilo. In: **Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica**, n. 134, v. LII, stiembre – diciembre, 2013.

RODRIGUES, Mavi. In: BRAZ, Marcelo (org). **Carlos Nelson Coutinho: e a renovação do marxismo no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico e repressão estatal no Brasil: um panorama do tráfico de drogas brasileiro**, 2003. Disponível em <http://www.neip.info/downloads/artigo2.pdf>. Acesso: 20 set. 2015.

SEMERANO, Giovanni. **Gramsci e a sociedade civil**. Petrópolis, Vozes, 1999.

SÉRIE Mídia e Mobilização Social. V. 3. **Equilíbrio Distante** – tabaco, álcool e adolescência no jornalismo brasileiro. São Paulo-SP, Cortez Editora.

SILVA, Athos Magno Costa e. **O Estado e o Campo no Brasil (1930-1964): revolução conservadora das elites e luta pela terra na retaguarda do País**. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.

SILVA, Edna. In: Perspectiva: **Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina**. Centro de Ciências da Educação. – v. 1, n. 1 (dez.1983). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1983.

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. **Serviço Social & Sociedade, revista quadrimestral de Serviço Social**. São Paulo-SP. Cortez Editora, n. 68, ano XXII, nov. 2001.

SPOSATI, Aldaíza de Oliveira. **Mapa da Exclusão/Inclusão Social na Cidade de São Paulo**. São Paulo-SP: Educ, 1996.

TEIXEIRA, Carmem Lucia (orgs.). In: As apropriações da Internet pelos jovens e as práticas educativas na EJA. In: **Jovens, espaços de sociabilidade e processos de formação**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos; Goiânia: Editora PUC-Goiás: Cãnone Editorial, 2010.

TEMPORALIS. **Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social**, 2ª ed., ano 2, n 3 (jan/jul.2001). Brasília: ABEPSS, Gráfica Odisséia, 2004 – 88 p.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

TIBA, Içami. **Juventude & Drogas: anjos caídos**. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

TOSCHES, Nick. **Hellfire: the Jerry Lee Lewis story**. Library of Congress Cataloging-in-Publications Data. p. em. Originally published/; New York: Delacorte Press, e 1982

UNESCO. **Políticas Públicas de/para/com Juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

VENTURA, Zuenir. **A Cidade Partida**. São Paulo, Editora Schwarcz Ltda, 1994.

VIANA, Maria José de Faria. **Assistência social no contexto do pluralismo de bem-estar: prevalência da proteção social plural ou mista, porém não pública.** Goiânia. Ed. da PUC Goiás, 2012.

VIEIRA, Evaldo. **Os direitos e a política social.** São Paulo-SP: Cortez, 2004.

VIVARTA, Veet. **Mídia & Drogas: O perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira.** Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância; Ministério da Saúde, 2005.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das letras, 2004

**- Sites e artigos acessados relacionados ao tema mídia e drogas**

<http://www.dm.com.br/opiniaio/2015/03/diario-da-manha-um-jornal-que-marcou-a-historia.html>

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/12439/8059>

<http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1206>, acesso em 16 de setembro de 2015/ às 20h

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento>, acesso em 17 de setembro de 2015/ 15h11.

<http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/descriminalizar-maconha-nao-e-o-suficiente-para-resolver-o-problema-das-drogas-no-brasil-46104/>

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/eita/pela-piada--homem-toma-35-viagras-de-uma-vez-e-tem-ere%C3%A7%C3%A3o-de-cinco-dias-135415107.html>

[https://www.yahoo.com/politics/christie-would-crack-down-on-legalized-marijuana-121023583856.html?from=FBPAGE&account=Yahoo%20News&campaign%20=Q2&post\\_id=190381658&Paid\\_support=No%20Paid%20Support&linkId=14783471&soc\\_src=mail&soc\\_trk=ma](https://www.yahoo.com/politics/christie-would-crack-down-on-legalized-marijuana-121023583856.html?from=FBPAGE&account=Yahoo%20News&campaign%20=Q2&post_id=190381658&Paid_support=No%20Paid%20Support&linkId=14783471&soc_src=mail&soc_trk=ma)

<http://digital.dm.com.br/#!/view?e=20150608&p=6>

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/rogerio-jordao/hora-de-descriminalizar-a-maconha-141551792.html>

<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2015/07/15/o-uso-das-pilulas-azuis-causa-dependencia-em-jovens-e-nao-leva-ao-orgasmo.htm>

<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/184160/STF-vota-a%C3%A7%C3%A3o-que-descriminaliza-consumo-de-drog>

[https://br.noticias.yahoo.com/fotos/contagem-regressiva-para-o-del%C3%ADrio-as-20-drogas-mais-perigosas-do-mundo-slideshow/1-hero%C3%ADna-photo-1442422300971.html;\\_ylt=Av8yQCTAIK.8WzrYVVflzSYHs8B;\\_ylu=X3oDMTNrdHJuMXBqBHBrZwMzNDA4MTE0MC01YzgzLTExZTUtYmZkNi01ZWlZWNiNTdhNDcEc2VjA01lZGIhQ2Fyb3VzZWxQaG90b0dhbGxlcmlDQVhIUgR2ZXlDMzRhZGVIMzEtNWM5My0xMWU1LWJiZWEtZTQ2NWM1YWUzZTk2;\\_ylg=X3oDMTBhaHEwNHNTBGxhbmcDcHQtQlI-;\\_ylv=3](https://br.noticias.yahoo.com/fotos/contagem-regressiva-para-o-del%C3%ADrio-as-20-drogas-mais-perigosas-do-mundo-slideshow/1-hero%C3%ADna-photo-1442422300971.html;_ylt=Av8yQCTAIK.8WzrYVVflzSYHs8B;_ylu=X3oDMTNrdHJuMXBqBHBrZwMzNDA4MTE0MC01YzgzLTExZTUtYmZkNi01ZWlZWNiNTdhNDcEc2VjA01lZGIhQ2Fyb3VzZWxQaG90b0dhbGxlcmlDQVhIUgR2ZXlDMzRhZGVIMzEtNWM5My0xMWU1LWJiZWEtZTQ2NWM1YWUzZTk2;_ylg=X3oDMTBhaHEwNHNTBGxhbmcDcHQtQlI-;_ylv=3)

<http://br.noticias.yahoo.com/documento-yahoo----negociando-com-trafficantes-de-crack-032254667.html>

<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,juiz-julga-inconstitucional-proibicao-da-maconha-e-absolve-trafficante,1124376,0.htm>

<https://br.noticias.yahoo.com/adolescentes-fumam-maconha-est%C3%A3o-expostos-ao-fracasso-escolar-163534429.html>

<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/mendigata-de-niteroi-internada-em-clinica-de-reabilitacao-em-sao-paulo-14339766>

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/rogerio-jordao/hora-de-descriminalizar-a-maconha-141551792.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriouvivier/2015/09/1681276-mundo-brasil-rio-casa.shtml>

<http://digital.dm.com.br/#!/view?e=20150608&p=6>

<http://finance.yahoo.com/news/why-a-prescription-drug-costs--100-000-143041649.html>

<http://www.dm.com.br/cotidiano/2015/10/uma-opcao-para-os-ex-gangsters-de-um-pais-tomado-pela-violencia.html>

<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/o-transgressor/devemos-temer-o-capitalismo-e-nao-os-robos-segundo-stephen-hawking/>

<http://www.bbc.com/news/uk-34571609>

[http://abraceesperanca.com.br/2015/10/mae-requer-da-justica-autorizacao-de-cultivo-medicinal/?utm\\_source=facebook.com&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=Postcron.com](http://abraceesperanca.com.br/2015/10/mae-requer-da-justica-autorizacao-de-cultivo-medicinal/?utm_source=facebook.com&utm_medium=social&utm_campaign=Postcron.com)

<http://awebic.com/cultura/guerra-as-drogas-explicada-historia-em-quadrinhos/>

<https://br.celebridades.yahoo.com/post/131745697830/foto-postada-por-luciano-huck-tem-cigarro-que>

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/10/por-que-joana-negra-e-pobre-nao-teve-a-mesma-sorte-de-juliana.html>

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/10/23/policia-descobre-tunel-do-traffic-de-quase-1-km-entre-mexico-e-eua.htm>

<http://www.tjgo.jus.br/index.php/home/imprensa/noticias/119-tribunal/11159-camara-de-saude-considera-que-o-uso-de-fosfoetanolamina-nao-e-seguro>

[http://www.brasilpost.com.br/2015/10/11/fosfoetanolamina-liberada\\_n\\_8277106.html](http://www.brasilpost.com.br/2015/10/11/fosfoetanolamina-liberada_n_8277106.html)

# ANEXOS

## Anexo 1

### ARTIGO 01

#### **AGUDIZAÇÃO DA QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL: A Comunicação do Conjunto CFESS-CRESS com a categoria**

(Sábado, 5 de setembro de 2015)

<http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1206>

*A formação política e técnica de assistentes sociais e profissionais de comunicação, que estão nos conselhos defendendo a bandeira do direito à comunicação, remete à fala e articulação, nem sempre harmoniosa, entre política e técnica nas produções no âmbito da comunicação fundamental para o diálogo com a categoria incluindo a sociedade”.*

Especialmente para as comissões e assessorias de comunicação dos CRESS e CFESS com o caráter de *formação política e técnica de assistentes sociais e profissionais de comunicação*. Nos últimos anos, o CFESS e os CRESS entendem que o campo é um *meio importante para a defesa dos princípios que fazem parte do Código de Ética da categoria, como a democracia, a liberdade, os direitos humanos, a cidadania, o pluralismo, entre outros*.

Em tempos de *manifestações da direita que pedem, inclusive, intervenção militar, e que recebem visibilidade da mídia, é urgente discutir os meios de produção da notícia*. Enquanto nossos países vizinhos da América Latina têm buscado enfrentar os oligopólios da mídia, o Brasil caminha a passos lentos”, para que o Brasil avance minimamente no campo da democratização da comunicação.

Acabar com o arrendamento das mídias (venda de espaços publicitários em emissoras de Rádio e TV, que são públicas) e com a posse de meios de comunicação por políticos, regulamentar as rádios comunitárias e evitar a privatização da internet são alguns deles. A mídia é controlada por grupos familiares que formam oligopólios onde a produção de informação e publicidade se misturam. Os meios de comunicação se tornam atores potentes e agigantados para reprodução do sistema capitalista.

Modelos de desenvolvimento de comunicação tais como o europeu, estadunidense e brasileiro, criticando este último pela preponderância da atividade comercial, pela concentração dos meios, pela relação simbiótica entre radiodifusão e publicidade e pelas relações patrimonialistas e clientelistas na distribuição das concessões públicas destoam o papel político-informativo que possui a comunicação referente à sua função estratégica no fortalecimento dos usuários dos serviços e políticas sociais, na disputa pela função e imagem social do Serviço Social e na construção da democratização da comunicação com vistas à transformação das relações sociais.

*O Serviço Social brasileiro entende a comunicação como um direito que deve estar a serviço da sociedade e não das classes dominantes, que tão somente visam ao lucro e à reprodução dos seus interesses. A comunicação, ainda em construção, tem ganhando cada vez mais espaço e relevância na pauta do Serviço Social no País. E isto pode ser medido pelo aumento do investimento na área, com a contratação de mais profissionais de comunicação nos regionais e no CFESS, na quantidade de instrumentos de comunicação (jornais, sites, páginas em redes sociais e aplicativos para celulares) e devido ainda à frequência de debates sobre Comunicação e Serviço Social a níveis nacional e regionais sobre as distintas realidades financeiras que dificultam uma produção mínima neste âmbito.*

*Nem todos os CRESS possuem Comissão de Comunicação, essencial para o planejamento e coordenação de ações na área para estabelecer diretrizes, princípios e posicionamentos éticos e políticos no processo de planejamento, produção e divulgação da informação pelo conjunto CFESS-CRESS juntamente com a comissão e assessoria do CFESS e representações das cinco regiões na defesa da democratização da comunicação no Brasil. É imprescindível o uso de uma linguagem não discriminatória nas produções dos CRESS e CFESS, a questão da acessibilidade das produções e, inclusive, indicações para o cumprimento da Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011).*

*Estratégias de relacionamento com as mídias, comercial e alternativa, são outro ponto levantado além da necessidade de se pensar como a Política de Comunicação pode ser implementada nacionalmente, dada as diversidades e dificuldades apontadas pelos regionais relativo à formação em comunicação de assistentes sociais que estão nos Conselhos. Produzir e ajudar a criar veículos de comunicação são algumas contribuições que profissionais de comunicação podem e têm dado aos regionais no sentido de garantir uma comunicação efetiva no fortalecimento da categoria e na defesa dos direitos humanos.*

O principal desafio, hoje, é fortalecer as iniciativas para a implementação efetiva da nova Política de Comunicação.

## Anexo 2

### ARTIGO 02

#### Uma análise da *questão social* tomando a expressão **Mídia & Drogas** enquanto tema e referencial bibliográfico

#### **Drogas: proibição, criminalização da pobreza e mídia**

#### **Fernandes (1) & Fuzinato (2)**

O uso de substâncias psicoativas acompanha a humanidade. Não são todas estas substâncias que alteram o estado de consciência dos homens. A judicialização do uso de substâncias – divididas entre drogas lícitas e ilícitas, surge a partir do século XX.

O tabaco e álcool, aceitos e comercializados enquanto mercadoria que gera lucro, são consideradas substâncias legais ou lícitas e outras como a maconha, o ópio, a cocaína e anfetaminas ou ainda a dietilamida de ácido lisérgico (LSD) passam a ser caso de polícia e tiveram o consumo proibido já na condição de drogas ilícitas para uso público.

As disputas econômicas capitalistas e manobra política das classes sociais minoritárias, no início dos anos 1900, inserem o proibicionismo enquanto movimento de controle social. Esta proibição se dá - por mais de 100 anos - e influencia sobremaneira na criminalização da pobreza.

A função social da mídia na veiculação de notícias, referentes ao comércio dessas substâncias, atua também na criação dos inimigos do sistema, na proliferação da insegurança coletiva enquanto estratégia mercadológica e contribui, de modo singular, na perpetuação da repressão por parte do Estado como 'única maneira de lidar com o comércio e consumo destas drogas, substâncias ou mercadorias.

Registros do uso de drogas são datados de oito mil anos atrás, quando o ópio era utilizado por habitantes do Mediterrâneo e na região do Egito, e ainda no Império Romano, enquanto ingredientes de remédios e sedativos:

“A *Bíblia*, livro do Cristianismo, registra o consumo de álcool cerca de dois mil anos atrás. Durante a Idade Média 'o uso de plantas, hoje proibidas, era comum. Um exemplo é a imensa quantidade de cânhamo de cannabis que era usada durante a época das navegações. Cada navio usava cerca de 100 toneladas apenas para velas e cordas'(MAGRI, 2007, p.3).

(1) Vagner Ribeiro Fernandes acadêmico do Curso de Serviço Social;

(2) Aline Mattos Fuzinato bacharel em Serviço Social (UFP), residente Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da UFSM-RS

Foi nos séculos XVIII e XIX que as drogas psicoativas passaram a ser usadas com maior frequência nos tratamentos médicos. As disputas econômicas sempre permearam os posicionamentos políticos em relação à questão das drogas.

A ascensão do capitalismo, sua proibição moral americana, a partir dos anos 1900, e as primeiras guerras relacionadas às substâncias como a guerra do ópio, em 1839, quando:

“O imperador chinês Lin Tso-Siu decidiu, provavelmente em nome da saúde pública chinesa, apreender e destruir um carregamento de 1.360 toneladas de ópio, que resultou na primeira declaração de guerra da Inglaterra à China, sob o fundamento do ‘livre comércio’. A rainha da Inglaterra considerou uma ‘injustiça’ contra seus súditos e o Parlamento inglês autorizou o envio de tropas para obter ‘reparações’, culminando com a guerra, vencida pela Inglaterra, que obtém, além de uma indenização, a cessão de Hong-Kong, para ali instalar base naval e comercial” (D’ELIA FILHO, 2007, p.78).

A segunda guerra causada pela disputa pela substância ópio, deu-se em 1857 e, novamente, envolveu um barco inglês, quando a França, neste episódio histórico, apoiava a Inglaterra, que venceu, novamente, e impôs o comércio para a China, colocando um ponto final na exportação de ópio, da Inglaterra para aquele país, somente em 1917.

Para entender esta guerra e proibição às drogas, necessário se faz ir à sua gênese, a qual tem fundamentos econômicos e políticos, os quais sobrepõem-se aos da saúde. Uma análise crítica e histórica, retirada da sombra moral puritana americana e criminosa, além de estereótipos médicos, leva à seguinte análise histórica:

Com a invenção da agulha hipodérmica e a descoberta da heroína (1874), médicos receitavam ópio como analgésico e usavam a heroína como relaxante muscular. Em 1860, descobriram a cocaína, que era indicada para tudo, de desânimo a pós-operatório. A indústria farmacêutica ajudou a popularizar o produto, mas seus efeitos nocivos logo foram descobertos. Outras drogas menos nocivas também foram descobertas e, a partir de 1890, o mercado médico da cocaína declinou rapidamente (MAGRI, 2007. P. 4).

A primeira proibição das drogas deu-se em 1909, enquanto restrição à livre produção, venda e consumo de drogas estimulantes como a cocaína, narcóticos, opiáceos (ópio, morfina, heroína) proibindo ainda o uso do ópio fumando. A Comissão de Xangai era a responsável por este controle que, no entanto, não lidava com a questão da migração de chineses aos Estados Unidos, fenômeno social com efeito imediato no consumo e costume do ópio enquanto substância fumada, - além de outra mazela social -, a da concorrência com os americanos no mercado de trabalho.

Convocada a Comissão de Haia, com o objetivo de tipificar os acordos propostos, parte da economia inglesa - que vinha das exportações de ópio - passa a ser freada pelo poder capitalista moderno dos Estados Unidos, país hegemônico e contemporâneo que propôs ‘um acordo internacional o qual se destinava a salvar os chineses do vício.

Prejudicada, a Inglaterra condicionou:

Sua participação na Convenção de Haia à inclusão de outras substâncias no temário do evento, tais como os derivados do ópio e a própria cocaína, fazendo com que o ônus econômico da proibição recaísse também sobre outros países, a exemplo da Alemanha, Holanda e França, que comercializavam a cocaína através da emergente indústria terapêutica (D'ÉLIA FILHO, 2007, p. 80).

Umbilicalmente ligada à moral dos bons costumes, nos Estados Unidos a questão do proibicionismo inicia-se por interesses puramente econômicos, competição que depois tornou-se prioridade política da principal economia mundial. Os grupos protestantes, moralistas, seguram esta bandeira, uma forma de controle social das minorias étnicas residentes naquele país:

As associações puritanas que conclamavam, ainda no século XIX, pela proibição do álcool e do ópio, traçavam uma linha direta entre essas substâncias e comunidades imigrantes, respectivamente, irlandeses e chineses. De maneira análoga, mexicanos eram vistos como inveterados consumidores de maconha e os negros como perigosos usuários de cocaína (RODRIGUES, 2003, p. 2-3).

Mascarado na justificativa judicializada de combate ao tráfico, o controle social de classes minoritárias, as quais traziam desde as raízes das suas histórias de vida o consumo destas substâncias enquanto elemento cultural. Em 1919, os Estados Unidos aprovaram a Lei Seca, a qual proibia a produção, a importação ou exportação e ainda o seu consumo das bebidas alcoólicas.

Deste fato histórico originam-se as primeiras grandes redes de traficantes e organizações que se dedicaram ao mercado ilícito, com destaque social para o fato histórico de que com “a formação da Máfia, a taxa de homicídios foi altíssima e a corrupção tomou conta da polícia. O fato que derrubou a lei foi econômico, a Depressão de 1929-30 fez com que o governo repensasse a quantidade de impostos que o álcool arrecadava, cerca de 32% da arrecadação federal” (MAGRI, 2007, p.5)

A proibição expôs a população ao consumo de bebidas ainda mais nocivas à saúde, devido sua alteração química. Proibida, fugia aos alcances do controle por parte da saúde pública. O lucro que girava em torno do álcool foi responsável pela superação da crise de 1929, responsável pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, e a revogação da Lei Seca deu-se, a partir de 1933, quando a crise influenciou diretamente na extinção da lei e legalização do álcool, uma tentativa de minimizar os efeitos negativos da proibição e criminalização do álcool, o que gerou outra mazela social bastante importante:

O impulso econômico para a criminalização da maconha, que era usada, naquela época, de forma muito restrita pela população dos EUA, mas que tinha grande aceitação e consumo junto aos mexicanos que, a partir da quebra da Bolsa de Valores norte-americana, passou a ser mão de obra competitiva, não desejada em razão da crise econômica (D'ELLA FILHO, 2007, p. 84).

A repressão ao tráfico de drogas, a partir da adoção do modelo americano proibicionista é instituída aos países participantes na Conferência de Genebra, em 1936.

No decorrer dos anos 1940 ate 1950, a geopolítica das drogas se aprofunda:

Os países industrializados, de ponta, exigem maior rigidez no controle de opiáceos, maconha, cocaína, produzidos pelos países menos desenvolvidos enquanto as substâncias sintéticas, produzidas nas indústrias farmacêuticas dos EUA e Europa (barbitúricos e anfetaminas) sofrem pouca regulamentação (D'ÉLIA FILHO, 2007, p.85).

Nos anos 1960, é instituído o modelo médico-sanitário o qual define o usuário de drogas enquanto dependente químico e o traficante como criminoso. Já em 1972, Richard Nixon, presidente dos Estados Unidos, declara 'guerra às drogas'.

O fato, histórico, influencia a abordagem desta temática na qual o controle mundial de psicoativos contava com um patamar de alta regulamentação, assegurado em seu documento maior, ou seja, a Convenção Única da ONU sobre Psicotrópicos, instituída em 1961, quando os países latino-americanos, incluindo o Brasil, passaram a tratar a "questão das drogas com um problema de segurança nacional" (D'ELLIA FILHO, 2007, p. 92).

Durante a ditadura militar, a conduta dos usuários de drogas era legalmente comparada à dos traficantes – inclusive as penas – destinadas a traficantes, comunistas, maconheiros, os quais representavam perigo a valores morais e políticos estabelecidos pelo regime militar.

O Estado mínimo, não intervencionista na ordem econômica, estabelecido pela ascensão do neoliberalismo, reveste-se no controle social da crescente massa de 'excluídos'. O individualismo emergente no bojo da sociedade de consumo, a substituição de valores como família e emprego e o imediatismo da autorrealização das expectativas materiais pauta, a partir de então, o sistema das relações sociais efêmeras, banalizadas e pós-modernizadas.

É nesse contexto que se trava a guerra às drogas que criminaliza a pobreza:

A concentração da repressão penal na última ponta do comércio de substâncias entorpecentes, ou seja, naquele setor mais débil, incapaz de reagir aos comandos de prisão, é uma realidade. [...] Hoje, a grande maioria dos presos por tráfico de drogas é formada pelos chamados 'aviões', 'esticas', 'mulas', verdadeiros 'sacoleiros' das drogas, detidos com uma 'carga' de substância proibida, através da qual visam obter lucros insignificantes em relação à totalidade do negócio (D'ELIA FILHO, 2007, p. 116-117).

A proibição de qualquer substância que contenha demanda na sociedade origina um mercado ilegal. O proibicionismo nada mais é que a porta de entrada para o mercado ilegal, a criminalização da pobreza e a exacerbação da violência conjuntural permeada pelo sistema capitalista e a necessidade de consumo que este fomenta, o que reflete no processo dialético da sociedade dividida "de um lado, jovens policiais na luta para se manterem no nível mínimo de consumo [...]; do outro, grupos de jovens excluídos do mercado de consumo que, armados, lutam entre si e

contra a polícia para se estabelecerem como ‘empresários’ no mercado ilícito das drogas” (D’ÉLIA FILHO, 2007, p.110).

Esta realidade é exposta na análise de 667 Autos de Prisão em Flagrante, realizada na cidade de São Paulo (SP), em 2011, pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo que denuncia a criminalização da pobreza no País. Nas situações de flagrantes, 82% destes deram-se em via pública; 62% em patrulhamento da Polícia Militar (PM) e 69% destes resultaram na prisão de uma pessoa. A média destas apreensões, medida em quantidade de 66,5 gramas de drogas. Com relação a alguns dados resultados da aplicação da Lei de Drogas no Brasil, de número 11.343, promulgada em 23 de agosto de 2006, em 2011:

O sistema penitenciário brasileiro contava com 47.472 pessoas presas por tráfico no País. Já em 2010, registrou-se 106.491 presos pelo mesmo motivo, número 124% maior. Em São Paulo o cenário não é muito diferente. Em 2006, havia 17.668 presos por tráfico de drogas, enquanto, em 2010, este número saltou para 42.849, referencial 142% superior a 2006. Em geral, a população carcerária no Brasil tem crescido em um ritmo vertiginoso nos últimos anos e o tráfico está relacionado a este fenômeno. Atualmente o Brasil apresenta a quarta maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, Rússia e China, segundo dados da *Internacional Bar Association* (2010) (JESUS, 2011, p. 7).

Neste universo demográfico e urbano, retrato da mazela social relacionada ao êxodo rural, os gráficos apontam que a atuação ostensiva da Polícia Militar (PM) é responsável por 87% das apreensões relativas ao ‘tráfico varejista’, ou seja, o pequeno traficante - que comercializa as drogas -, nas ruas, é quem acaba por ser preso. São em sua grande maioria jovens na faixa etária de 18 a 29 anos de idade (75,6%) e 54% deles têm entre 18 e 24 anos. Com referência à escolaridade, 61% completou o ensino fundamental seguidos de 19% os quais não terminaram ainda.

São atores sociais jovens e de baixa escolaridade, o que reforça a realidade famigerada do sistema capitalista que tem nestes ‘aviões’ do grande tráfico “as principais vítimas dos efeitos perversos da exclusão globalizada: a juventude pobre de nossas cidades recrutada pelo mercado ilegal e pela falta de oportunidades imposta pelo atual modelo econômico” (BATISTA, 2004, p. 4).

Palavras-chave:

Drogas, proibição, criminalização da pobreza e mídia;

### **Anexo 3**

## **REPORTAGENS PUBLICADAS EM REVISTAS E JORNAIS ENTRE 2013 E 2015**



# POLITIZANDO

ANO 1 - 1ª ED. ABRIL DE 2009

BOLETIM DO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM POLÍTICA SOCIAL (NEPPDS/CEAM/UNB)



## **POLÍTICAS SOCIAIS:**

### **FOCALIZAÇÃO X UNIVERSALIZAÇÃO**

**Entrevista com a Profª. Potyara A. P. Pereira**

#### **E MAIS:**

**Vicente Faleiros** *Alternativas ao Neoliberalismo* • **Espaço do Aluno** *resumos de Teses, Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos recentemente* •

Bibliografias Comentadas • Eventos • Sugestão de Filmes

# A vilã dos descuidados

Diabetes é uma das cinco doenças que mais matam. Especialistas alertam para a importância do diagnóstico precoce

**Rafaela Toledo**

Da editoria de **CIDADES**

As estatísticas de incidência da diabetes continuam alarmantes. Nos últimos anos, as classes menos favorecidas tiveram uma considerável melhoria no acesso ao consumo, fator não associado à educação. Aumenta o poder-de-compra do cidadão, mas ele não é orientado a praticar dietas nutritivas. O resultado é uma população que come mais e não necessariamente melhor, e, consequentemente, eleva os índices de obesidade e diabetes. A doença afeta 382 milhões de pessoas em todo o mundo em 2013 e a estimativa é que, até 2035, este número aumente para 592 milhões de pessoas, segundo dados da Federação Internacional de Diabetes (IDF).

insulina e faço check-ups trimestrais com o endocrinologista, para medir o nível de açúcar no sangue. Além disso, executo também a medição diária da glicemia. De três a quatro vezes, por dia, no mínimo. Em momentos de crise, cheguei a medir 11 vezes num só dia", comenta.

A entrevistada conta que, além dessas peculiaridades da vida do diabético, ele precisa conviver com a eminência de uma crise hipoglicêmica, quando o organismo fica descompensado por falta de açúcar e a pessoa pode chegar até a obito, se não receber uma dose do componente imediatamente. "É muito difícil controlar. Qualquer alteração emocional ou fisiológica interfere na qualidade de vida do diabético. Eu contrei uma gripe no princípio, achei que ia morrer, a gente fica muito fraca e causada o tempo todo. Você tem que fortalecer o



CRISTOVÃO MATOS

03-12-2013

GOVERNO

# Investimento de R\$ 9 milhões no enfrentamento às drogas



Marconi Perillo pontuou a necessidade de adequação da documentação das entidades para receberem auxílio financeiro do governo

Centros (Quirinópolis, Goiânia, Caidas Novas e Morrinhos) estão em fase de terraplanagem. Essas construções são orçadas em R\$ 21 milhões. Esses espaços terão 86 vagas de internação e também realizarão procedimentos ambulatoriais.

### A DEMANDA

A presidenta do Geed, Ivânia Fernandes, ressaltou que essas ações serão divisores de águas na vida desses dependentes, seus familiares e a sociedade. "Hoje a preocupação do governo do Estado é buscar atender a demanda de pessoas que procuram o tratamento e infelizmente não têm oportunidade", expôs. Ela esclareceu que o custo das vagas ocorrerá durante todo o tratamento. O Geed tem feito um trabalho junto às comunidades terapêuticas. Hoje 135 já foram visitadas pelo Grupo.

ser úteis a si próprias e à sociedade", pontuou Perillo. Ele completou que "o que nós estamos fazendo aqui, hoje, é o início de uma ação concreta de apoio à internação e ressocialização dos dependentes químicos, especialmente de drogas mais pesadas.

Além dos recursos para o custo de vagas, também foi lançado edital para investimento em projetos de comunidades terapêuticas visando a profissionalização e reinserção social do dependente. Serão repassados R\$ 250 mil para essa área. Outro edital lançado é para destinação de recursos a projetos arquitetônicos de adequação física e estrutural de comunidades para ampliação de vagas. Serão investidos R\$ 1 milhão.

Marconi afirmou que é necessário que mais entidades adequem sua documentação para que também possam receber auxílio financeiro do governo. O presidente da Associação de Comunidades Terapêuticas, Karlyle de Oliveira, afirmou que essas medidas contemplam o sonho das entidades.

### OS CREDECS

O governador informou ainda que tem acompanhado de perto a construção dos Centros de Referência e Excelência em Dependência Química (Credeqs), que serão oficinas de recuperação. Ele estima que a unidade de Aparecida de Goiânia estará em funcionamento em meados de maio ou junho do ano que vem. As obras dos demais

O governo de Goiás está investindo R\$ 9 milhões em programas de recuperação e prevenção às drogas. Cerca de 2,2 milhões de pessoas serão beneficiadas diretamente com esses projetos. Entre os recursos estão R\$ 1,050 milhão em treques, ontem, dia 2, pelo governador Marconi Perillo a 21 comunidades terapêuticas (cada uma recebeu R\$ 50 mil). Foi lançado também o edital para custeio de 700 vagas em entidades de recuperação de dependentes químicos, cujo total do investimento será de R\$ 5 milhões. O chefe do Executivo assinou ainda decreto criando o Centro Estadual de Avaliação Terapêutica Alcool e outras Drogas (Ceat-AD). A sede foi no Auditório Mauro Borges, no Palácio Pedro Ludovico Teixeira, em Goiânia.

Essas ações são ligadas ao Grupo Executivo de Enfrentamento às Drogas (Geed) e incluso no Programa de Ação Integrada de Desenvolvimento (PAI Social), vinculado à Secretaria de Gestão e Planejamento (Segplan). O governador destacou que esse trabalho começa com a prevenção nas escolas, passa pela repressão ao tráfico de entorpecentes com a criação do Comando de Operações de Divisas (COD), pela recuperação dos dependentes e com a reinserção social.

"Queremos ser cada vez mais um instrumento eficiente na recuperação e no resgate dessas pessoas, que são pessoas que podem muito bem



Presidente do Geed, Ivânia Fernandes ressaltou que o custo das vagas ocorrerá durante todo o tratamento

com a sociedade civil organizada, que vem trabalhando com afinco na questão do enfrentamento às drogas há muito tempo", argumentou o secretário de Gestão e Planejamento, Giuseppe Vecchi.

Outra importante ação no combate às drogas e resgate dos dependentes é a criação do Centro Estadual de Avaliação Terapêutica Alcool e outras Drogas (Ceat-AD), que será instalado, no Setor Sul, em Goiânia. A previsão é que ele seja inaugurado no próximo dia 15 de janeiro. Esse espaço poderá fazer a triagem dos pacientes e o completo acompanhamento.



## Drogas avançam no campo

*Salário por produção e fadiga do trabalhador são apontados pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) em Goiás como causas determinantes para o uso de entorpecentes na zona rural*

Problema que avança indiscriminadamente nos grandes centros, o uso de entorpecentes encontrou solo fértil também no meio rural. Embora seja um tema ainda cercado de tabus, os depoimentos de quem vive o dia a dia no campo revelam que o uso de drogas dissemina-se também entre trabalhadores rurais, assim como em outras categorias. Os prejuízos são notáveis, especialmente para a saúde de homens e mulheres no auge da capacidade produtiva que, muitas vezes, dependendo

da substância usada, podem ter o resto da vida comprometido. Eles se revelam, ainda, em internações, conflitos e são potencializados pela falta de assistência médica adequada. Em Goiás, não há leitos do Sistema Único de Saúde (SUS) para dependentes químicos. As vagas que existem são psiquiátricas.

Não há em Goiás pesquisa científica ou estudo que dimensione o quadro, mas há uma situação constatada por autoridades e patrões. Encarregado, entre outras atribui-

ções, de investigações sobre a saúde mental dos trabalhadores, o Ministério Público do Trabalho (MPT) em Goiás já identificou muitos casos e até apontou as principais causas determinantes: salário por produção e fadiga do trabalhador rural. "São trabalhadores que acordam às 3 horas para preparar a comida, têm de pegar ônibus de madrugada e, muitas vezes, viajam quase duas horas para ir e duas para voltar. Na lavoura, principalmente nos canaviais, é ele com

# Efeitos da dose fatal

Consumo de álcool em excesso leva ao coma alcoólico. Se o corpo não conseguir se recuperar do coma, pode haver parada respiratória e, por fim, a morte

**Elpides Carvalho**

**O** caso do estudante de Engenharia Elétrica Humberto Moura Fonseca, 23, que morreu após ingerir 30 doses de vodca, reforça o alerta do que acontece quando a pessoa bebe álcool em excesso. O jovem participava de uma festa universitária "open bar", com distribuição gratuita de bebidas, na tarde do último sábado, em Bauni, a 329 quilômetros de São Paulo. Especialistas explicam que o organismo tem uma capacidade limitada de metabolizar essa substância. Quando esse limite é ultrapassado, as funções vitais do corpo são comprometidas.

O assunto também abre outro precedente sobre o abuso do álcool por adolescentes. O consumo evidencia cada dia mais a necessidade de uma ação conjunta entre pais e escola para conscientizar os jovens do perigo dessa droga lícita.

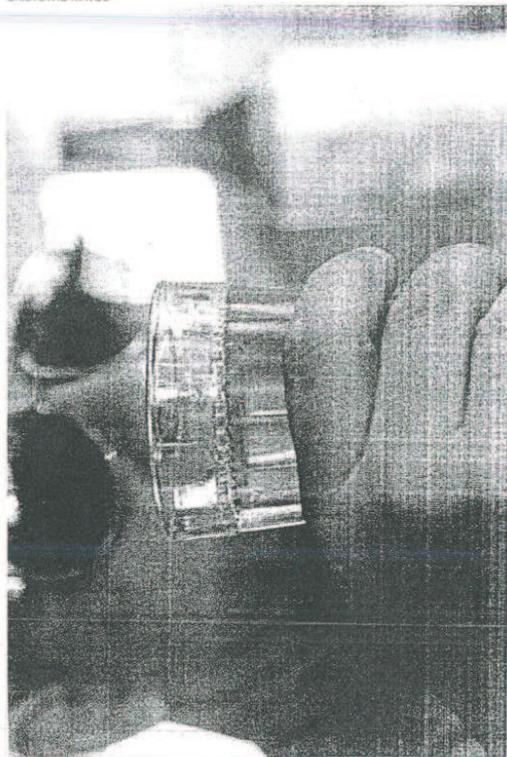
É preciso ressaltar que o abuso alcoólico é diferente do alcoólico porque não inclui vomitar e beber, perda do controle e dependência física. Por outro lado, o alto consumo de álcool tem chances de incluir a síndrome do alcoolismo, doença que o gastroenterologista médico gastroenterologista

ta José Mauro Barbuti explica que o órgão mais afetado pelo álcool é o fígado, pois ele é o responsável por metabolizar e quebrar as moléculas do agente químico. O segundo órgão a ser afetado é o cérebro. Nela, ao serem metabolizadas, as moléculas são jogadas na corrente sanguínea: "Vão para o cérebro e entram em reação com os neurônios, ocasionando as alterações de comportamento".

## COMA ALCOÓLICO

O fígado absorve 90% do álcool tentando eliminá-lo. "O problema é que a cada uma hora, o fígado elimina a quantidade de álcool equivalente a uma lata de cerveja. Muito pouco quando a pessoa está bebendo de forma contínua. Ao chegar ao cérebro, a bebida começa a afetar o sistema nervoso, e aí inicia o processo do coma alcoólico", afirma. Com isso, cada vez mais os neurônios trabalharão menos, e a pessoa perderá a sensibilidade corporal e a capacidade de discernimento. "O paciente entra em estado de sonolência, e depois vem a inconsciência até chegar ao coma", complementa a cardiologista Beatriz Alvarenga.

Conforme os especialistas, não é possível afirmar a quanti-



CRISTOVAO MATOS

Médicos alertam para a dificuldade do fígado eliminar grande quantidade de álcool

hora para um homem adulto saudável e até duas horas para as mulheres. Outro fator relevante é que, acima de cinco doses, a pessoa corre riscos de inúmeras naturezas, como acidentes, ferimentos e quedas. Já quantidades superiores a 10 reações, há gravidade da morte por toxicidade alcoólica.

Em um vídeo veiculado pelas plataformas sociais, o universitário aparece ingerindo bebida alcoólica e passando mal na festa, após participar de uma das várias competições promovidas por várias repúblicas de estudantes. Na ocasião, outras cinco pessoas precisaram ser levadas para o pronto socorro.

Os médicos chamam atenção para os primeiros passos para socorrer uma vítima de coma alcoólico. "Um indivíduo que está entrando neste estado alcoólico apresenta dificuldades para respirar, por isso, é preciso que ele seja transportado para um local aberto e arejado, para que haja meio de respiração adequada no momento do sono. Outra dica é verificar os sinais vitais, para garantir que nada de mais grave tenha ocorrido. Apesar de adotar esses cuidados iniciais, é imprescindível, na dúvida, acionar o serviço de emergência ou levar o paciente até o hospital", orienta a cardiologista.

O gastroenterologista Barbuti frisa a importância de sempre verificar a frequência respiratória, os batimentos cardíacos e a temperatura corporal. "Vire a pessoa de lado. Assim, caso ela vomite ou convulsione, não se engasgará. Mantenha a vítima aquecida com casacos ou cobertores. Vale alertar também que de nada adianta ficar dando doce, açúcar, medicação sem conhecimento médico, café e outros métodos. O paciente que chega nas condições de coma alcoólico deve ser levado imediatamente ao hospital", recomenda.

06.03.15



**Roberto Carneiro**  
Especial para  
**UMA VÍZUA**

A venda ou o fornecimento, mesmo que gratuito, de bebida alcoólica para menores de dezoito anos é proibida por Lei. Nem os próprios pais podem fazê-lo. Essa proibição está prevista no Art. 243 da Lei 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente - Dos Crimes em Espécie.

A Lei, entretanto, não tem sido cumprida por omissão, tolerância, displicência, má fé, interesses comerciais e outros motivos inconfessáveis.

A análise desta temática, na realidade, deve ser desenvolvida não somente à luz da Lei, mas, e principalmente, à luz do bom senso, da valorização do Ser e dos relacionamentos interpessoais. Cuidar bem da educação de crianças e jovens para princípios e valores que preservem a vida e a dignidade é tarefa de cada família e de toda a sociedade. A Lei busca dar forma a esta necessidade básica.

O aumento do consumo de álcool pe-

# Os adolescentes e o álcool

los jovens, em idade cada vez mais precoce, preocupa pais e educadores do mundo todo - e a nossa cidade não é exceção.

São inúmeras as pesquisas que têm sido realizadas e divulgadas (basta "dar uma volta" pela Internet para tomar conhecimento); quase todas elas nos renetem a informações como estas:

► 40% das mortes entre jovens ocorrem em acidentes de trânsito, sendo metade causados por alcoolismo;

► 50% de crianças entre 10 e 12 anos já provaram bebida alcoólica;

► São raros os pais que não fazem vista grossa sobre o consumo de álcool entre filhos adolescentes;

► Meninas têm sido vítimas de estupro por terem ingerido bebida alcoólica e, em consequência, ficando sem autoconsciência e autocontrole;

► Laros desintegrados são convivem a todo tipo de desajuste;

► Relacionamento familiar insatisfatório aumenta em 121 vezes a chance de desenvolver dependência;

► O primeiro contato dos adolescentes com álcool acontece muitas vezes dentro de casa, sob os olhos dos familiares;

► 28% bebem pela primeira vez em casa e, em 21,8% dos casos, as bebidas foram oferecidas pelos pais;

► 23,81% bebem pela primeira vez devido às pressões do grupo de amigos, 11% brigaram após beber, e 19,5% faltaram à escola;

► Importante registrar que a maioria dos jovens afirma que começou apenas por curiosidade. Ora, ninguém precisa por a mão no fogo para saber que queima...

...A educação severíssima do passado deu lugar a seu oposto absoluto - a liberdade total. O que se vê hoje são grupos e garotos indo a festas várias vezes por semana e voltando para casa as citi-



bílica: "Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não me deixarei dominar por coisa alguma" (1Cor 6,19). É um aprendizado que, ancorado na nossa fé na vida, nos engaja em uma caminhada comum de busca de vida em plenitude (Jo 10,10) para os nossos adolescentes e jovens.

A pedagogia da presença, que é o contato habitual com os adolescentes e jovens, constitui um dos eixos mais significativos da educação. Por isso, é fundamental que não deixemos perder a proximidade pedagógica que ensina e que aprende e que tem a força de cultivar a vida, de valorizar a família, de propiciar a felicidade e de realizar os sonhos.

*(Roberto Carneiro é diretor geral do Colégio Marista de Goiânia, da Rede de Colégios do Grupo Marista e mestre em Administração, pedagogia e licenciado em Letras)*

co da manhã. Nem todos, é claro, não abusar do álcool. Mas essa rotina desregada é certamente um convite aos excessos. Uma das características da juventude - não necessariamente um defeito - é querer experimentar de tudo." (Ilana Pinsky - Psicóloga)

Está mais do que na hora de os adultos, pais e educadores, se unirem para ajudar esses jovens que, sem perceberem, estão trilhando um caminho muitas vezes sem volta.

E não nos esqueçamos da mensagem

18-03-16

## CRIME

# Polícia apreende fabricantes da droga do amor

Um comprimido de ecstasy chega a custar R\$ 45 no mercado ilegal das drogas. Polícia prendeu seis suspeitos de produzirem droga para outros Estados

Tom Carlos

A Polícia Federal investiga as rotinas de produção de uma quadrilha que atuava supostamente na fabricação de ecstasy. Conforme o órgão de investigação, o laboratório encontrado pela corporação, em parceria com a Polícia

Militar de Goiás, tinha material com capacidade produtiva de 1 milhão de comprimidos.

No local, a polícia encontrou 80 kg de cafeína, além de 15 kg de clobenzorex. Chamou a atenção da polícia o fato de que oito carros considerados "de luxo" estavam sob o poder dos suspeitos.

A droga é comercializada em festas eletrônicas e boates frequentadas pela classe média e alta de Goiás, Minas Gerais, Bahia e São Paulo. Durante a prisão cautelar, que ocorreu na madrugada de ontem, a polícia deteve seis pessoas. Os investigadores desejam saber exatamente os mecanismos de produção e distribuição do tóxico, bem como os caminhos por onde segue o dinheiro arrecadado com o crime do tráfico.

Batizada de pílula do amor, o ecstasy é feito em laboratório e permite que o usuário diminua a reabsorção de um neurotransmissor relacionado à felicidade (a serotonina). Com isso, o viciado vive em constante euforia quando está sob efeito da droga. Um comprimido chega a custar R\$ 45 no mercado ilegal das drogas.

Durante a sua atuação, a equipe policial prendeu um dos suspeitos em um laboratório no Residencial Solar Bougainville. Ele acabou indicando aos investigadores que uma chácara em Bela Vista de Goiás seria, de fato, o local onde se dava a produção.

A investigação da polícia começou há um ano, quando a corporação identificou um laboratório com milhares de comprimidos. Uma das táticas do grupo de traficantes e produtores era modificar o endereço do laboratório.

## INVESTIGAÇÃO

Agora, a Polícia Federal tem ainda uma outra missão: deter um dos envolvidos que estaria livre. Ele pode ser uma peça importante na quadrilha e caso permaneça livre pode voltar a articular a quadrilha.

Ainda ontem, a PF apreendeu 4 mil comprimidos de ecstasy em um veículo no município de Gravataí (RS). Um homem e uma mulher transportavam a droga e foram presos em flagrante. Além dos comprimidos de ecstasy, foram apreendidos o veículo.

# MUNDO



▶ Homem esqueneira participante de parada gay em Jerusalém. Suspeito ultrarrabioso já havia feito ataque similar em 2005. Ele saiu da cadeia recentemente, após ficar 10 anos preso. Pelo menos seis pessoas ficaram feridas.

▶ Atividades protestam no Japão contra uso de pele de crocônilo em bolsas. Eles manifestaram em frente à loja da Hermes em Tóquio. Atriz Jane Birkin pediu à marca para retirar seu nome de bolsa.

▶ Indiana de 14 anos passará por aborto tardio após decisão judicial. Juízes concordaram que ela não tem condições físicas para gravidez. Possível autor de estupro em fevereiro, um médico está sob custódia.

EDITORA: MARIA AUGUSTA DO PLAMALTO / mundo@dm.com.br / (62) 3267 1179

## URUGUAI

# Paz na maconha e guerra ao álcool

### Pioneiro em legislações liberais na área de maconha, aborto e casamento gay, vizinho do Brasil convive com normas restritivas contra álcool, sal e até fantasias de carnaval

DA BBC

Matias Sosa é caixa noturno de uma loja de conveniência de um posto de combustíveis de Montevideú, mas à meia-noite se converte numa espécie de fiscal da venda de vinho, cerveja e uísque.

As 0h00 de cada dia, entra em vigor no Uruguai uma lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas até as 6h. E Sosa, de 30 anos, tem que cumprir a lei diante de clientes sedentos. "Me

título. Também proibiu o uso nos maços de expressões como "light", "mentolado" e "gold".

Deste modo, o Uruguai se inseriu na vanguarda mundial desse tipo de política, que, segundo o governo, permitiu reduzir o consumo de tabaco e as doenças associadas ao uso.

Mas o país foi processado pela maior empresa internacional de cigarros, a Philip Morris, que alega que as restrições "vão mais além" das de outros países e violam um tratado de



ações situadas. Sem nunca deixar de lado o momento mais importante, cada instante

www.dmr.com.br

Diário da Manhã

DMR.COM.BR

GOIÂNIA, DOMINGO, 2 DE AGOSTO DE 2015



**MORRE CANTORA LYNN ANDERSON**

A cantora americana de música country Lynn Anderson morreu na noite desta quinta-feira (30) aos 67 anos. Ela é conhecida pela canção "I never promised you a Rose Garden", que lhe valeu um prêmio Grammy em 1970.



**FOTOS DE KURT COBAIN MORTO**

Courtney Love e Frances Bean Cobain, viúva e filha de Kurt Cobain, estão pedindo a um juiz de Seattle, nos EUA, que abra divórcio logo de cara da morte e cultras registros em uma ação judicial que busca garantir que o vocalista do Nirvana foi assassinado há mais de 20 anos.

EDITOR: HECTOR VILELA / DIAGRAMAÇÃO: ARTHUR DA PAZ - revista@dmr.com.br / (62) 3257-1088

# "Louco demais para viver"

William S. Burroughs, escritor do movimento beat, era um poço de divergências, drogas, inquietação e poesia

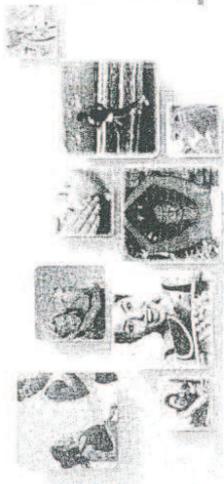


**Walacy Neto**

Especial para **DMR**

**T**êm certos livros que a gente julga mesmo é pela capa. No meu caso, têm certos livros que julgo pelo nome, como se esse fosse uma introdução do mesmo. Os títulos têm função de resumir a ideia do livro, introduzir ao leitor o tema e também amarrar toda a história em poucas palavras. Pelos títulos William S. Burroughs captura olhares e atenção. Depois vem o resto do texto, tão expressivo quanto. O primeiro, por exemplo, se chama *Os Hipopótamos Foram Cozidos em Seus Tanques*. Foi escrito em parceria com outros autores, Jack





# Saúde e bem-estar

ESTUDO

## Pesquisa mostra benefícios do chocolate amargo para o coração

Entre os efeitos demonstrados estão ações anti-inflamatórias, antioxidantes e relacionadas à vasodilatação

AGÊNCIA BRASIL

**P**esquisa publicada na revista científica *International Journal of Cardiovascular Sciences* (IJCS), da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro (Socerj), mostra que o chocolate amargo traz benefícios a pacientes que sofrem de doenças cardíacas.



maconha em sua cela. A Detenção Pública de São Paulo argumenta que o porte de drogas não pode ser considerado crime, pois não afeta bens jurídicos ou a integridade física de terceiros, além de ser um atentado contra a liberdade individual.

Muito se questiona a respeito do que aconteceria caso a des-

judicamento pode ocorrer com a criminalização seja aprovada. Liberdade à apologia do uso ilimitado e inconsequente de drogas ou diminuição de ocorrências consideradas insignificantes, o que deixaria a Segurança Pública livre para atuar em casos considerados mais sérios?

Mirito Newton, um dos organizadores da Marcha da Maconha de Goiânia desde 2009 e membro do Coletivo da Marcha da Maconha, em entrevista ao DM, defende que "com a descriminalização do porte de drogas se tem uma diminuição signifi-

## Militante diz que 'marcha da maconha' não é apologia

Uma parte da sociedade acredita que a polêmica Marcha da Maconha é um evento cujo objetivo seja a simples

apologia ao uso indiscriminado de drogas. Organizadores da Marcha, entretanto, defendem que ela é mais do que

"O uso recreativo e das lutas, mas nem delas. Claro que qu

is  
d  
c  
t:  
N

TRÁFICO

06.08.15

JUSTIÇA

## Caminhão com três toneladas de maconha apreendido em Rio Verde

Pai e filho conduziam veículo com placa de Anápolis e foram pegos na BR-060. Essa foi uma das maiores apreensões de droga da região

Nasser Najjar

Um caminhão com fundo falso foi detido pela Polícia Rodoviária Federal com cerca de três toneladas de maconha na noite de terça, 4.

O veículo vinha sendo rastreado pela polícia desde o Mato Grosso do Sul.

Os detidos, que são pai e filho, alegaram que não sabiam que transportavam drogas. De acordo com depoimentos, eles teriam sido contratados por telefone para levar o caminhão de Campo Grande

até a cidade de Anápolis. Caso sejam condenados, ambos podem pegar até 20 anos de prisão por tráfico de drogas interestadual.

Os detidos e o caminhão foram encaminhados para a Polícia Federal no Distrito Federal. De acordo com nota divulgada pela polícia, o destino de comercialização da droga seria o Entorno do DF. Essa foi uma das maiores apreensões de drogas da região, uma operação que contou com a PRF, PF e o Comando de Operações de Divisa (COD).



Droga encontrada em Goiás seria enviada para cidades do Entorno do Distrito Federal: pai e filho podem ser condenados a 20 anos de prisão

+

## Novo I hon

Por acusa que

A loja Novo Mundo Móveis Ltda terá que pagar indenização de R\$ 25 mil, devido ao constrangimento ao qual um cliente teria sido exposto. Cabe recurso da decisão. Ele foi acusado de roubar um formulário e depois foi revistado na porta da loja por policiais militares. O juiz Héber Carlos de Oliveira, do 1º Juizado Especial Cível de Aparecida de Goiânia, condenou a loja.

Ao citar a Constituição Federal (artigo 5º, V) e o Código Civil (artigo 186 c/c o 927), o juiz Héber Oliveira observou: "É evidente que houve a prática de um ato ilícito, pois o autor foi atingido nos seus direitos e personalidade. Emerge daí o dano moral".

BR-153

## Três p envo Acidente grav

REDAÇÃO, COM INFORMAÇÕES DO G1

Na noite de terça, dia 4, aconteceu um grave acidente na BR-153, em Uruaçu, norte de Goiás. O motorista da ca

CRIME

## Polícia prende mais um líder do tráfico carioca

Após morte do traficante mais procurado do Rio de Janeiro, policiais conseguiram localizar Da Cabrita. Ação policial limpa Estado de criminosos perigosos

A Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro prendeu outro líder do tráfico de drogas. Trata-se de Alcides Luiz Fernandes, 46, conhecido como Da Cabrita. Ele liderava o comércio de drogas no Complexo do Caramujo, na zona norte de Niterói, região metropolitana do Rio.

No sábado, o traficante de drogas mais procurado do Rio de Janeiro, Celso Pinheiro Pimenta, o Playboy, foi morto por policiais no morro da Pedreira, em Costa Barros, zona norte, em ação da Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil, com o apoio da Polícia Federal. De acordo com a Polícia Civil, houve troca de tiros durante a operação de captura.

O criminoso foi levado para o Hospital Federal de Bonsucesso, mas não resistiu aos ferimentos, chegando morto à unidade. Ele era apontado co-



Depois do Playboy, a Polícia Civil do Rio de Janeiro queria muito a prisão de Da Cabrita: cartaz oferece R\$ 1 mil para informações. Para Playboy, soma era de R\$ 50 mil

mo chefe do tráfico no complexo da Pedreira, e de uma quadrilha de roubo de cargas.

O Disque-denúncia oferecia R\$ 50 mil de recompensa por informações que levassem à captura de Playboy, que é foragido do sistema penitenciário desde 2005, quando ganhou direito à prisão no regime semiaberto e foi transferido para o Instituto Penal Ismael Pereira Sirieiro. No dia 26 de agosto de 2009, o trafi-

cante saiu para trabalhar e não voltou ao presídio. Várias operações foram feitas para tentar prendê-lo. Contra ele, havia 22 mandados de prisão, a maioria por roubo e homicídio, além de anotações por tráfico de drogas e porte ilegal de armas.

Já 'Da Cabrita' tinha cinco mandados de prisão e o serviço de Disque Denúncia oferecia recompensa de R\$ 1 mil por informações sobre seu esconderijo.

DECISÃO

10.08.15

## STF julga descriminalização das drogas na quinta-feira

Não criminalização do porte de drogas para uso próprio será julgada no Supremo Tribunal Federal. Recurso apresentado por detento condenado tenta liberdade

O Supremo Tribunal Federal (STF) marcou para quinta-feira (13) o julgamento sobre descriminalização do

porte de drogas para uso próprio. O recurso é relatado pelo ministro Gilmar Mendes. A decisão do STF terá impacto

em 248 processos parados em outras instâncias do Judiciário.

A descriminalização do porte de drogas para uso

# Programa é suspenso em Goiás

### Município do oeste goiano não pode fazer novas contratações que envolvam seleção de beneficiários

ASSESSORIA MPF-GO

O Ministério Público Federal em Goiás (MPF/GO) obteve a suspensão do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) em mais um município goiano. Desta vez, o juiz federal Jesus Crisóstomo de Almeida, mantendo decisão liminar, de dezembro de 2014, determinou que a Caixa Econômica Federal (Caixa) e a União mantenham suspensas as novas contratações que envolvam seleção de beneficiários do programa em Iporá, município distante 226 quilômetros de Goiânia.

A sentença faz parte do julgamento pelo MPF/GO, em 2014, de 68 ações civis públicas que têm por objetivo fazer com que a Caixa e o Ministério das Cidades suspendam a execução

de novas contratações do PMCMV em vários municípios goianos, até que comprovem ter regularizado a execução do programa especialmente quanto à falta de transparência e publicidade dos critérios e do processo de seleção dos candidatos.

A partir das investigações do MPF/GO para apurar supostas ações ou omissões ilícitas praticadas pelos municípios localizados na área de atribuição da Procuradoria da República em Goiás, na execução do PMCMV, constatou-se que todos apresentavam irregularidades, especialmente quanto à não divulgação permanente do cadastro e da identificação dos inscritos, para consulta da população, conforme preveem as normas que regem o programa.

Foi necessário recorrer ao Juízo metropolitano de Goiânia.

# Chás proibidos

Resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) publicada ontem no Diário Oficial da União proíbe a fabricação, distribuição, comercialização e o uso de todos os lotes de chá misto Camomila e Cidreira, Chá Misto Macã e Hortelã Dia e Chá Misto Macã e Camela, e Chá Misto Macã e Hortelã Dia, além do Chá e Hortelã Dia contêm falsa in-

dicação para lactentes. Já o Chá Misto Maçã e Canela contém a espécie vegetal Casca de Jabuticaba (Myrciaria cauliflora), que não consta na composição da bebida. O Chá Noite Tranquila Aromático contém a espécie vegetal Anis estrelado, também sem indicação na composição da bebida.

Em maio deste ano, a Justiça Federal já havia determinado a suspensão do programa em Senador Caneido, município da região metropolitana de Goiânia.

12/08/2014

# PRF apreende 900 kg de maconha

### Droga estava espalhada pelo banco traseiro e porta-malas de carro roubado. Depois de fugir da barreira policial, dupla abandonou o veículo e fugiu a pé



Veículo lotado da droga seguiu em direção a Goiânia



**Oníria Guimaraes**  
Especial para Cidades

Mais uma grande apreensão de maconha foi feita na BR-060, próximo a Rio Verde. Desta vez foi a Polícia Rodoviária Federal que apreendeu a droga, no último domingo (20). Cerca de 900 kg de maconha foram encontrados no banco traseiro e no porta-malas de um veículo roubado. O carro seguia em direção a Goiânia, os dois ocupantes aban-

donaram o carro às margens da rodovia e fugiram a pé.

A apreensão foi possível graças a denúncias recebidas pelos agentes de que o motorista do carro estava fazendo manobras perigosas pela rodovia. Na barreira, a polícia tentou parar o veículo. "Eu fiz a abordagem pensando que ele estava embriagado. Dei o ordem de parada do veículo, ele simulou que ia parar, foi até a direita da via, quando eu me aproximei, ele empreendeu fuga", disse o inspetor da PRF Izzac Serra.

Depois de fugir da barreira,

os suspeitos seguiram de carro cerca de 2 km, saíram da pista e percorreram mais alguns metros pelo mato às margens da rodovia. Em seguida, entraram na mata. Eles continuam buscando ajuda durante a fuga.

O veículo que transportava a droga estava com placas falsas, mas o documento original foi encontrado pelos agentes no interior do mesmo. A droga estava espalhada pelo banco traseiro e no porta-malas. Segundo a PRF, o carro foi roubado em Aparecida de Goiânia no dia 16 de agosto.

22-08-15

**MUNDO**

► Casal cancela casamento e banquete é servido a descoberto nos EUA. Festa de US\$ 25 mil em hotel de Sacramento não sendo reembolsada. Cerca de 90 sem-teto participaram do jantar.

► Brasileiro morre em voo entre Lisboa e Dublin e é lida moribundo passageiro. Jovem de 24 anos teve convulsão. Ficou agressivo e mordeu passageiro. Portuguesa foi presa no mesmo avião suspeito de tráfico de drogas.

► Mais da metade quer leis mais duras para armas nos EUA. Oz pesquisa Gallup diz que 55% defendem maior controle e chibagem nas vendas. Mas 43% dos entrevistados disseram ter ao menos uma arma de fogo.

EDITOR: ARTHUR DA PAZ / arthur@dm.com.br / (62) 3267-1179

LEGALIZAÇÃO

# ONU quer drogas liberadas

## Empresário vaza documento que organização pede descriminalização de todas as drogas no mundo

DA REDAÇÃO

O empresário Richard Branson, dono do conglomerado Virgin, divulgou uma nota no site da companhia ontem em que afirma que o Escritório da ONU sobre Drogas e Crime (UNODC, na sigla em inglês), preparou um comunicado pedindo que os governos descriminalizem "o uso e posse de todas as drogas para consumo próprio".

Segundo Branson, o comunicado foi entregue para ele, para a rede britânica BBC e outros.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Estado. "Depois, após a negociação, cobrão os administrativos pretendem repor os dias que a biblioteca ficou fechada? O Governo Federal vai descontar salários de quem não trabalhou durante três meses?", questiona.

Apesar do medo de estudantes como Alexandra Moraes Ribeiro, a greve continua. Ontem, os trabalhadores técnico-admi-

ciamento e Gestão (MPOG), a administração pública consegue reajustar em 5,5% o salário.

Já o reajuste nos benefícios ocorreriam a partir de 2016. Para 2017, o governo propõe reajuste de 5%, mais 0,1%, e que chegaria a 3,9%. A categoria segue em consulta em todo o país, mas é quase certo que o governo aceitará a contraproposta da Fasubra.

que chegam para a instituição. Carla Benitez Martins, da UFG Regional Jataí, informa que os campi do interior apresentam problemas diferentes do campus central. O comando de greve explica que o rombo nas contas da UFG chega a R\$ 40 milhões.

"O reitor mostrou algumas planilhas e relatou um rombo de R\$ 40 milhões deste ano, mas

## Maconha encontrada em caminhão da Friboi

Veículo foi apreendido no Paraná e fazia o transporte da droga que estava camuflada junto a carnes da empresa



**Fernanda Laune**

Da Editoria de Cidades

Um caminhão da Friboi foi apreendido com 232 kg de maconha, durante abordagem policial na cidade de Londrina, no Paraná. Os entorpecentes encontravam-se congelados e escondidos juntos com as carnes da empresa. De acordo com a Divisão Estadual de Narcóticos (Denarc), cinco pessoas foram presas acusadas de tráfico de drogas.

A investigação durou cerca de três meses. Dois funcionários, de uma transpor-

tadora do município de Palotina, no Oeste do Paraná, que presta serviços para a Friboi, foram contratados pelos traficantes. Eles faziam o transporte das drogas de Naviraí (MS) para o Norte do Paraná e recebiam R\$ 10 mil pelo transporte.

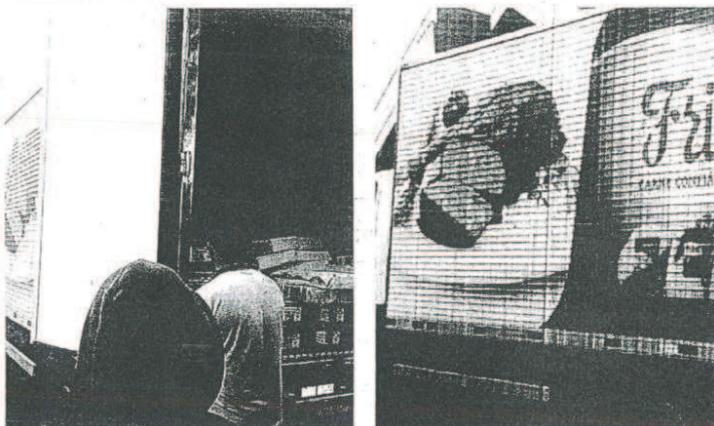
Para a polícia, o motorista e auxiliar da transportadora relataram que não conheciam os contratantes do serviço e que tudo foi combinado via telefone. Equipes aguardaram no local a chegada dos receptadores, que estavam num veículo C4 e foram presos em flagrante.

A maconha foi avaliada em R\$ 232 mil no mercado

ilegal e seria revendida na cidade de Londrina. Todos os envolvidos não têm antecedentes criminais e foram encaminhados para a delegacia e posteriormente ao Centro Integrado de Triagem (CIT).

### RESPOSTA

Em nota encaminhada ao jornal Diário da Manhã, a empresa JBS (Friboi) esclarece que não tem nenhum envolvimento com o ato ilícito no Paraná, em que o caminhão foi utilizado para camuflar o entorpecente. A empresa ainda reforça que segue colaborando com as investigações conduzidas pela Polícia Civil.



Funcionários de empresa que presta serviço à Friboi transportavam droga em meio a carne

10-09. 15

**GOIÂNIA**  
 HOJE: QUINTA SEXTA  
 temperatura: 30/14 31/15 32/14  
 umidade: 64%/25% 64%/25% 65%/18%  
 índice UV: 8 - Extremo 8 - Extremo 7 - Extremo

**BRASIL**  
 Aracaju (SE) 31/12  
 Belo Horizonte (MG) 24/12  
 Belo (PA) 34/12  
 Boa Vista (RR) 34/12  
 Brasília (DF) 27/12

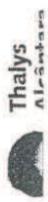
**MUNDO**  
 Assunção 31/12  
 Berlim 14/12  
 Buenos Aires 30/12  
 Lisboa 15/12  
 Londres 17/12

**LA UCA**  
 Lima 15/12  
 Los Angeles 17/12  
 Madrid 17/12  
 Nova York 17/12  
 Paris 18/12  
 San Francisco 27/12  
 Santiago 27/12  
 Sydney 24/12

POLÊMICA

# STF pode decidir hoje sobre porte de drogas

Votos dos ministros ainda são incertos. Veja a posição de Coiás nessa questão



THALYS AIRLINES  
 não approve a descriminalização.  
 Desde o último dia de julga-  
 A presidente do Grupo Exe-

HPV

# Imunização masculina é imprescindível

Apesar de causar mais problemas em mulheres, 50% dos homens portam papilomavírus



**Nasser Najar**  
Da Editora de  
**Cidades**

Em setembro, o Ministério da Saúde iniciou a campanha da 2ª dose da vacina contra o HPV (papilomavírus humano). A vacina contempla meninas de nove a onze anos. A segunda dose da vacina é imprescindível para que a imunização seja efetiva. Mas não apenas as mulheres precisam se prevenir contra o HPV. Os homens também contraem o vírus e estão propensos a patologias graves.

Conforme ressalta a médica Marliene Lucinda, especialista em vacinas do Laboratório Paulista, além de ser o principal transmissor do vírus para as mulheres, o homem, quando não imunizado contra o HPV, pode desenvolver doenças como câncer de pênis, na região anal e de orofaringe. "A imunização mas-

culina da atividade sexual. A doutora ressalta que "a atividade sexual tem sido iniciada cada vez mais cedo, por isso é aconselhável que a imunização ocorra entre os nove a onze anos". A rede pública só disponibiliza vacinas para mulheres de certa faixa etária.

## DOENÇA

Existe mais de 100 tipos de HPV, a doença é transmitida em relações sexuais. A maioria das infecções por HPV é assintomática ou inaparente e de caráter transitório, ou seja, uma pessoa que adquiriu o vírus pode não apresentar nenhuma lesão ou sintoma ou, ainda, apresentar uma lesão que regride espontaneamente, mesmo sem tratamento.

Por motivos desconhecidos, o homem sofre menos com o papiloma do que a mulher. Porém a taxa de mortalidade também é alta. De acordo com pesquisa divulgada na revista médica The Lancet, pelo Centro de

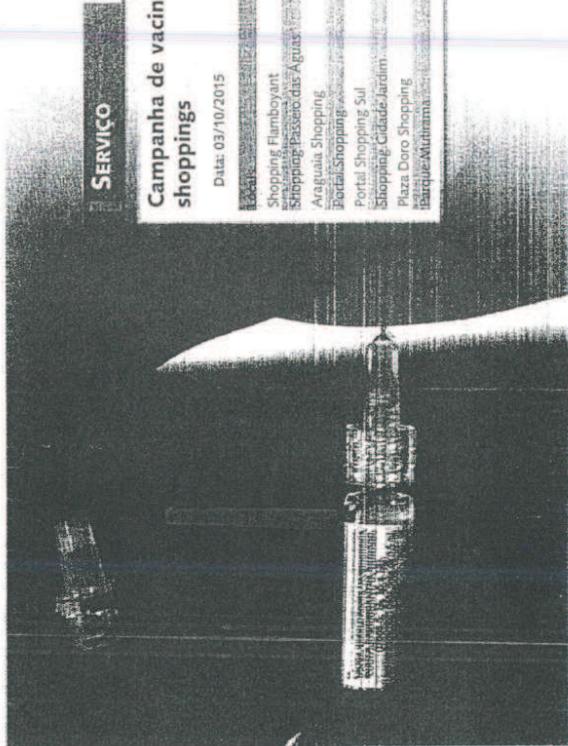
DIVULGAÇÃO

## SERVIÇO

### Campanha de vacinação contra HPV nos shoppings

Data: 03/10/2015

Local	Horário
Shopping Flamboyant	10:00 às 21:00
Shopping Passado das Águas	10:00 às 21:00
Araguaia Shopping	08:00 às 20:00
Bertali Shopping	10:00 às 21:00
Portal Shopping Sul	10:00 às 21:00
Shopping Cidade Jardim	10:00 às 21:00
Plaza Doro Shopping	10:00 às 21:00
Parque Mutumma	09:00 às 17:00



Apesar de não ser distribuída pela rede pública, vacina contra vírus é efetiva para meninos

GUERRA ÀS DROGAS

# PM monta base na Praça Universitária

Unidade de monitoramento permitiu a prisão de mais de 60 pessoas envolvidas com uso e tráfico de drogas em apenas uma semana. Crack e maconha lideram as apreensões



**Helmiton Prateado**  
Especial para Cidades

O comando da 37ª Companhia da Polícia Militar montou uma base operacional na Praça Universitária para fazer uma varredura em traficantes e usuários de drogas. Em menos de uma semana foram presos mais de 60 envolvidos com entorpecentes

selmo Pereira (PSDB), e mostrou a eficiência do serviço.

Policiais especialmente treinados operam os serviços de vigilância que se valem das câmeras especiais instaladas na torre retrátil e nas laterais do microônibus. Quando é preciso o policial pode aproximar o foco e identificar atitudes suspeitas de indivíduos a até 500 metros dentro de seu perímetro. Policiais à paisana que circulam pela praça são acionados de imediato e abordam os indivíduos in-





23-09-15

## Mercado ilegal de armas e munições no Brasil



**Salesio Nuhs**

Especial para  
**OPINIÃO PÚBLICA**

A Receita Federal brasileira divulgou um balanço que revela um aumento de 369,9% no número de apreensão de armas e munições no primeiro semestre deste ano – quatro vezes maior que o valor registrado no mesmo período de 2014. Segundo a Receita Federal, o crescimento do número de operações, principalmente nas regiões de fronteira, foi o principal responsável pelo aumento das apreensões.

Fato é que as fiscalizações nas fronteiras brasileiras são essenciais no combate à ilegalidade e, embora tenha ocorrido aumento, os dados demonstram que estas áreas ainda encontram-se bastante vulnerá-

veis ao contrabando.

A indústria brasileira é penalizada por uma resolução da Camex, que estabelece uma taxa de 150% para exportações aos países de fronteira, além de outros, salvo para órgãos governamentais, o que na prática impede as exportações. Portanto, este contrabando não é de produtos nacionais que retornam.

O comércio legalizado está sujeito a um burocrático sistema de controle e fiscalização, incluindo marcações em estojos das munições. Essa exigência visa a observância de uma série de requisitos para que a posse e/ou porte de arma de fogo e munição esteja dentro dos parâmetros admitidos pela Lei nº 10.826/2003, mais conhecida como Estatuto do Desarmamento.

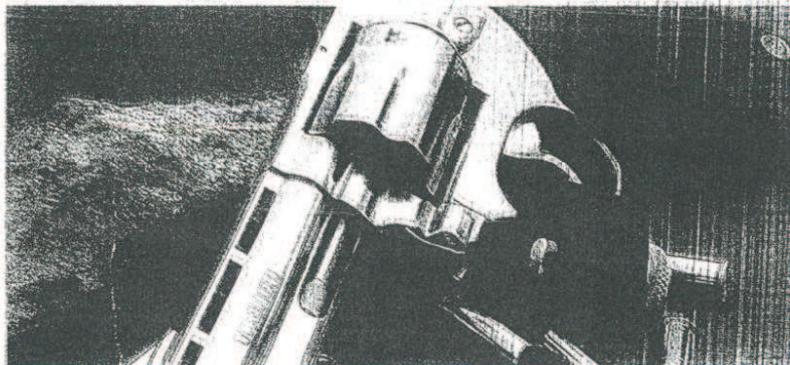
Na medida em que o mercado brasileiro é invadido por produtos contrabandeados ou fabricados de forma clandestina localmente, em fábricas ilegais, subverte-se

completamente a lógica das políticas públicas de segurança.

O Estatuto do Desarmamento além de ter desarmado apenas o cidadão de bem, colocou na irregularidade quase nove milhões de armas de fogo, que estão impossibilitadas de adquirirem legalmente suas respectivas munições, isso fortalece o mercado ilegal.

O Projeto de Lei nº 3722/2012, de autoria do deputado federal Rogério Peninha, em debate atualmente na Comissão Especial da Câmara dos Deputados, é o caminho para transformar o atual "Estatuto do Desarmamento", no "Estatuto do Controle", uma vez que atualizará os critérios legais para aquisição de armas e munições e firmará regras claras com o intuito de combater a ilegalidade.

*(Salesio Nuhs, presidente da Associação Nacional da Indústria de Armas e Munições - Aniam)*



## Prisão

# Forte aparato na escolta de Iterley

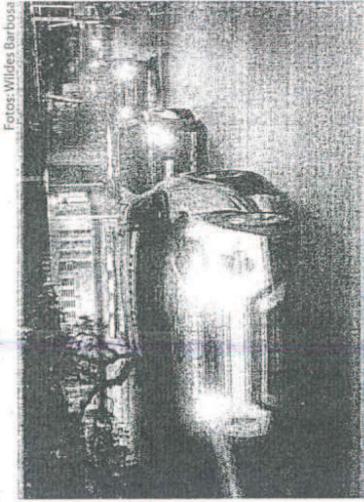
Traficante chegou em Goiânia no começo da noite de ontem em voo comercial vindo do Ceará

Andreia Bahia e Rosana Melo

O traficante Iterley Martins de Sousa, o *Magrelo*, preso no final da tarde de segunda-feira, em Fortaleza, no Ceará, chegou ontem a Goiânia às 18h30 em um voo comercial da TAM. Ele veio escoltado por cinco policiais da Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos (Denarc) - inclusive o titular da Denarc, Alécio Moreira - responsáveis pela sua prisão. Policiais do servi-



Iterley é levado por policiais civis no Aeroporto Santa Genoveva, onde chegou às 18h30



Viaturas deixam o aeroporto com o traficante preso

## Parceria com Zói Verde e disputa com ex-cliente

Rosana Melo

de 40 tiros em São Luiz de Montes Belos.

Desde então, o gerente dos negócios e irmão de Andrades, Thiago César de Sousa, que Iterley Martins de Sousa

de drogas e homicídios. A Denarc solicitou à Delegacia de Investigações de Homicídios (DIH) um levantamento de quantos inquéritos estão em

um centro de reabilitação de Fortaleza, no final da tarde, onde havia ido buscar uma cadeira de rodas para a esposa dele que ficou paraplégica

apresentado hoje, às 10 horas, à imprensa no auditório da Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária

# Droga na escola

23-09-15

Três adolescentes do 9º Ano do Ensino Fundamental foram apreendidos após fazer uso de drogas no ambiente escolar. PM suspeita que jovens traficassem na instituição de ensino



**Ariana Lobo**  
Da Edição de

**N**a tarde de ontem (22), três adolescentes do 9º Ano do Colégio Estadual Fisocial foram apreendidos após fazerem uso de drogas dentro do ambiente escolar. Conforme explica o diretor da instituição, Elton Ferraz, em entrevista ao DM, após o registro as funcionárias da limpeza perceberam odor diferente no banheiro masculino e informaram a coordenação.

"Fomos lá e constatamos que havia realmente um odor diferente. Encontramos, então, três alunos do 9º Ano na quadra da escola. Fomos até eles e percebemos que havia algo errado, pois eles estavam rindo demais e com cheiro forte", conta o diretor.

Elton explica que imediatamente as providências cabíveis para resolver o caso foram tomadas: "chamamos o Batalhão

Delegacia de Polícia de Apuração de Atos Infracionais (De- pai) com acompanhamento de um coordenador de turno da escola e dos pais", relata Elton.

O diretor afirma que os adolescentes apreendidos não apresentavam má conduta dentro da escola. Eles eram, em geral, alunos bons e apresentavam notas razoáveis. Não apresentavam indisciplina no cotidiano escolar. "Eles cometeram um delito, sim, mas em geral são alunos bons", defende Elton.

## TRÁFICO

A suspeita da Polícia Militar (PM) é de que os adolescentes também comercializassem os entorpecentes dentro da unidade escolar, pois encontraram até cigarros já preparados. Entretanto, Elton Ferraz descarta essa possibilidade. "É claro que sempre aconteceram os boatos e nós estávamos de olho em alguns alunos que suspeitávamos que vendiam. Mas nesse caso específico, os alunos não tinham na escola nenhuma quantidade que indicasse que



Para PM, jovens não faziam apenas uso, mas vendiam drogas no ambiente escolar

centé o uso ou posse de entorpecentes dentro do ambiente escolar é um ato infracional, além de ser um ato de indisciplina e in-

## Menor apreendido com